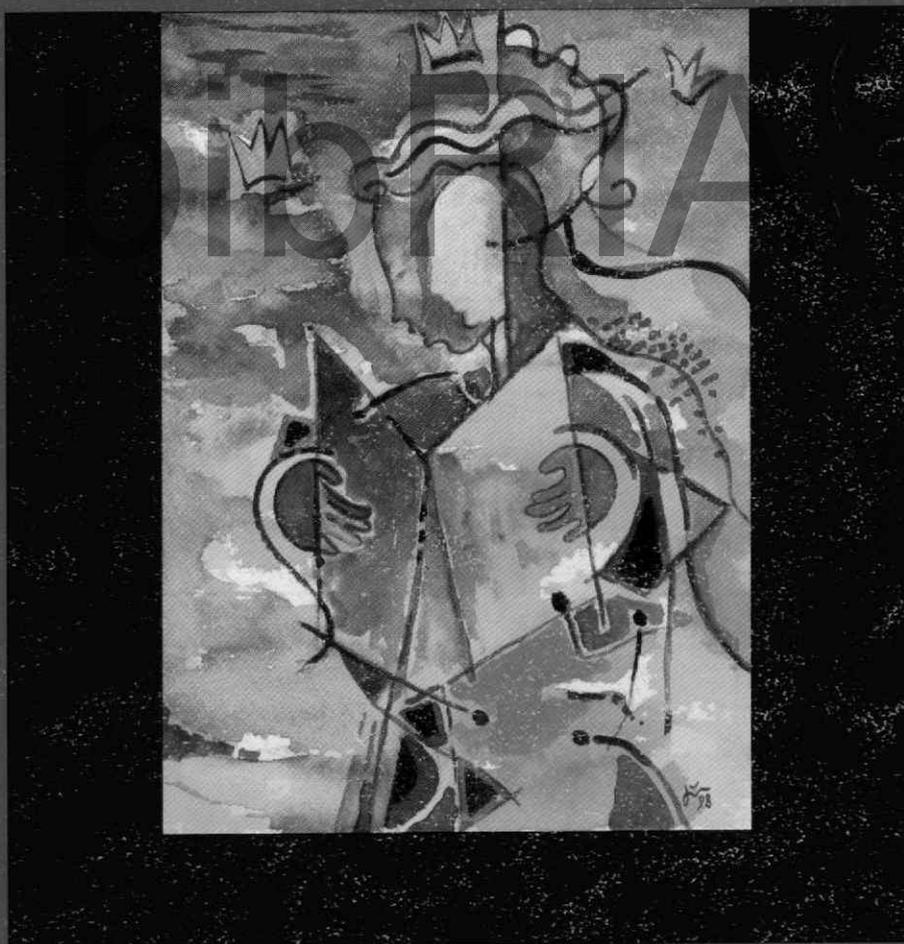


# AVEIRO

BOLETIM  
MUNICIPAL



ANO XV - Nº 29-30



FL  
908  
141

# AVEIRO

## BOLETIM MUNICIPAL



ANO XV - Nº 29-30

# bibRIA



**BIBLIOTECA**  
municipal de aveiro

FUNDO  
LOCAL

INTERDITO  
AO  
EMPRÉSTIMO



**BIBLIOTECA**  
municipal de aveiro

PUBLICAÇÕES  
PERIÓDICAS

**OFERTA**



BIBLIOTECA

LOCAL

INTERMIO  
DO  
MUNICÍPIO



BIBLIOTECA

MUNICIPAL

OPERA

AVERIRO

BOLETIM  
MUNICIPAL

# bibRIA



"Escrever é agir" - disse Lacordaire. É; mas a inversa é igualmente verdadeira. Escrever é agir - e agir é escrever... escrever sem tinta, que em certos casos tem de ser o sangue das nossas veias. Nuno Álvares, com a sua espada, escreveu, nos plainos de Aljubarrota, a página mais linda da história de Portugal! E pode dizer-se que Vasco da Gama escreveu os *Lusíadas* muito antes de Camões! E a mãe, que vela o filhinho doente, como o lavrador, que semeia o campo, como o estudante, que prepara a lição, como o operário, que ergue o muro, escrevem também lindos capítulos deste grande livro - a Vida.

*Alamyrio Gomes de Mello*  
(A Arte de Ler, 2ª ed., 1941, pgs. 23-24)

# bibRIA

---

**BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO**

Publicação Semestral de Índole Cultural e Informativa

Ano XV - Dezembro de 1997 - Nº 29-30

---

# bibRIA

## **BOLETIM N° 29-30**

---

**DIRECÇÃO:** Presidente da Câmara Municipal de Aveiro - Vereador do Pelouro da Cultura

---

**PROPRIEDADE:** Câmara Municipal de Aveiro

---

**REDACÇÃO:** Biblioteca Municipal de Aveiro - Praça do Dr. Jaime de Magalhães Lima - 3800 Aveiro

---

**SUPERVISÃO:** Assessor Cultural da C.M.A. - Mons. João G. Gaspar

---

**CAPA:** Jeremias Bandarra (Designer)

---

**TIRAGEM:** 1.000 exemplares

---

**COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:** Gráfica do Vouga, Lda. - Rua do Loureiro, 13 - 3810 Aveiro

---

Depósito Legal nº 12 442/86

---

ISSN: 0873-335X

---

# Sumário

|   |    |
|---|----|
| Abertura<br>Jaime Borges  | 7  |
| Autores Regionais tomam a palavra   | 11 |
| Palavras de apresentação<br>Dr <sup>a</sup> Manuela Pinheiro  | 13 |
| Estudos Regionais - Uma abordagem<br>Arsénio Mota   | 15 |
| Ecos do Universal no local<br>Dr <sup>a</sup> Idália Sá-Chaves  | 20 |
| Os caminhos difíceis para publicar...<br>João de Lemos  | 22 |
| As Autarquias e os seus Escritores<br>Dr. Idalécio Cação  | 24 |
| Será tragédia o drama?<br>Dr. Costa e Melo  | 27 |
| Acerca do temário emanado da Câmara Municipal<br>Dr. Vasco Branco   | 31 |
| O Escritor Regional - Nos subúrbios da periferia<br>Dr. João de Mancelos  | 34 |
| Reparos de um estudioso regionalista<br>Dr. António Capão   | 37 |
| A importância dos autores regionais na defesa<br>do património linguístico<br>Dr <sup>a</sup> Fátima Rezende Matias | 40 |
| O escritor e a sua terra - Por um novo viver e agir<br>Dr <sup>a</sup> Rosa Maria Oliveira                          | 42 |
| Contra ventos e marés<br>Prof <sup>a</sup> Aida Viegas  | 44 |
| Noticiário  | 49 |

# bibRIA

Os textos assinados são da responsabilidade dos autores.

Os artigos publicados podem ser transcritos, total ou parcialmente, desde que se indiquem a origem.

# Abertura

Entre as actividades programadas pelo Pelouro da Cultura e realizadas durante a Feira do Livro, que teve lugar em Aveiro entre os dias 29 de Maio e 10 de Junho de 1997, efectuou-se um encontro de Autores Regionais. Assim, no dia 7 de Junho, alguns deles tomaram a palavra, sendo escutados com muito interesse pelos participantes.

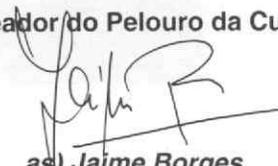
Julgou-se que os seus testemunhos não podiam ficar apenas circunscritos às paredes da Biblioteca Municipal e às horas em que foram proferidos; por isso, resolveu-se publicá-los neste *Boletim Municipal*.

Embora ocupe desde há pouco tempo o lugar de vereador responsável do Pelouro da Cultura, entendo que a Autarquia, entre as suas preocupações e na medida em que lhe for possível, deve cooperar na edição de obras dos nossos autores e no trabalho dos nossos artistas. Porém, não se podendo atender a tudo ao mesmo tempo, é natural que se acertem critérios, sem menosprezo para ninguém.

Com este *Boletim*, pretende-se homenagear quem, sempre com amor e tantas vezes com sacrifício, se debruça sobre a história milenar de Aveiro, sobre as tradições que são parte da sua identidade e sobre as pessoas que a têm enobrecido ao longo dos séculos. Mercê do empenho e da pena dos nossos escritores, Aveiro não é esquecida; o seu presente, com alicerce no passado, é penhor de auspicioso futuro.

Bem hajam todos os Autores Regionais.

O Vereador do Pelouro da Cultura,



as) Jaime Borges

Este es el primer documento que se ha publicado en el mundo. Fue escrito en el año 1492 por el autor Juan de la Cruz. El documento trata sobre la vida y las obras de Cristo. Fue escrito en el idioma castellano y es el primer libro impreso en España. Fue publicado en la ciudad de Salamanca en el año 1492.

Este es el primer documento que se ha publicado en el mundo. Fue escrito en el año 1492 por el autor Juan de la Cruz. El documento trata sobre la vida y las obras de Cristo. Fue escrito en el idioma castellano y es el primer libro impreso en España. Fue publicado en la ciudad de Salamanca en el año 1492.

Este es el primer documento que se ha publicado en el mundo. Fue escrito en el año 1492 por el autor Juan de la Cruz. El documento trata sobre la vida y las obras de Cristo. Fue escrito en el idioma castellano y es el primer libro impreso en España. Fue publicado en la ciudad de Salamanca en el año 1492.

# bibRIA

Este es el primer documento que se ha publicado en el mundo. Fue escrito en el año 1492 por el autor Juan de la Cruz. El documento trata sobre la vida y las obras de Cristo. Fue escrito en el idioma castellano y es el primer libro impreso en España. Fue publicado en la ciudad de Salamanca en el año 1492.

Este es el primer documento que se ha publicado en el mundo. Fue escrito en el año 1492 por el autor Juan de la Cruz. El documento trata sobre la vida y las obras de Cristo. Fue escrito en el idioma castellano y es el primer libro impreso en España. Fue publicado en la ciudad de Salamanca en el año 1492.

*[Firma]*  
Juan de la Cruz

10-01 — Aveiro

10-02 — "Espaços Regionais: uma abordagem"

Luís de Matos, Susana e Carmelo

11-01

11-02

11-03



*Aveiro — Paços do Concelho*



**bibRIA**

# Autores Regionais tomam a palavra

- 10H00 — Abertura
- 10H30 — "Estudos Regionais: uma abordagem"  
*Arsénio Mota, escritor e jornalista*
- 11H00 — "Ecos do universal no local"  
*Profª Drª Idália Sá-Chaves, professora na Universidade de Aveiro*
- 11H30 — "Os caminhos difíceis para publicar..."  
*João de Lemos, artista e escritor*
- 12H00 — "As autarquias e os seus escritores"  
*Dr. Idalécio Cação, professor universitário e escritor*
- 12H30 — Debate
- 14H00 — "Será tragédia o drama?"  
*Dr. Costa e Melo, escritor e colaborador de vários jornais*
- 14H30 — "Acerca do temário emanado da Câmara Municipal"  
*Dr. Vasco Branco, artista, escritor e cineasta*
- 15H00 — "O Escritor Regional: nos subúrbios da periferia"  
*Dr. João de Mancelos, professor na Universidade Católica (Viseu)*
- 15H30 — "Reparos de um estudioso regionalista"  
*Dr. António Capão, professor e escritor*
- 16H00 — "A importância dos autores regionais na defesa do património linguístico"  
*Profª Drª Fátima Rezende Matias, professora na Universidade de Aveiro*
- 16H30 — O escritor e a sua terra: por um novo viver e agir  
*Drª Rosa Maria Oliveira, professora e escritora*
- 17H00 — Contra ventos e marés  
*Profª Aida Viegas, professora e escritora*
- 17H30 — Debate
- 18H30 — Encerramento



*Ria de Aveiro — Um barco moliceiro*

bibRIA

É hoje um lugar comum dizer que nas bibliotecas existe um acesso privilegiado a todas as formas de criação literária; às obras científicas e de divulgação, às que se destinam a preencher as horas de lazer e à informação nos mais diversos suportes. É contudo inegável afirmar que as bibliotecas conservam não só a memória do mundo, mas também a memória da vida social.

O desenvolvimento e a implementação das bibliotecas públicas portuguesas nos últimos anos, decorrentes do Programa Nacional de Bibliotecas Públicas lançado em 1987, contribuiu para que nestes serviços se criassem e desenvolvessem núcleos de documentação, tradicionalmente chamados de fundos locais, os quais têm como finalidade imediata preservar a memória e a identidade de um concelho.

Estes projectos estão inspirados numa filosofia que se baseou no Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Públicas, do qual destacamos: *“promover o conhecimento sobre a herança cultural; apoiar a tradição oral e assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação da comunidade local”*.

Assim, consideramos que a Biblioteca Municipal de Aveiro deve desempenhar um papel importante no diálogo activo com o município de Aveiro, contribuindo simultaneamente para o acesso à informação e para a preservação da memória e identidade do município, divulgando os seus valores literários, os seus escritores, a sua história e a sua cultura.

Podemos definir fundo local como um *“conjunto organizado de espécies documentais, qualquer que seja o seu suporte (impresos e audiovisuais), produzidas por uma comunidade ou com ela relacionadas, que se referem aos mais variados aspectos da sua vida histórica e às suas actividades. Assim, o fundo local engloba documentos sobre a história, a política, a economia, a sociedade, as instituições, a vida religiosa, as actividades associativas e sindicais, culturais e desportivas, as artes, as letras as personalidades, etc, de uma determinada comunidade”*.

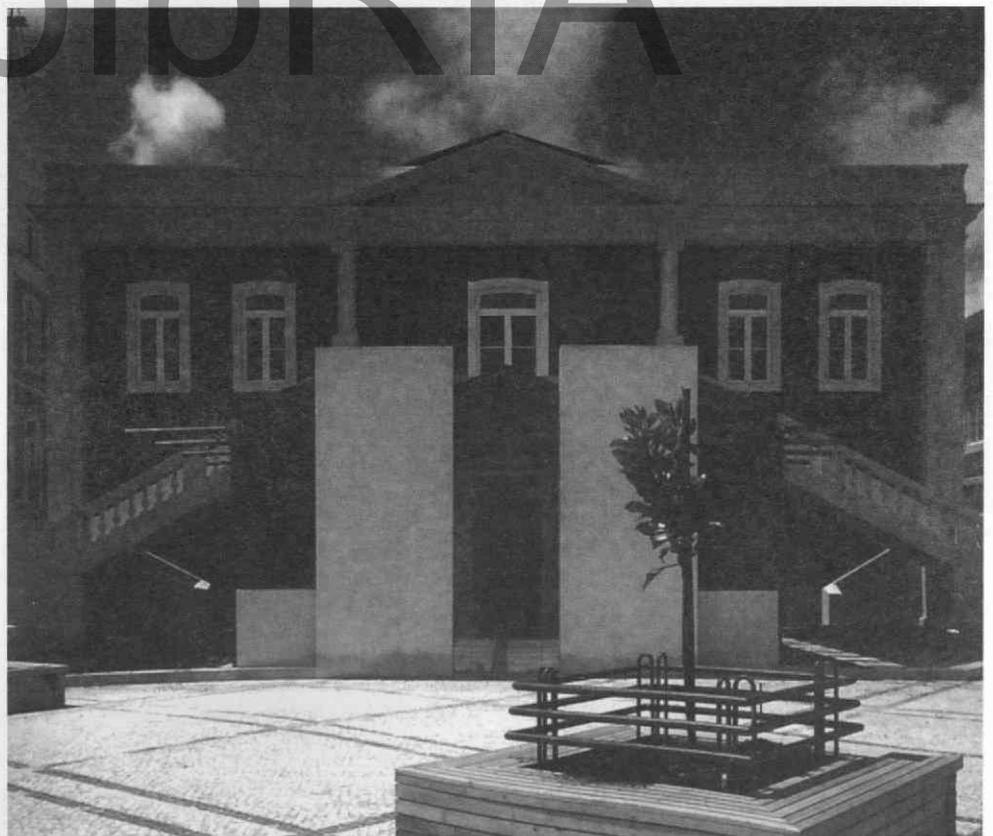
O fundo local surge na Biblioteca Municipal de Aveiro como um conjunto de documentos, importantes para a promoção da ligação da Biblioteca com a comunidade local. Se, por um lado, o conjunto da documentação do fundo local pretende dar resposta às necessidades de informação dos utilizadores, ele deve também surgir como o espaço privilegiado para a divulgação e promoção dos escritores locais e da imprensa da região.

Por isso, concretizar a realização de eventos, - baseados nas referências bibliográficas do núcleo acima referido - como este que hoje estamos a iniciar, que envolvam um conjunto de escritores ou de profissionais da comunicação social, os quais têm nas suas edições ou as temáticas desse títulos relacionados com Aveiro, ou a sua região, é estar a promover um dos serviços da Biblioteca Municipal de Aveiro, o da informação local.

Assim, preservar ou promover a obra de autores da região consagrados, tais como Mário Sacramento, João Sarabando, Jaime de Magalhães Lima, etc., ou estimular valores actuais, como João de Mancelos, Luís Serrano, Costa e Melo, João Gonçalves Gaspar, Cecília Sacramento, João de Lemos, etc., não é só encontrá-los nas estantes das bibliotecas ou promovê-los através dos serviços das edições da Camara Municipal de Aveiro, ou concretizando o apoio ao lançamento de novos livros ou a aquisição de novos títulos; iniciativas que têm sido um meio de promover os novos valores literários ou consagrar os já existentes. Penso que, face ao exposto, já todos os presentes tiveram consciência dos objectivos que motivam a organização das Jornadas que hoje vamos iniciar, isto é, a autarquia não pode ter papel passivo na promoção dos seus valores literários, integrados somente nos fundos das suas bibliotecas ou nos títulos das suas edições, deve também - e nesse sentido dou a partir de agora a palavra aos participantes - estimular o debate entre os intervenientes que contribuem para criação de uma história literária local e nacional.

Aveiro, 7 de Junho de 1997

# bibRIA



*Biblioteca Municipal de Aveiro*

# Estudos regionais — Uma abordagem

Arsénio Mota

Escritor e jornalista;  
presidente da Associação de Jornalistas  
e Escritores da Bairrada

Comecei a publicar livros em 1955, mas não será dessa experiência, longa de mais de quarenta anos, que pretendo falar aqui. O que venho dizer divide-se em três partes, que talvez possam designar-se como **preâmbulo**, seguida de uma **proposta** e terminando com uma espécie de **demonstração**.

1. Numa reunião como esta, em que intervêm autores radicados em diversos pontos envolventes da cidade de Aveiro, vamos ouvir testemunhos sobre a situação em que se encontram os autores arredados dos grandes centros e sobretudo da capital. Distanciados das editoras, das sedes dos órgãos de comunicação social de maior audiência e prestígio, dos círculos sociais influentes, isto é, de quem escreve também e é “vedeta” ou, escrevendo e falando, critica e comenta o que os outros escrevem, pouco faltará ou sobrá certamente para que muitos dos autores regionais sejam tidos em Lisboa como “provincianos”. Todos o sabem, não é novidade para ninguém, e por isso, ao partilharmos nesta jornada as nossas experiências pessoais, teremos de aludir fatalmente ao tecido das dificuldades que nos envolvem e manietam. São as distâncias, a escassez de contactos e de convívios, as solidões e os desânimos. São os tormentos para se editar uma obra (como se não bastassem as agruras e as canseiras para a realizar), são as faltas de atenção e de leitores para a obra publicada, e a frustração tremenda por a vermos a cobrir-se de poeira em vez de circular pelo país, e a recusa dos distribuidores e dos livreiros de a aceitarem ao menos em consignação, é a cegueira dos críticos e jornalistas que apenas têm olhos e desvelos para prodigalizar as obras das “vedetas” e pouco mais... E como se tudo isto, que é excessivo, fosse pouco, ainda se pretende impor a ideia de que a obra, com o trabalho e o talento que a produziram, nada ou pouquíssimo deve render ao autor, pessoa que terá de contentar-se com a dita de ver a sua obra publicada e, pasme-se, por arranjar para ela meia dúzia de leitores!

Os autores do distrito de Aveiro, que não são ou não querem ser “vedetas” e que, portanto, são “provincianos”, vêem hoje as suas dificuldades seriamente agravadas, pois o país como que encolhe de tamanho perante a avalanche crescente de produtos literários com que a indústria cultural inunda o mercado a um ritmo veloz, crescente, alucinante. O nome do autor “vedeta” tende cada vez mais a vender a obra, adquire-se

o livro pela “marca” que é o nome do autor, e este vai-se obrigando a obedecer à “receita” do seu êxito para não perder freguesia. Assim, ler o seu último título e ler o seguinte, a fórmula do êxito repete-se de um para o outro e os leitores descansam, lêem sempre o livro modelar com pequenas variantes, acabam-se as surpresas e os esforços do entendimento.

Nesta situação, na realidade, não descobrimos razões para atenuar o rigor de uma prevenção que fizemos há poucos anos. O mercado está a consumir, isto é, a queimar a literatura, pois a rápida rotação das obras literárias no mercado faz com que uma quantidade crescente de pessoas leia as obras de cada vez menos autores. Com uma agravante: essas obras tenderão a ser cada vez menos variadas.

É esta a situação geral. Conviria que os autores regionais de Aveiro encontrassem alguma forma expedita de sobrelevar um pouco a crise que afecta a circulação do livro e de conquistarem novos leitores, pelo menos para resistirem à onda do sufocamento. Ora os leitores potenciais mais acessíveis são habitualmente os que moram na própria envolvência ambiental de cada autor. Esses leitores aparecem em boas condições para se interessarem francamente pelas obras que exprimam algo das suas envolvências familiares, nas quais, por sinal, cada autor está imerso. Conhece-as, portanto, muito de perto e talvez mesmo na perfeição. Nestas condições, somos levados a pensar que um dos caminhos mais positivos que resta aos autores aveirenses será este, que os levará a escrever sobre temas ligados à sua terra e à sua região, e a encontrarem na sua terra ou região o público que de outra forma, noutros lados, não têm ou lhes escasseia. Há câmaras municipais sensíveis, conforme bem o sabemos, ao papel que também lhes cabe cumprir nesta área cultural e que vêm publicando livros com temáticas ou ambiências apropriadas, e outras entidades próximas que poderão fazer outro tanto.

A conclusão que vos antecipo, porque sinceramente acredito nela, é esta, que nos convida a desviar os olhos das colinas de nenhures, de onde não descortinaremos o mundo, para nos levar a descobrir todas as potencialidades culturais e literárias que estão dentro dos nossos quintais domésticos. Desistamos, pois, de ir procurar longe o que lá mingua ou até não existe, e busquemo-lo antes aqui. Isso importa frontalmente àquilo

que se convencionou designar como “estudos regionais”, matéria ainda pouco debatida e, por isso mesmo, a requerer a seguir uma pequena abordagem.

2. Os estudos regionais são ainda hoje uma raridade. Surgem com alguma frequência estudos isolados sobre temas específicos em ligação, sob qualquer forma, com uma dada região, mas o que se pretende é apontar a inexistência quase completa de estudos regionais ordenados por um programa mais ou menos sistemático.

Tamanha carência pode surpreender quem tenha presente esta nossa época de vigorosas afirmações político-administrativas, em Portugal e noutros países europeus. Manifestam-se na criação de governos autonómicos regionais, movimentos descentralizadores e desconcentracionários, apelos ao reforço das autarquias, etc. Entretanto, repete-se que vivemos num tempo em que o regional, o local e mesmo o particularizado encontram espaços abertos para vicejar, como se um movimento de refluxo estivesse a querer reequilibrar o tão carregado pendão do mundo para a osmose massificante, o esmagamento da diversidade no molde unificador da “aldeia global”.

No entanto, por debaixo da fina capa das aparências, não é isto exactamente o que se verifica. Em Portugal, a esfera cultural revela evidentes dificuldades em acompanhar as mudanças por que está a passar a esfera social e, portanto, as transformações político-administrativas, resultantes das forças sociais, não vão tendo reflexo condizente no plano cultural. As procuras das identidades, nacionais ou regionais, que andam tão em voga, ainda mais realçam estas dificuldades.

Quem quiser encontrar um elemento de inovação terá que apontar para o único que se faz conhecer, o caso açoriano, que surge, nesta perspectiva, como um “caso” ganhando por isso algum aspecto exemplar. Para além dos Açores, região autónoma que proclama uma cultura de raiz a que não falta a expressão literária, apenas se nos deparam simples migalhas de cultura regional espalhadas pelo país e sem possibilidades de verdadeira sistematização.

Evidentemente, poderão aduzir-se, em sentido inverso, as obras artísticas que se deixaram impregnar por certas regiões portuguesas, digamos as obras literárias de um Aquilino beirão serrano, um Camilo minhoto, um Eça lisboeta, um Torga transmontano, e já agora, abrindo um pouco mais o leque, um Teixeira Gomes algarvio, um Manuel da Fonseca alentejano, um Alves Redol ribatejano, um Nemésio açoriano, um Carlos de Oliveira gandarês... Mas não é disso que singelamente se pretende falar agora. Os estudos regionais debruçam-se sobre essas obras, alimentam-se delas e vão mais longe, organizando-se como um corpo teórico estruturado por um projecto autojustificável e com vida própria.

Todavia, as culturas regionais permanecem ainda num estado embrionário, retidas a distância por um desinteresse que parece desvalorizá-las, até aos olhos de gente culta, como se fossem expressões subalternas do que pode encontrar-se algures em formas mais lídimas e categorizadas. Mas tal ideia é errónea e, talvez por isso, continua a faltar-nos o “olhar regional”, enquanto os estudos regionais são tidos muitas vezes numa relação com a entidade “província” e com o folclore, mesmo com o provincianismo cultural, intuindo-se o regional contraposto à cidade “capital”, ou seja, degradando-o como mero regionalismo.

Não há dúvida de que é preciso proceder quanto antes a uma reforma de mentalidade neste aspecto, corrigindo noções defeituosas que se conservam pela lei da inércia. Persiste ainda demasiada confusão nas ideias correntes relacionadas com o lugar justo que devemos atribuir de direito aos estudos regionais e convém corrigi-las, como estorvos que são à melhor acção cultural. Aspira-se comumente a uma “universalidade”, projecção ideal o mais vasta possível mas tão falaciosa que poucos parecem importar-se com o que realmente seja. Por tal caminho, está a perder-se a inteligência do que é a *universalidade*, o *universal* e o *universalismo*, palavras ressonantes com significações diferentes que no entanto acabam por se amalgamar lamentavelmente, passando a significar o mesmo arbitrário.

É preciso dizer com toda a clareza que esta noção da *universalidade* corrente não vale mais do que a “universalidade” das ficções de Walt Disney. Não tem marcas de tempo nem de lugar para mais facilmente comunicarem com os heterogêneos públicos planetários. Os referentes são cuidadosamente expurgados dessas ficções não para atingir uma pretensa dimensão universalista, em obediência a um postulado estético, mas sim por comecinhos e muito utilitários interesses comerciais. E quando gente de cultura se afoita na defesa desta “universalidade”, como se fosse a derradeira paragem a caminho do paraíso, é o mesmo formulário inestético que inadvertidamente está a defender.

Veja-se o caso do gandarês Carlos de Oliveira. Toda a sua obra literária, prosa e poesia, se embebe completamente num pequeno espaço do concelho de Cantanhede, ali em Febres e arredores. Vejam-se também os autores com obras célebres que se localizam num simples bairro, digamos lisboeta, por vezes numa pequena rua. Não precisaram de mais para crescerem até à máxima altura.

Enfim, não é pela rasura das marcas de tempo e lugar que mais se atinge a universalidade. Não é pela supressão do tempo e lugar que uma obra chegará a ser de todos os tempos e todos os lugares, antes se arrisca ao extravio. E se há quem porfie no contrário, isso deve-se a um efeito da ideologia do mercado infiltrada nos domínios da criação literária e da crítica de arte, ideologia

que tende para o descaro de se consagrar como bom o que mais se vende e consome, prometendo gerar mais gordos benefícios. No entanto, não se compara uma obra produzida acatando as receitas do sucesso garantido, portanto de fórmula decalcada, com uma outra obra realmente inovadora, que assume as contingências para as superar com rasgos de génio. Salvé, Carlos de Oliveira entre os seus pares!

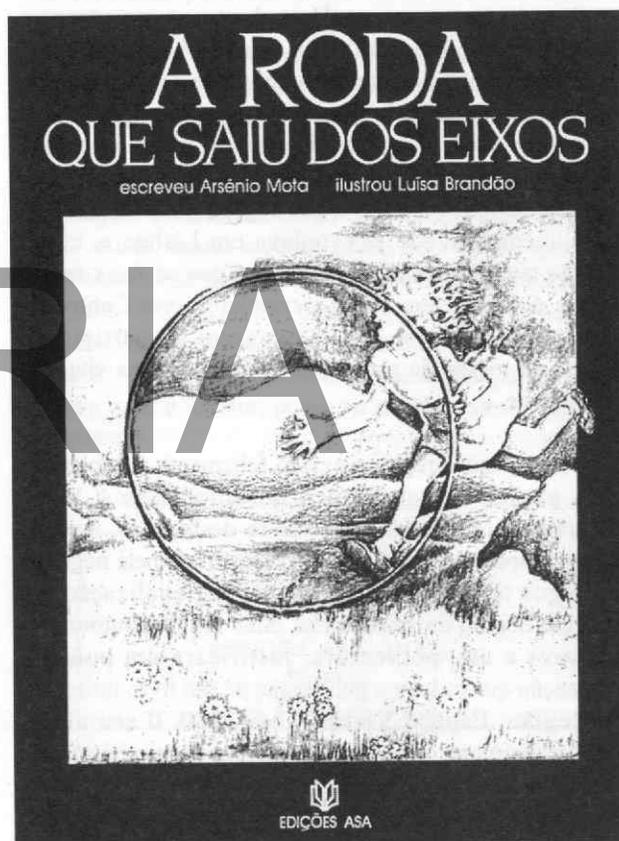
Vendo bem, uma obra conseguida não dispensa de facto o *hic et nunc* a fim de ganhar coerência interna, força expressiva e autenticidade (que é dignidade) artística. Não dilui na vaguidade de intenção “universalista” as suas marcas de origem em nome de uma ilusória eficácia, antes se ergue numa circunstância concreta para se projectar, a partir dessa base, em direcção ao céu mais alto que tudo recobre e pode espelhar. Enfim, não vive fora do tempo e do lugar por muito que queira fugir-lhes.

Nenhuma cultura começa por ser universal ou se anima com ambições de vir a sê-lo, embora possa tornar-se universalizável à força de assimilações e generalizações cada vez mais extensas e profundas ao serviço de algum poder. Assim acontece com os romances focados numa pequena rua lisboeta, num espaçozinho da Gândara. Uma cultura “universal”, seja popular ou erudita, rural ou urbana, científica ou técnica, humanística, estética, é concebível apenas como abstracção. No universo da cultura estão necessariamente presentes todas as culturas nacionais, regionais e locais existentes, cada uma delas imbuída da sua própria especificidade, isto é, com os respectivos traços de originalidade inconfundível e vasada numa peculiar expressão linguística. O problema que pomos aqui em debate é que podem não ter expressão e estarem em processo de perda.

Estes breves afloramentos de um tema tão vasto servem tão só para vincar que toda a obra de cultura não dispensa facilmente, ao invés do que vulgarmente se crê, as dimensões temporal e espacial. Por outro lado, em contraponto, destinam-se a estabelecer o lugar que compete aos estudos regionais para, nesse enquadramento, afirmar a necessidade de articular estudos sistemáticos relativos a cada região e, para começar, relativos à minha região natal, a Bairrada. De olhos limpos veremos então que os estudos regionais em geral são complementares dos de âmbito nacional, pois o mosaico de uma nação se compõe de localidades e regiões individualizadas que é preciso contemplar e conhecer a fim de acedermos à compreensão do todo nacional. Não poderemos conhecer a nação senão na medida em que conhecermos as regiões que a compõem, e não poderemos conhecer uma região senão na medida em que conhecermos a miríade de locais que a integram. Se é possível sentir e compreender um pequeno local até à interiorização, por estesia, da espécie de vida que nele se comporta (e para isso tornam-se indispensáveis os

contributos da literatura e da arte, entre outros), poderemos ascender pelo estudo ao conhecimento de uma região inteira enquanto objecto cultural entrecruzando as múltiplas abordagens disciplinares, mas será naturalmente com muito maiores dificuldades que chegaremos a elaborar uma síntese rigorosa da incógnita entidade nacional.

No caso da Bairrada, a necessidade do seu estudo resulta especialmente notória. A região está bem presente na literatura, conforme observou Joaquim Correia (graças a contributos de escritores chegados de fora, não apenas aos seus naturais), mas continua a ter muita falta de afirmação enquanto unidade cultural. As mudanças que se notaram na verde terra do vinho maduro e do leitão assado durante os últimos dez anos, embora demonstrem a potencialidade da região, ainda não a despertam da pesada sonolência em que mergulhou há uns cinquenta anos.



Sem dúvida, é mais fácil conseguir uma integração no âmbito local ou, no máximo, concelhio, dentro da esfera dos interesses culturais mais imediatos de cada indivíduo, do que ascender à abrangência elaborada de uma abordagem de alcance regional, e tanto mais se escasseiam, acaso aflitivamente, os instrumentos operatórios, os meios práticos e os incentivos. Nestas condições, a Bairrada continua a ser bastante conhecida de nome mas desconhecida pelo que é realmente. E o país, perante si mesmo, melhor sorte não terá.

Terá sido Acúrcio Correia da Silva, nascido em 1889 na vila de Oliveira do Bairro, organizador, com António de Cértima, do grupo “Plêiade Bairradina”, em 1918, quem introduziu, julga-se que pela primeira vez, o conceito de “região,” na cultura da Bairrada. Quis transformar o sentimento da terra mãe em algo mais, numa bandeira de proclamação “regionalista” (*sic*), pois a época mais não permitia. Ergueu-se como seu defensor ardente ao publicar “Seroadas Fulvas”, livro de 1915 com versos escritos enquanto frequentava o Seminário de Coimbra, e até 1925, ano da sua morte.

Não chegou a alcançar os seus objectivos, ao finar-se com 35 anos, mas ficou o seu empenho de lançar o cabouco de uma literatura bairradina. Correspondia a “realizar o seu sonho em poema de fôlego”, como Manuel Rodrigues Lapa anotou. A brevidade da sua existência apenas lhe permitiu ensaiar um estilo renovado nas páginas da imprensa regional, onde colaborou abundantemente e onde fez reluzir o vocábulo bairradino marchetado na sua prosa. Hoje devemos regressar ao postulado fundamental do padre Acúrcio, com perspectivas naturalmente mais amplas e actuais, pois se encara a viabilidade de uma cultura regional em que a expressão literária tem de estar presente. Aliás, Rodrigues Lapa é outra referência indispensável no mesmo contexto. Manteve-se muito atento à sua região natal durante os anos juvenis quando já estudava em Lisboa e, como remédio contra a decadência cultural que se fazia sentir, chegou a sugerir em 1938 a criação de um Centro de Estudos Bairradinos para se dedicar ao património cultural da região, já naquele tempo visto numa situação preocupante.

Os estudos regionais estão felizmente a implantar-se, a ganhar terreno entre nós inclusive a nível universitário, e os equívocos vão-se desfazendo. Avanço pequeno, apesar de tudo, que pode justificar pela negativa os longos titubeios da política de regionalização em Portugal depois da criação das duas regiões autónomas insulares e até, porventura, justificará um pouco a desatenção que rodeou a publicação de um livro intitulado “A Região, Espaço Vivido”, em 1980. O seu autor, Armand Frémont, geógrafo e professor universitário, deu à luz o estudo em 1976, nas PUF, e a Livraria Almedina, de Coimbra, que o mandou traduzir, ter-se-á desanimado tanto que talvez o salde a pataco na Feira do Livro.

Não é agora ocasião para entrar no livro de Frémont ou em grandes explanações sobre o assunto. “A região, se existe, é um espaço vivido”, escreve ele, para acrescentar: “Redescobrir a região é pois procurar captá-la onde ela existe, vista pelos homens.” (p. 17) Aponta o geógrafo francês “a necessidade de descobrir ou redescobrir uma entidade que não se identifica com o território nacional: a região” (p. 12), através da designada “ciência do espaço” oriunda das universidades anglo-saxónicas, ciência que reúne nomeadamente os contributos de geógrafos, naturalistas, economistas, sociólogos, planificadores, administradores.

Mas como definir uma região? O geógrafo Orlando Ribeiro, na “Introdução ao Estudo da Geografia Regional”, escreve sobre o assunto: “uma região não é, na maior parte dos casos, apenas um produto natural, mas o resultado de uma combinação num quadro físico, de obras e acções humanas.” Sustenta que “a Geografia regional não é uma ciência do geral, mas de certo ambiente”. E sublinha: “Cada região é um ser único, a resultante de combinações complexas que não se repetem integralmente noutro lugar. (Pp. 37, 7 e segs., respectivamente.)

Pois bem, falta realmente no país toda uma cultura de matriz regional, uma cultura em que a entidade *região* seja objecto de abordagens múltiplas e frequentes, enquanto matéria de conhecimento, por exemplo da história, da economia, da geografia humana, do folclore, etc., num dado espaço. Sentimos que o país se decompõe, como um mosaico, de regiões identificáveis, mas são muito raros, quase insólitos, os estudos de qualquer espécie que contemplem algum aspecto caracterizado de uma destas partes constituintes do todo nacional. Existem, sim, estudos de incidência local, municipal, distrital ou nacional, portanto zonas reconhecidas como áreas administrativas, e escasseiam os estudos incidentes numa região enquanto entidade cultural.

Venho a pôr o dedo nesta ferida, salvo seja, desde que há uns dez anos entrei a vasculhar nas obras literárias dos autores relacionáveis com a minha região natal. As surpresas foram aparecendo e foram tantas que nunca mais me largaram. Vasculhava-se no terreno e as surpresas sucediam-se! Dariam para alimentar, não uma boca pequena e quase sozinha, antes as bocas de uma equipa inteira. Tantas obras, de tantos vultos, havia para desenterrar de injustos esquecimentos! Tanta gente viva havia por aí em derredor para conhecer! E tantos assuntos *nostros*, palpantes, por estudar! E nós, ai de nós, hoje ainda tão longe de terminarmos as tarefas e a vergar ao peso da fatura, já a pensar em abandonar o terreno!

As circunstâncias impõem-nos imperativamente as suas leis próprias, como acontece na presente circunstância, em que comecei a ler o escrito, embora contrariado, porque prefiro o improvisado gaguejante à leitura enfadonha, e agora terei de ir mais longe na contrariedade, aceitando como boa uma atitude normalmente execrada, que é a de falar um pouco por extenso do que tenho feito no espaço bairradino no âmbito dos estudos regionais. Desculpem-me com a vossa benevolência, mas acho que será sempre mais elucidativa uma demonstração pelo exemplo palpável do que a parlenga de um discurso abstracto. Eis um pouco da safra entregada há uns dez anos e avaliem-se os resultados.

3. Para começar, falarei de um livro de António Feliciano de Castilho que só graças à óptica especial que é a dos estudos regionais pode agora ver-se recuperada. Dentro de poucas semanas vai ser reeditado o romance

“Mil e Um Mistérios”, de António Feliciano de Castilho. É uma obra cheia de ironias e muita graça que evoca o ambiente da Bairrada em meados do século XIX. Foi preciso ter assumido o “olhar regional” para proceder a tal recuperação literária. Castilho conheceu a região natal de seu pai na primeira juventude pois a visitou algumas vezes. Com um irmão, residiu depois vários anos em Castanheira do Vouga, Águeda. Escreveu esta obra, inconcluída, para contrapor o viver rural bairradino, remansoso e alegre, aos excessos românticos de tristuras, sanguinolências, enredos tétricos e misteriosos. Uma primeira parte, vinte capítulos publicados em 1845, sumiu-se inexplicavelmente e só tornou a vir a lume em 1907, nas Obras Completas (póstumas), acrescentada mas deixando ainda a obra inconclusa. A edição agora a sair dos “Mil e Um Mistérios” castilianos é, portanto, de facto, a segunda. O que poderá, nesta obra, interessar-nos?

Vejamos. Com a óptica dos estudos regionais foi possível notar a “presença” literária de um autor como Castilho na Bairrada durante a primeira metade de oitocentos. Daí adveio o interesse pela retoma da sua vida e obra, que trouxe para a luz aquele romance esquecidíssimo. Foi então preciso corrigir alguma coisa nas ideias assentes: a) Castilho, longe de ser hoje “ilegível”, conforme vulgarmente se pensa, é um autor ainda cheio de frescura e graciosidade pelo menos nos “Mil e Um Mistérios”, continuando a ser um vernaculista de boa cepa; e b) finalmente, teremos de reavaliar, em julgamento actualizado e nosso, a severidade da condenação imposta a Castilho na sequência da célebre Questão Coimbrã na medida em que tal julgamento continua a influenciar-nos. Por outras palavras, graças a óptica dos estudos regionais pudemos sentir a necessidade de uma reparação de justiça literária de alcance nacional e de notar até, com algum espanto, que não estávamos sozinhos na opinião.

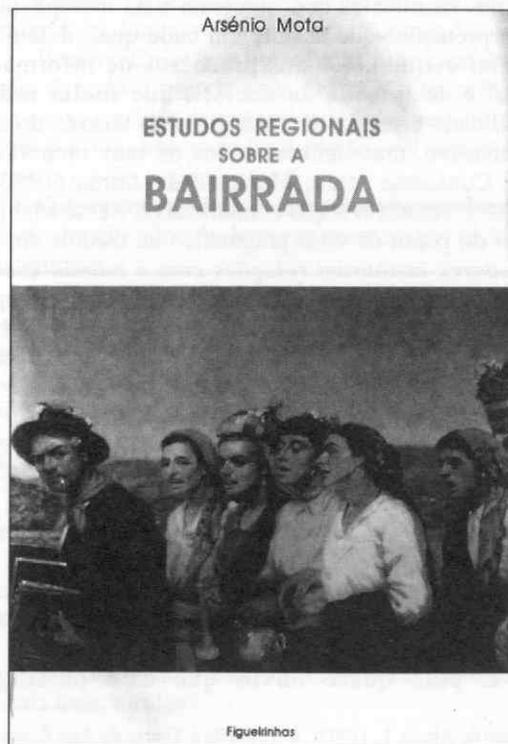
Conforme dizemos, é este o último acto do rol de intervenções culturais que temos vindo a desenvolver na Bairrada. O percurso iniciou-se há cerca de dez anos, repetimos. Palestras e conferências, encontros e convívios, organização de prémios e publicação de um suplemento “Terra Verde”, criação da AJEB (Associação de Jornalistas e Escritores a Bairrada), etc., tudo isso foi sendo acompanhado pela publicação de livros. O de Castilho ainda não saiu do prelo, não vo-lo posso exibir, mas os outros vo-los passarei a mostrar. O primeiro foi “Versos do Campo” de José Francisco Moreira, um poeta popular de Anadia que Rodrigues Lapa prefaciou nos anos vinte e que reeditámos com inéditos. Depois surgiram os “Subsídios para a História da Vinha na Bairrada - Séculos X ao XII”, por Deniz de Ramos. A antologia “Letras Bairradinas”, que organizei, recolheu 16 autores de incidência regional: Manuel Alves, o “Poeta Cavador”, Adolfo Portela, Tomás da Fonseca, Fialho de Almeida, António de Cértima e outros. Seguidamente, no volume intitulado “Encontros de Escritores e Jornalistas da Bairrada” ficaram coligidas 40 comunicações de 30

participantes de três encontros realizados até então. O esforço prosseguiu com a publicação do estudo “Relance Histórico-Linguístico Sobre a Região da Bairrada”, por António Capão.

Com os “Estudos Regionais”, de nossa autoria, insistimos de novo na necessidade de se obter uma delimitação mais ou menos credível ou científica dos contornos geográficos da região “para o que se requer naturalmente uma definição dos elementos que a caracterizam) além de aludir à arquitectura rural, arqueologia, falares, etc., e depois surgiram os “Estudos de Toponímia da Bairrada”, que recuperámos da pena de um bairradino caído no esquecimento, Joaquim da Silveira, filólogo e erudito que foi colaborador e amigo de Leite de Vasconcelos. Enfim, dedicámos ao escritor António de Cértima um estudo biográfico com inéditos que inaugurou as comemorações do centenário do seu nascimento, em Oliveira do Bairro (com ciclo de conferências publicadas em volume, monumento em bronze, realização de um vídeo, etc.), e reeditámos a “Obra Poética” de Rodrigo Rodrigues dos Santos, autor de Anadia e Mealhada que, embora polémico, foi *best seller* nos anos trinta.

Terminamos aqui, desejando que estas referências não sejam entendidas como um “olhem para o que ele fez!” e sim, muito a sério, como um “vejam quanto há para fazer e se pode fazer!” numa regiãozinha como a Bairrada. Norteados por uma perspectiva englobante dos estudos regionais, os diversos autores espalhados por aí poderão vir a ter mais presente a sua região para que a sua região, mais e melhor, possa vir a tê-los como seus - para os aplaudir.

Muito obrigado pela vossa atenção.



# ECOS DO UNIVERSAL NO LOCAL

Idália Sá-Chaves

Professora na Universidade de Aveiro

Reflectir sobre o fenómeno imprensa e seja qual for o nível de abrangência a que o façamos, é sempre reflectir sobre o inquestionável e primordial poder da palavra.

E é de facto por se tratar de uma forma de poder que esta problemática se apresenta sempre como uma questão particularmente sensível e crítica e como objecto muito mais de disputa do que de reflexão.

A constatação, velha de tempo, segundo a qual *no princípio era o verbo*, aí está a lembrar-nos não apenas esse valor primacial da enunciação verbal, mas sobretudo, o poder transformador das acções que lhe estão subjacentes e implícitas. Com efeito, fundamental nas mudanças e radical no poder transformador é o salto epistemológico que vai do enunciar ao fazer, do mundo do discurso ao mundo da acção propriamente dita. Dizer *eu amo, eu luto, tu podes ou nós conseguimos* é importante, mas decisivo é mesmo amar, lutar, encorajar e conseguir, nas coordenadas de um tempo-espaço comum, interactivo e consequente.

Porém, é na construção desta interacção possível que se revela a importância do discurso na possibilidade de persuasão do outro e é através dela que se torna possível abrir todas as portas da comunicação. Uma vez aos mais ingénua enganar e às mais puras ilusões, outras (e tantas!) aos mais perversos quanto intencionais logros, que todas as formas de manipulação subentendem.

A palavra, carregada dos sentidos que o seu autor lhe atribui e multiplicada, depois, em tantos outros que ganha nos (con)textos que integram e na multiplicidade de interpretações que suscita em cada qual, detém um potencial estimulador nos processos de informação pessoal e de tomada de decisão que inclui toda a possibilidade e magia do entendimento através do acto comunicativo, mas também todos os seus incontáveis riscos. Conforme refere Machado de Abreu (1992)<sup>1</sup> a linguagem, enquanto acção comunicativa, é essencial para a acção do ponto de vista pragmático na medida em que os *locutores instauram relações com o mundo usando frases destinadas a produzir intercompreensão*. Compete aos actores, ainda segundo o autor, aferir essa possibilidade de os interlocutores se intercompreenderem através do uso e do respeito pelos critérios *de verdade, de justiça e de veracidade dos respectivos argumentos*.

Ora é exactamente quando, intencionalmente ou não, esses critérios são negligenciados ou postos em causa, que se instalam os riscos da manipulação uma vez que deixam de estar asseguradas as condições ideais da comunicação. Ou seja, entre outras, os interlocutores não dispõem de igualdade de hipóteses de participação na argumentação, nem se concretizam nela as mesmas oportunidades para produzir actos de fala.

É pois quase óbvio que este paradigma

comunicacional habermasiano, contendo na sua matriz fundacional um princípio ético norteador e estruturante, está longe de ser, na prática, o paradigma dominante. O que todos os dias mais genericamente podemos observar no uso abusado da palavra, é a sua negação através de infundáveis e, tantas vezes subtis, artifícios que vão da omissão, à insinuação, à generalização descuidada e abusiva, ao enfeudamento acrítico dos sentidos que a palavra ora revela, ora esconde. Modos comunicacionais que estão bem longe dos valores relacionais preconizados por Habermas e que sustentam a liberdade e a solidariedade na diferença, bem como os princípios da democracia na gestão da diversidade que, nas diferenças, se constitui. Por entre os constantes atropelos a uma *praxis* legitimada por valores, aqui e ali, uma voz que se ergue umas vezes com inteligente ironia, outras com formatação mais rígida e sóbria, mas sempre com a inteligência crítica e a consciência axiológica que singulariza tal texto como barreira, como marco, como sinal, como condição e limite e como grito de alerta à condição comprometida que enclausura a palavra e subverte os sentidos da acção que ela suscita. Porém, sempre, nos tempos que correm, texto de excepção, sempre contra a corrente dos dias, sempre fora da onda na qual a palavra se afunda e o homem, indefeso, se perde.

A questão da imprensa, que hoje nos reúne aqui, não é pois, e quanto a nós, uma questão cujo *topoi* ou marco fundamental se defina pelo nível de abrangência que o discurso escrito cobre ou não cobre.

As condições de produção desse mesmo discurso e independentemente do grau de abrangência apontam sempre para coordenadas que definem um espaço e um tempo próprios nos quais a acção e/ou a reflexão narrativa ocorrem. Parece-nos então que, naquilo que se convencionou chamar de regional, o universo representado quer nas referências de contexto geofísico, quer de contexto social e humano é quase sempre espacialmente dimensionado de forma restritiva relativamente a outros universos mais latos e supostamente mais universalizantes, apenas porque mais representativos.

Nesta ordem convencional de ideias, tudo o que se produz nas grandes metrópoles seria não regionalista, ao mesmo tempo que as produções provindas das regiões suas periféricas seriam sempre de cariz regionalista. Basta porém uma leitura breve dos dois tipos de imprensa referidos para constatar a improcedência de tal suposição. Seja qual for o lugar da sua produção, os discursos têm sempre um *locus* de referência, espaço real ou idealizado do qual o autor parte conforme o invoca a partir da exterioridade ou a partir dos quadros de representação sejam da sua memória, sejam da sua imaginação.

<sup>1</sup> Machado de Abreu, L. (1992). *Introdução à Teoria do Agir Comunicativo de J. Habermas*. Cadernos Cidine 5, Aveiro.

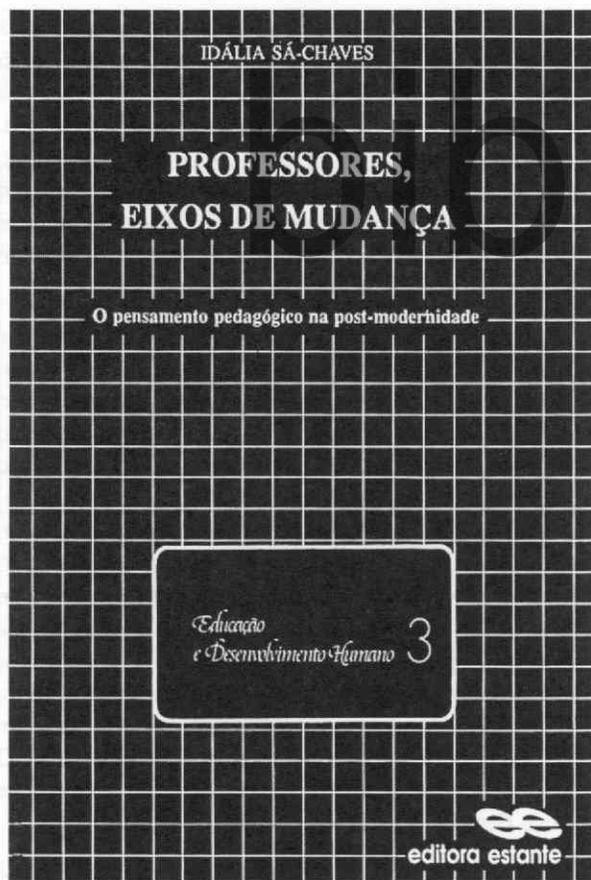
Não consideramos, por isso, a delimitação espacial de referência e seja a natureza da sua representação real ou simbólica, o factor determinante na matriz regionalista/não regionalista. O que nos parece poder contribuir para alguma diferenciação nas abordagens não passa nem pelos limites espaciais, nem pelas supostas distâncias na representatividade, nem tão pouco pelas marcações temporais que fazem a datação dos discursos produzidos.

Quanto a nós, e a existir diferença, ela passa tão somente pelas capacidades de reflexão crítica e criativa e pelo conjunto de valores que balizam os critérios de acção discursiva e práxica dos autores, enquanto pessoas comprometidas com os valores universais do humano.

Passa também e obviamente pelas referências de espaço e de tempo que norteiam, orientam e situam as narrativas.

Passa também, claro, pela descrição dos enredos e das tramas vivenciais, pelo reconto das histórias, pela revisitação dessas mesmas paisagens guardadas ou sonhadas, pela morada dos desejos, pelos olhares-longe através das janelas do mundo.

Queremos significar que o autor parte quase sempre da parte, do fragmento, do poço, da fonte, para levar o interlocutor em demanda da água e da sede e do jogo que se joga nos limites de entre uma e outra, na insaciável secura de todos os desertos e na procura de explicação para todas as miragens.



Eles, autores, partem da história pequena e local do amante, do soldado ou do cigano e vão deslizando nas palavras à procura do amor, da guerra e do ódio e, sobretudo, à procura das razões que, algum dia, hão-de poder explicar universalmente os quotidianos do homem

contra o homem, do irmão contra irmão, do amigo contra amigo.

Partem da dor infinita de um qualquer e brutal acidente e seus inquéritos póstumos e partem também da infinita alegria de um nascimento e seus rituais e desembocam num transfigurado mar de palavras onde os arquétipos de vida e de morte transcendem a narrativa, emergem do *locus* residual no qual a acção estava aprisionada e retomam, no seu significado, os sentidos universalizantes do homem.

Partem da conversa, do desaguisado, do entremês, do microcontexto e da sua imediatez; partem da trica e do incidente; partem do facto e da sua redoma de circunstâncias e estilham ambos, redoma e facto, à procura da essencialidade neles inscrita, fazendo-os revelar a dimensão mais profunda e íntima que é o pulsar, em cada parcela da realidade, do coração do homem, nu das circunstâncias que o amarram à particularidade, e o revelam na semelhança inalienável e fraterna de cidadão do mundo.

Os autores seguem depois, nas páginas com que ilustram as narrativas, os percursos maiores do tempo e fazem tombar os muros delimitadores da proximidade com o real, abrindo hipóteses conciliadoras das diferenças e encontrando nelas, formas novas de compreensão das realidades narradas.

Abrem clareiras na caminhada e semeiam nelas palavras-futuro que vão depois florir no coração de outros.

Ultrapassam no seu caminhar os retratos, as figuras e os *clichés* e ilustram de forma insuspeitada outros possíveis, novas paisagens de acção e de vida nas quais se pode morar como quem mora num país aberto e pelos quais se aceita morrer.

O real e a *coisa* cedem à ideia e à transfiguração, o local cede ao resplendor do universal que nele ecoa e a humanidade revê-se no espelho de cada homem e de cada mulher cujo quotidiano foi história, foi conto e foi notícia.

Abel e Caim matam-se todos os dias nos jornais de todo o mundo que são todos regionais quando lhes chamam José, Joaquim, Fred, Pierre, Boris ou Manolo.

Porém, Caim e Abel vivem todos os dias nos jornais de todo o mundo cada vez que o homem ama o outro como irmão e da fraternidade se dá notícia. E esta, tal como a luz, não respeita a região, vai aos confins e incendeia a polis maior.

O local cede então o lugar ao universal que nele ecoa e o resplendor do homem renasce em cada gesto transfigurado.

A linguagem não tem outra pátria que não seja a possibilidade, a hipótese da interlocução, a condição suprema da intercompreensão.

Os sentidos que veicula e que a armadilha na sua multiplicidade semântica constituem o fascínio do nosso continuado jogo com o interlocutor, ora rasteiro, medíocre e vicioso mesmo na imprensa dita não regional, ora digno, fraterno e legítimo, mesmo na imprensa dita regional.

E esta aparente contradição é porque a grandeza das palavras é a lonjura dos horizontes onde conseguem levar-nos independentemente das histórias que, para isso, nos relatam.

E a sua medida é tão só o fulgor do universal que, em cada uma, refulge.

# Os caminhos difíceis para publicar...

João de Lemos  
Artista e escritor

Quando, nos finais de 1990, concluía o texto acerca da monografia de Vilar, admitia metê-lo numa gaveta, porque não tinha condições para o dar à estampa, por razões económicas.

Entretanto, tinha dito a um amigo que me ocupava desse trabalho de passar ao papel memórias, relatos e pesquisas acerca da aldeia que me viu nascer. Os vindouros se encarregariam um dia de publicar o meu trabalho. Sucedeu, porém, que os elementos da Acção Católica Rural de Vilar pretendiam publicar um folheto com a vida de S. Amaro, orago de Vilar, e souberam que estava a escrever a história da aldeia. Visitam-me e perguntam-me se eu estou interessado em colaborar. Foi com enorme satisfação que acedi, pois não me interessava quem patrocinasse, pondo apenas como condição que cada volume tivesse um preço simbólico para estar ao alcance de cada vilarense e se fizesse um levantamento de cada emigrante oriundo da aldeia e se lhe enviasse um exemplar.

A Acção Católica Rural de Vilar conseguiu patrocínios, ainda que irrisórios, do Governo Civil, da Câmara Municipal, da Junta de Freguesia da Glória e da própria Gráfica (Minerva).

A composição ficou razoável, falhando em três aspectos. Esqueceu o título na lombada — ficando a parecer o livro das notas da mercearia — um subtítulo, "Monografia de Vilar", e um índice ainda que sucinto.

O lançamento foi um êxito e uma acção mediática para a aldeia e sobretudo para a Acção Católica Rural.

Os órgãos de comunicação social deram uma cobertura escassa, com excepção do jornal "O Comércio do Porto", chegando a publicar um artigo de duas páginas. Lamentavelmente, as escolas, de quem esperávamos acções intervenientes, interessando os alunos no conhecimento da aldeia e na preservação do património, não foram sensíveis. Fora da aldeia houve uma professora (D. Rosa Maria Condesso Mangerão — Aveiro) que se interessou pelo livro, com especial incidência no capítulo que se refere aos moínhos. Também o pároco de Sequeiró — Santo Tirso solicitou um exemplar e comentou com simpatia o conteúdo do livro.

Curioso foi o facto do Rancho Folclórico de Eixo me solicitar um exemplar para extrair dados sobre usos e costumes e essencialmente trajos antigos, com o fim de melhorar a sua representação folclórica.

Quanto aos emigrantes, o efeito não podia ser

melhor, havendo até o caso de uma emigrante no Canadá que só dormiu depois de ler o livro duas vezes!... Distribuído numa livraria de Aveiro, teve uma razoável procura, muito embora o tema seja quase limitado aos vilarenses.

Se o que me levou a escrever "Vilar — Doce e Poético Cantinho" foi o amor à terra que me viu nascer e a consciência de que, tal como digo no prefácio, "a memória vive com o homem, e se não houver testemunhos escritos ou património conservado, tudo se perderá na voragem brumosa dos tempos", também "Ria de Aveiro — Um Olhar Resvês" é fruto do mesmo amor; aqui, desegei sobretudo tentar os aveirenses, e também os outros, a olharem com paixão a beleza única que é a Ria de Aveiro, este estuário imenso que a mãe natureza nos ofereceu e o homem sábio alindou.

Depois de escrever o texto sobre a Ria, bati a várias portas para apoiarem a sua publicação. Falei com responsáveis da Rota da Luz, Litoral e Rotários, mas por esta ou aquela razão não consegui os apoios necessários. Em boa hora me dirigi ao Pelouro da Cultura da Câmara. Logo recebi o apoio pessoal da Dr<sup>a</sup> Maria da Luz Nolasco e do Sr. Presidente da Câmara, Prof. Celso Santos, mas dependia do parecer da Vereação da Câmara que, passado algum tempo de expectativa, aprovou a publicação.

A partir daí, houve uma colaboração estreita entre os vários intervenientes, ou seja, autor, câmara, biblioteca, esta por intermédio da sua directora Dr<sup>a</sup> Madalena Pinheiro sempre prestável, autor da capa o nosso amigo Jeremias Bandarra, revisores e todo o simpático colaborador pessoal da gráfica. É indispensável este espírito de colaboração e entre-ajuda para o êxito final. A apresentação, com palavras de introdução do Dr. Idalécio Cação, teve uma razoável assistência, sendo no entanto notado mais uma vez a ausência dos órgãos de comunicação social, que parecem alheados dos eventos culturais. Posteriormente e talvez pelo impacto do livro, vários jornais teceram considerações elogiosas, com relevo para o "Litoral", o "Correio do Vouga", o "O Comércio do Porto", com mais um extenso artigo de Cardoso Ferreira, e do "Diário Regional de Aveiro".

A apresentação gráfica do livro é feliz, devido à montagem de Jeremias Bandarra, com relevo para a capa, que quanto a nós é essencial no êxito do conjunto, onde sobressai uma pintura do nosso saudoso condiscípulo, Manuel Bandarra, falecido no Brasil.

A aceitação dos aveirenses, e não só, foi notória,

pois durante um longo período foi o livro mais vendido nas duas livrarias onde está exposto (Vieira da Cunha e Bertrand).

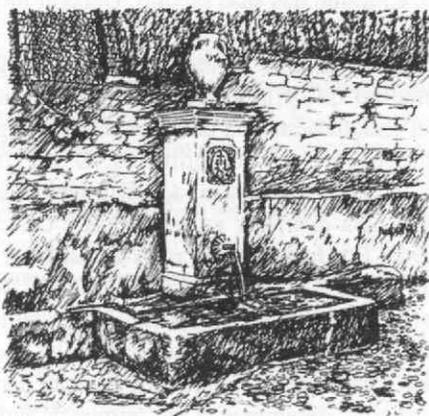
No entanto, esperávamos mais discussão à volta do tema em equação, sobretudo por iniciativa das escolas.

Houve um leitor que aproveitou uma passagem para aprofundar literariamente um dado histórico. Foi curiosa a atenção de alguns leitores que nos observaram dados menos exactos, como, por exemplo: que a personagem Zé Simões não mora na Rua do Vento, mas sim na Rua Manuel Luís Nogueira. Na verdade, refiro-me aos ventos predominantes que assolam as ruas da Beira-Mar. Entre os leitores destaco o escritor do Porto, Helder Pacheco, um apaixonado da Ria e que tanto e tão bem a tem enaltecido, e que, como diz, lhe tem uma relação de amor. Helder Pacheco, referindo-se ao "Ria de Aveiro — um Olhar Resvês", diz que o livro é muito humanizadamente interessante — tal como gosta — e dá uma visão da Ria profunda que passa a constituir bibliografia essencial do tema.

A Câmara Municipal de Aveiro, através do seu Pelouro da Cultura, tem proporcionado a alguns escritores de Aveiro a publicação dos seus textos que inevitavelmente ficariam na gaveta, perdendo-se assim o mais importante no que concerne à cultura da região. É através do livro que se dá a conhecer a realidade que nós somos e ele também serve para perpetuar a memória.

No entanto, acho que a Câmara devia dar uma

JOÃO P. LEMOS



VILAR DOCE  
E POÉTICO  
CANTINHO...

1991

maior apoio à divulgação dos livros que se escrevem, através da cobertura da região, como até do país, contactando pelo menos uma distribuidora ou mesmo estabelecendo contacto com uma livraria de cada vila e cidade de Portugal. Assim a cidade e a região seriam mais conhecidas. No caso concreto do livro sobre a Ria, devia ser distribuído por todas as terras que a bordejam.

Temos uma relação directa com alguns escritores da região, quer ao nível pessoal quer através de associações como o Grupo Poético de Aveiro, AJEB - Associação de Jornalistas e Escritores da Bairrada ou a Associação Cultural Séc. XXI. No entanto, e aproveitando a sugestão digna de Cardoso Ferreira de aproveitar parte do Centro de Congressos para haver uma Biblioteca-Livraria de Escritores Aveirenses, servindo de local de contacto e quebrar certos tabus que eventualmente perpassem pela mente de algum iluminado.

Como é óbvio, um principiante de escritor como nós somos, é difícil, ou mesmo impossível, publicar seja o que for, devido aos altos preços das impressões e ao facto de não possuímos o estatuto de consagrados. A própria Câmara estará mais vocacionada para editar textos que se relacionem com o meio em que está inserida, o que se compreende e aceita, ainda que tenha apoiado ficção de figuras mediáticas como Vasco Branco, D. Cecília Sacramento e Costa e Melo, por exemplo.

Desde 1990 que tenho concluído um texto sobre Ficção Científica, cujo título "2016 - Amor Cosmológico" sugere que o tempo vai passando e o desenrolar da História vai perdendo actualidade!

Tive a ousadia de o mandar para uma Editora de Lisboa (Editorial Caminho), onde estive um ano e nem sequer abriram o volume.

Ainda por cima tive imensa dificuldade em o reaver. As Editoras e as Livrarias e, também agora, as grandes superfícies ou super-mercados vivem para ganhar dinheiro e só publicam o que lhes dá lucro — o que se compreende. As Associações lutam com falta de verbas para publicarem as obras dos seus associados e o mecenato só está virado para as realizações de grande impacto e imediato.

Resta-nos as autarquias que devem apoiar todo e qualquer tipo de manifestação cultural, e neste caso o apoio à publicação de textos de autores aveirenses, depois de analisados por um júri abalizado.

O escritor consagrado Idalécio Cação dizia em 1992: ... "De uma outra Ficção Científica que, do espaço cósmico, medita sobre os problemas terrenos mais profundos, desde a paz e o amor à fraternidade entre os homens. Ora, desta Ficção Científica gosto eu, da sua mensagem, e muito folgarei quando vir o livro publicado"...

Mas... Já lá vão sete anos!

# As Autarquias e os seus Escritores

Idalécio Cação

Professor universitário e escritor

Permita-se-me, antes de entrar propriamente no tema da minha comunicação, que me congratule com a realização desta jornada de reflexão. Os escritores aveirenses merecem-na amplamente, apenas porque o seu número e qualidade a justificam de sobra, e também o Pelouro da Cultura da Câmara de Aveiro, de quem partiu esta ideia, faz jus à minha congratulação na pessoa da sua vereadora. Em contrapartida, lamenta-se o divórcio que sempre tem existido entre nós, por um lado, e a autarquia da nossa cidade por outro. Mas disto não curemos agora, que outros desafios nos esperarão doravante, como certamente todos esperamos. Oxalá, pois, este encontro justifique a sua própria realização e que daqui saiam soluções que possam congraçar pontos de vista diversos, afinar sensibilidades, apontar caminhos a percorrer por todos nós. Que a partir de agora, confiemos firmemente, cessem de todo as arestas que têm impedido de mostrarmos as nossas potencialidades, de trazermos à luz do livro aquilo que a solidão e a penumbra das gavetas, e também a nossa voz ignorada, têm calado ante a mútua indiferença de duas instâncias, que podem e devem estar em consonância neste domínio específico que é o da produção literária de bens de consumo cultural.

Houve quem me lembrasse, talvez por uma atávica desconfiança do homem português e do aveirense em especial, que este é um ano de eleições para as autarquias e que, portanto, a realização desta jornada teria muito a ver com o facto, tão falha andou sempre a nossa Câmara Municipal em iniciativas tendentes à valorização e dignificação dos seus escritores. Pessoalmente, julgo que não se pode ajuizar desta forma a iniciativa da vereadora da cultura, até porque a mesma se exporia a reparos porventura exagerados e a públicas críticas. Porém, e vistas bem as coisas, os reparos têm de repartir-se. É que os próprios escritores de Aveiro, contrariamente a outros sectores da cultura local, como as artes plásticas, por exemplo, sempre foram avessos a qualquer forma de organização que reivindicasse, que proponha projectos de edição, que pugne por uma sala de trabalho tendente a melhorar a sua actividade enquanto escritores. Mesmo a tradição de reunirem no café, que conheceu o seu ponto alto no célebre Café Trianon, com Mário Sacramento, João Sarabando, Luís Regala e os novatos de então Pinto da Costa e Joaquim Correia entre outros, a que se juntavam os políticos da oposição, foi chão que deu uvas.

Do seu ponto de vista, e tomando como exemplo o que por outros lados se faz, é urgente que se crie entre nós uma associação de classe, independentemente do apoio que a Câmara Municipal possa dispensar aos escritores da nossa região. Depois, e porque as autarquias devem ter

um papel importante no domínio em apreço, e a que não podem eximir-se sob pena de hipotecarem o futuro, há contributos fundamentais que delas temos o direito de exigir. No caso de Aveiro, esses contributos manifestam-se a vários níveis, desde o apoio a editoras locais, à criação de uma estrutura editorial própria, que considero imprescindível a uma política séria de uma intervenção cultural, passando pela institucionalização de um prémio literário de relevo, para o qual faltará patrono de renome local e nacional, pela realização de jornadas literárias anuais, pela dinamização de visitas a lugares da região que tenham a ver com a nossa literatura.

Vejamos mais detalhadamente cada uma destas formas de apoio, para as quais a Câmara deve estar sensibilizada, investindo neste domínio, como o tem vindo a fazer, aliás, em relação ao desporto, sobretudo ao futebol, à dança, ao teatro, às artes plásticas, às associações de recreio e cultura popular, à música, às festas tradicionais, ao turismo, e às feiras de artesanato, nomeadamente.

Se a Biblioteca Municipal possui, e muito bem, uma secção de escritores e temas aveirenses, mas onde nem todos os escritores da região estão representados em toda a extensão das suas obras, não faz qualquer sentido que a Câmara descure a divulgação desses mesmo autores pelas bibliotecas e salas de leitura das freguesias do concelho, e mesmo das suas escolas. Deixem-me recordar aqui — e desculpem se pessoalizo o exemplo — um caso singular que eu próprio testemunhei numa freguesia do meu concelho de origem, onde há bem poucos anos apresentei simultaneamente dois dos meus últimos livros, com a presença dos seus editores. O presidente da autarquia, presente na sessão, adquiriu umas dezenas de exemplares para distribuir pelas escolas e colectividades da freguesia. E o facto é tanto mais de salientar quanto é certo não possuir esse autarca um mínimo sequer de conhecimentos literários ou especiais dotes culturais que o tenham levado a assumir aquele acto de tão notável significado. Tinha, porém, uma rara intuição para o papel que o livro pode desempenhar em termos de futuro e isso lhe bastou para o investimento que fez. Por sinal, o editor de um dos livros em questão aqui em Aveiro, o mesmo que amargamente sempre se tem queixado do facto de a Câmara nunca ter apoiado as suas edições, como seria natural, sobretudo em obras de autores e temas aveirenses. Esta é, de facto, uma forma de actuação da Câmara pela negativa, que nenhum argumento pode justificar, e da qual são vítimas os próprios autores e a cultura da região, pois o editor em causa, á vista de tal e tamanho desinteresse, tem-se vindo a retrair e não pode

corresponder aos pedidos de edição que lhe são dirigidos. Sem querer assumir o papel de advogado do editor em questão, terei de afirmar que a situação é, no mínimo, estranha, e seria desejável que os interesses dos escritores ou das temáticas locais não saíssem lesados nunca mais das divergências que levam a semelhantes atitudes e desconcertos, com as quais nada temos a ver.

Outra medida que importaria considerar era a criação de uma comissão editorial ligada ao próprio município, que teria a seu cargo principalmente a publicação de temas da cultura aveirense e a reedição de tantas obras de mérito já esgotadas, cujo interesse no campo da cultura local amplamente o justificasse. Isto sem embargo de também a ficção, a poesia e o ensaio serem objecto dessas funções editoriais. Esta comissão, longe de entrar em colisão com o editor ou editores que viessem a surgir, complementá-los-ia de uma forma saudavelmente concorrencial e diversificada, em tantos domínios da edição. Com esta iniciativa, clarificar-se-iam, rendibilizando-as melhor e mais criteriosamente, as subvenções que a Câmara Municipal tem concedido a obras que, sem qualquer planificação equilibrada, e em áreas específicas, se têm publicado em Aveiro. É evidente que uma estrutura desta natureza teria de ser muito bem ponderada, de modo a cautelar os interesses de ambos os lados, tendo sempre a norteá-la um iniludível padrão de independência e qualidade.

Quanto ao prémio literário, e tendo em conta o que se faz em tantas cidades e vilas deste país, ele viria divulgar o nome da nossa cidade, tanto a nível cultural como sobretudo no que respeita ao conjunto de textos literários de que a cidade iria beneficiar, para, depois de editados, irem enriquecer não só a Biblioteca Municipal, mas também as bibliotecas das freguesias e das escolas do concelho. E seria também um ensejo para homenagear o escritor local que lhe servisse de patrono. Não faltam exemplos onde a prática destes concursos literários ganhou raízes que, tanto quanto julgo saber, se mantêm indemnes às alternativas do poder: Coimbra, Figueira da Foz, Sintra, Tondela, S. João da Madeira, Freixo de Espada à Cinta, Loures, em que são evocados anualmente escritores como Miguel Torga, Joaquim Namorado, Ferreira de Castro, Paulo Cid, João da Silva Correia, Guerra Junqueiro e Maria Amália Vaz de Carvalho, respectivamente. Aqui em Aveiro, não faltariam nomes dignos de figurarem como patronos do prémio: Eça de Queirós, Raul Brandão, Jaime de Magalhães Lima, Marques Gomes, Homem Cristo, Mário Sacramento. A lista seria quase infundável, pois o passado próximo e remoto neste campo é vasto e de qualidade, o difícil seria a opção.

Falemos agora do aspecto pedagógico e culturalmente válido que representaria para a nossa urbe a realização periódica, integrada talvez na Feira do Livro, de jornadas literárias, em que viriam a Aveiro personalidades especialmente convidadas para o efeito. Devidamente preparadas e publicitadas junto do grande público, mas preferencialmente junto dos estabelecimentos de ensino, essas jornadas seriam, estou

certo, um bom intento para o desabrochar de tantas vocações que, sem a motivação e o convívio literário, correm tantas vezes o risco de estiolar facilmente. Sob diversas designações, encontros e sessões semelhantes fazem-se um pouco por todo o lado, em Braga, em Coimbra, na Figueira da Foz, de que tenho conhecimento directo. Aliás, também aqui em Aveiro se chegaram a realizar, por iniciativa de intelectuais da cidade em colaboração com a então Sociedade Portuguesa de Escritores, aí pelos anos 60, conferências e palestras de alto nível, que sensibilizaram e despertaram a atenção de tantos aveirenses. Cimentaram-se vocações e contribuiu-se para a formação cultural das pessoas que aí acorreram. E sabe-se quanto nesse tempo era difícil e arriscado levar a efeito jornadas desta natureza, tendo em conta as desconfianças e os impedimentos de toda a ordem que os próceres do regime de então votavam às coisas da cultura ou com ela relacionadas.



Igualmente importante seria organizar-se em Aveiro visitas guiadas a locais onde nasceram ou permaneceram tantos vultos das nossas letras, não só relativamente ao concelho mas também às regiões circunvizinhas: Eça de Queirós, em Verdemilho; Jaime de Magalhães Lima, em Eixo; António Feliciano de Castilho, em Aguim e Castanheira do Vouga; Júlio Dinis, em Ovar; Francisco Joaquim Bingre, em Canelas, Ílhavo e Mira; Tomás de Figueiredo, em Estarreja; Raul Brandão, na Ria; Assis Esperança, em Salreu; Ferreira de Castro, em Ossela e Macieira de Cambra; Carlos de Oliveira, em Febres. Para cada local a visitar, convidar-se-ia um escritor da nossa cidade, que seria o guia

encartado da visita, em que se abordaria a obra do escritor em questão, a sua relação com o meio e os traços mais pertinentes da sua biografia. Discretar-se-ia assim, sem grandes elucubrações, aliando a cultura e o convívio, de um modo sugestivo, em que todos ficariam mais ricos de ideias. Sobretudo, divulgava-se a literatura e alguns escritores, revisitando tantos deles porventura injustamente esquecidos ou até ignorados. Manter-se-ia, através dum processo acessível e aliciante, a chama que deve ligar cada cidadão às suas raízes culturais, tornando-se mais interveniente e conhecedor em tantos aspectos que devem construir a formação de todos e cada um de nós.

Estas são em suma algumas formas de apoio que, enquanto colectivo devidamente organizados, os escritores de Aveiro poderão reivindicar junto da Câmara Municipal, já que, a curto ou médio prazo, se prevê para as autarquias novas atribuições de competência, com novas dotações orçamentais, obviamente, no âmbito das

quais é forçoso incluir-se a concessão de direitos aos que escrevem, e portanto ao livro, que tanto está presente nos discursos oficiais do poder. É que, e parafraseando Louis de Bonald, a literatura, local ou de mais vasta dimensão, será sempre a expressão de qualquer sociedade, assim como a palavra é a expressão do homem. Ora, sem palavra dos seus escritores, a cidade, um país, o mundo, será apenas um tear onde se tece a coisa mais vil e material que faz dos seus cidadãos títeres sem voz própria, robertos manipulados à distância, o que prefigura já o fim da própria civilização.

E não vejamos os apoios por que nos bateremos e a sua concessão como uma forma de ingerência na produção dos bens culturais, que poderão circunscrever a liberdade de expressão dos escritores, até porque não deverão ser considerados como favores prestados pelas autarquias, mas tão só como um direito de que os autores, talqualmente os outros agentes culturais, se acham credores.



*Painel Cerâmico do Canal Central da Cidade de Aveiro*

# Será Tragédia o Drama?

Costa e Melo

Escritor e colaborador de vários jornais

A pergunta é atrevida e presta-se a respostas que nem por parecerem fáceis deixam de conter, em si, o perigo de corresponderem a verdades diferentes.

E, nem por o serem, deixam de ser verdades.

É que a verdade humana e social — e não me refiro à científica... — varia sempre na medida em que variam as circunstâncias que a comandam.

E, entre estas, o factor amizade, sorte ou acaso toma por vezes contornos decisivos em qualquer problema em que o homem seja intérprete, estrela ou simples comparsa, da tragédia, do drama, da comédia ou mesmo e até da farsa ou entremez.

Vem tudo isto à guisa de introdução àquilo que julgo ter para dizer acerca da temática proposta e que é, nem mais nem menos, que a da experiência tida como "**autor de província**" em ligação com o meio mais próximo e a sua região.

E é exactamente para, de certo modo ou mesmo totalmente, corresponder aos parâmetros que se me afiguram contidos no objectivo, que eu julgo dever contar o que tem sido a minha experiência pessoal, nos seus aspectos globais, entre os quais não tem ficado omissa a presença da amizade dos outros, mais que do valor próprio ou do produto da minha ânsia de escrever para com outros repartir.

Assim tendo sido, sobretudo agora em que, conquistada a comodidade de uma aposentação, entendia, sem interesses materiais de qualquer espécie, beneficiar-me com o não pequeno prazer de me dar aos outros ou, melhor, àqueles que por isto ou por aquilo, têm a ilusão de, no que escrever, encontrar aquele naco de identidade, mel mais doce e atractivo do que se lê.

Mas o escrever pode ficar-se pelo simples relato do que se viu e recorda pela matéria, ou até do que ainda se vive pelo afago que se dá em tentativa de ressurreição ilusória mas, ainda assim, capaz de iludir o próprio ou aqueles que, através da leitura, tomam contactos com o artifício, mesmo que este se vista com todos os atavios da ficção.

Mas não foi para encarar estes desvios do real que nos puseram aqui a dar e a receber, que o mesmo é dizer, a trocar património mental, próprio ou alheio, do nosso conhecimento; mas tão só, julgo, para falarmos e eventualmente criarmos condições mais favoráveis para que cada um e todos os "autores regionais" da zona da nossa Ria, Vouga, Águeda, Cértoma e circundantes franjas da Bairrada, da Gândara e do Caramulo.

E, para isso, não haverá melhor caminho que o de contar, com simplicidade, o que comigo se passou.

É o que vou fazer:

Quando, no já recuado ano de 1960, pensei em

publicar um pequeno mas atrevido livro de poesia, "**Ecos do mesmo grito**", não encontrei nem, é certo, procurei como devia, um editor. E para satisfazer a estulta vaidade de, em livro, ver publicado o que escrevera, em extravasão de mim, já que até então só publicara um que outro artigo, na Imprensa, tive de fazer a edição por minha conta e risco, contando, para a valorização, com a amizade ilustradora do Gaspar Albino e com a impressora da para mim sempre simpática LUSITÂNIA, a dar já passos seguros mas quase iniciais. A DIVULGAÇÃO, do Porto, fez a distribuição, servindo-se da boa rede e relações que mantinha.

Veio depois, como resultado do acumular de episódios vividos em reivindicativa, a ideia, diremos mesmo a necessidade, de um livro diferente, mais testemunho que outra coisa, mas, mesmo assim, julgado útil para não perda de elementos que aos historiadores pudessem servir de "muleta" para o científico das suas construções. E, por isso, comecei a faina da escrita com o à vontade que me era dado por já ser Abril, ou seja liberdade de todo o ano, portanto, sem as peias ancilosadoras da Censura. E o resultado foi o de cadernos e mais cadernos até que, em dada altura, teve de entrar em cena a auto-censura, essa que vem sempre acompanhada do sofrimento que faz parte de qualquer automutilação, mas não impediu, de todo, a saída de 412 páginas, mais que suficientes para causar o "enfartamento" de qualquer editor, por muito complacente que fosse. Apesar disso a ALMEDINA, de Coimbra, tomou sobre si o encargo da edição de "MEMÓRIAS CÍVICAS 1913-1983" que contou com a arte do José Barreto para o agasalho de uma capa, sem dúvida bonita e altamente significativa, em que havia, para lá de um caminho, cordas de chuva e arames farpados em cruz de impedimentos. Era 1988!

Em 1991 tentei a ficção, atrevimento quase inconciliável com as folhas de um calendário que já apontava para os 75, e fi-lo através de contos, animados com um prémio obtido em concurso literário organizado pela Câmara Municipal de S. Pedro do Sul, daí resultando o "LONGES DA FREITA — PERTOS DA RIA" que a Estante Editora, de Aveiro, editou, integrado na Colecção "Autores Portugueses de Hoje".

Em 1992, reincidindo na poesia e, de novo, em edição própria, publiquei um pequeno volume "CAXIAS — Rimas de antigamente", não destinado ao comércio mas tão só para oferta a amigos, companheiros e camaradas, e que mereceu o afago de uma capa soberba de significado e intenção de um deles, Pinto da Costa.

Em 1994 e por mercê do interesse da Câmara Municipal de Aveiro, vi publicado com um interessante prefácio do Doutor Almeida Santos, outro meu livro a que

dei o título "GENTE DE TOGA E BECA" e cujo subtítulo mostra bem o que pretende ser: fogachos da lareira forense; e que mereceu a honra da presença, em Aveiro e no seu lançamento, de entidades ilustres entre as quais Mário Soares, então Presidente da República, e o próprio autor do prefácio.

Em 1995 vi publicados em volume, editado pela centenária *Soberania do Povo*, de Águeda, as crónicas que durante o melhor de dois anos saíram naquele jornal. Foi a "MEMÓRIA DE ÁGUEDA em forma de saudades", com o acolhimento de todos aqueles que, directa ou indirectamente, se sentiam focados pela objectiva da minha memória saudosa.

Nesse mesmo ano de 1995, ainda não muito distante, a revista de estudos jurídico-políticos "POLIS" entendeu publicar, em mimo para o seu autor, em separata, um meu trabalho "UNIÃO SOCIALISTA — Elementos para o seu conhecimento" com evidente interesse histórico, já que nele ficaram registados documentos que, de outra forma, permaneceriam desconhecidos, ou, pior ainda, corriam o risco de desaparecer sem deixar rasto.

Ainda nesse ano e em regresso à ficção, vi publicados pela Câmara Municipal de Águeda os contos agrupados no Volume "ASAS DE PEDRA" integrado na Colecção "Textos Literários", de iniciativa daquela Autarquia.

Tudo o que acabei de vos comunicar representa a minha pobre e desvaliosa experiência como "autor de província" com que, com tanta verdade e significado, se quis abranger os que, como eu, não têm significado nem valia que baste para receber os favores daquelas empresas editoriais que, muito legitimamente, procuram o lucro emergente dos seus riscos e o julgam remoto se editarem autores desconhecidos ou que já tenham mostrado não serem capazes de ser ungidos pela água-benta das boas vendas, o que nem sempre corresponde ao que possam valer os seus trabalhos.

E é aqui que reside uma parte substancial do problema que ora nos une como interessados na sua solução, não tanto como modo de sobrevivência ou complemento dos nossos outros ganhares mas como ânsia natural de comunicar o que, sendo nosso de paternidade, queremos partilhar com outros do mesmo ou idêntico sonho ou mera curiosidade.

E importa não esquecer, como elemento fundamental do "puzzle", separarmos as marés do mundo que nos cerca e nessa separação sabermos distinguir os direitos e as obrigações deste mundo cão que tardamos em transformar naquele "mundo melhor" que Mário Sacramento nos intimou a fazer para que todos e cada um se sintam mais parte do todo que todos formamos e de que não temos o direito de nos separar, sob pena de a nós próprios nos negarmos.

Para lá das obrigações do Estado, directamente pelos seus altos patamares ou das Autarquias, como partes integrantes do todo da Nação, há outras realidades económicas de que não pode deixar de depender quando e em elevado grau se refere à edição de livros.

Enquanto que, no cumprimento da sua missão de cultura, os organismos estatais ou autárquicos para isso

vocacionados, têm de olhar com olhos menos economicistas as despesas efectuadas ou a efectuar com as edições, importa compreender não ser de exigir a empresas capitalistas, vocacionadas para o lucro, o papel de Mecenas da cultura, já que, como fácil é de compreender, serem elas, como qualquer merceeiro, carpinteiro ou fábrica, constituídas com o objectivo de auferir lucro, tanto quanto possível compensador dos capitais investidos ou trabalhos desenvolvidos.

E é sempre de desconfiar quando como tal se não apresentam, já que seriam espúrias tais posturas.

Isto, contudo, não quer dizer que, embora nesse âmbito e com essas legítimas intenções, não venham a colaborar no desenvolvimento da cultura e da divulgação de elementos dela, ultrapassado que seja o factor de risco inerente a toda e qualquer actividade empresarial.

Há, portanto, que separar os dois mundos e nunca, em meu julgar, poder atribuir-se a empresas individuais ou colectivas de edição de livros, as responsabilidades maiores por usarem critérios discutíveis na selecção de originais, já que, no tal mundo cão a que aludi, os critérios não gozam, todos, do consenso aferido por qualquer padrão.

É que, sendo muitos esses padrões, tantos como o vário do homem, podem conduzir a soluções diferentes para o mesmo problema, sempre ou quase sempre ligado à ânsia natural dos "autores de província" que talvez por não serem, na sua grande maioria, profissionais da escrita, vivem com maior intensidade a desilusão de o não serem.

E é com base em todas estas considerações de natureza pessoal, ditadas pela experiência vivida, que vou aflorar, mais concretamente, qual o meu entendimento em relação à temática proposta, sem dúvida aliciante para o alinhar de conclusões tendentes a evitar, no futuro, mesmo e já no curto presente que se antolha, as desilusões apontadas.

Sempre que escrevi e pensei publicar algum livro, tive, como todos ou quase todos os "Autores de província" têm, as dificuldades habituais; mas não deixei de ter uma certa sorte, já que dos oito títulos até agora publicados, só dois o tiveram de ser em edição própria, com suporte dos respectivos custos.

Mas da parte de duas grandes editoras, de âmbito nacional: a Europa-América e a Bertrand, encontrei um acolhimento simpático que, embora não tivesse conduzido à edição desejada por parte daquelas prestigiadas empresas, me deram a conhecer um sentido de contacto com um inteiramente desconhecido "autor de província" que muito me agradou como homem e como cidadão.

Da parte das editoras, chamemos-lhes assim, profissionais: ALMEDINA, de Coimbra; Estante-Editora, de Aveiro; e SOBERANIA DO POVO, de Águeda, houve acolhimento, compreensão e vontade de colaborar numa tarefa com o seu quê de risco económico.

Mas foi nas Autarquias de Aveiro e Águeda, quem sabe se por serem aquelas a que pertencia a terra onde nasci e a rua onde profissional e sentimentalmente me enraizei, que foram acolhidas as minhas ideias para publicação de livros de contos com alguns de ambiência local e aproveitando factos que ajudaram na tessitura da

trama das respectivas "estórias" sem desrespeitar as verdades que faziam ou virão a fazer parte da História da região aguedense.

A de Aveiro olhou com interesse um livro com um certo tipo de memórias profissionais com núcleo principal no Tribunal de Aveiro e por onde passaram nomes cimeiros da Magistratura e da Advocacia portuguesas.

Mas, não contente com isso, quis aceitar, quanto a Aveiro e em acto de gratidão minha, uma colectânea de escritos e palavras ditas ou publicadas em palestras e jornais e que com Aveiro se prendem como palco de acção ou berço de origem.

E está à bica o seu aparecimento "oficial" com a Arte do Jeremias Bandarra a marcar presença e as palavras de Vasco Branco a dizer o que o Autor é e o que foi capaz de fazer.

Trata-se da "MEMÓRIA DE AVEIRO, em termos de saudades"!

O chamado "Autor de província" sem deixar de se sentir ligado, pelos voos da sua ficção ao todo do mundo, não deixa de ter "os pés fincados na terra" onde nasceu ou vive, por opção ou necessidade, e a sua ligação com ela, suas gentes e entidades de mando e poder, não pode deixar de reflectir-se, nem sempre de forma positiva, neste ofício amador de escrever e que nunca pode dispensar os benefícios morais ou mesmo e até materiais dessa ligação.

...

As dificuldades que os autores sentem no espaço geográfico onde publicam — e eu acrescentaria, ou são publicados ... — derivam necessariamente, do já apontado mercantilismo dos editores e que não pode ser encarado como "pecado", embora, por outro lado e muito menos, não possa ser galardoado com a palma da "virtude" já que é um produto natural da sociedade capitalista em que vivemos e temos a necessidade de aceitar, embora tudo fazendo para que os seus tentáculos e ventosas não impeçam as asas de voar por mundos integrados ou próximos de qualquer ideal que lhes não negue horizontes.

É de todos sabido que essas dificuldades não são apanágio das empresas, que visam, sobretudo, a legítima, mesmo por vezes ilegítima, obtenção de lucros, através do aproveitamento dos canais da cultura.

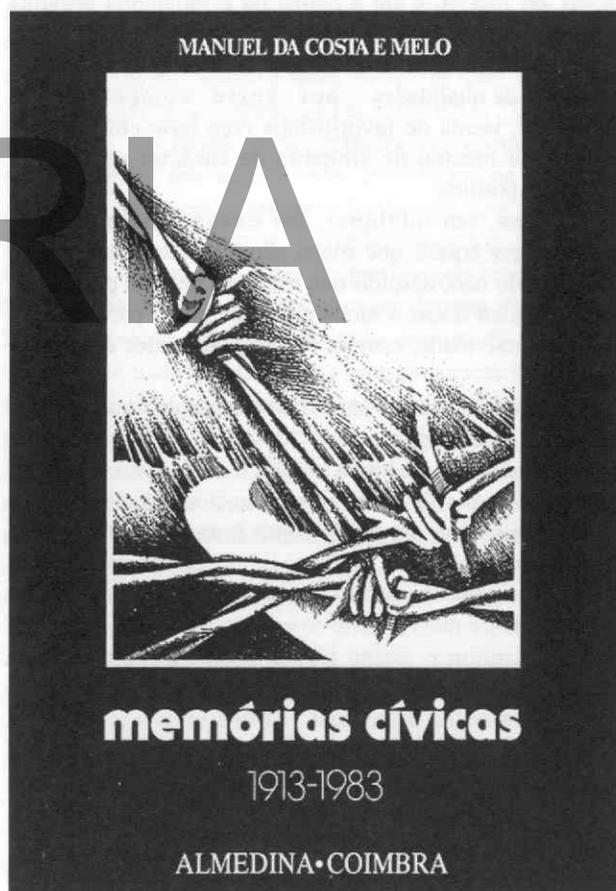
Também moram em outro tipo de grupos ou entidades, mesmo Fundações, que sem terem espírito de lucro, vão cumprindo, mais ou menos bem, a missão de contribuir para o melhoramento do homem através da cultura.

É que essas entidades, designadamente as ligadas ao Poder Local, são múltiplas em sua acção social e têm orçamentos onde nem sempre pode caber a possibilidade do cumprimento integral dos seus objectivos, já que é inevitável constatar-se que demasiados são os buracos a tapar e, ao fim e ao cabo, para o comum dos mortais, não poderá evitar-se a aplicação do adágio latino do "**Primum vivere, deinde philosophari**" que o mesmo é dizer, em bom vernáculo, que o filosofar ou seja o cultivar o espírito só tem lugar depois do viver ou seja alimentar a miséria do corpo sem o qual a alma dificilmente encontra onde se abrigar.

E lembra-me, a propósito, o velho dito do bom Padre Américo, quando, em relação aos seus gaiatos, "rapazes da rua", dizia não haver lugar para o ensino da doutrina quando os estômagos estavam com fome.

Ora, quanto às Câmaras Municipais cujo papel no palco da divulgação do trabalho dos "autores da província" é importante, necessário é reconhecer que o seu desempenho está sempre dependente do equilíbrio que o total das suas contas impõe para que se não caia no perigo do adágio latino ou das palavras do bom Padre dos Gaiatos, dando à tarefa meritória e necessária da cultura o que faça falta decisiva para a abertura de estradas, o saneamento dos esgotos, a instalação dos chafarizes, mesmo a cobertura das barracas com o manto de um mínimo de humano conforto.

E, depois disto, não ficará mal, aqui, sem citações directas que correriam o risco de pecar por injustas ou omissas, apontar-se a muitas dessas Autarquias o esquecimento a que votam os trabalhos de "autores de província", tantas vezes contribuintes válidos através do imposto que a si e à colectividade pagam com obras que, em satisfação de humana vaidade ou com todo o valimento de dádiva ao comum restrito da sua "santa terrinha", gostariam de ver publicadas.



Parece-me ser um aspecto a ponderar, esse que, ponderado, poderia e deveria merecer a atenção, por outro lado, dos tais "autores de província" e, por outro, dos chamados Edis da Cultura, partes insubstituíveis dessa realidade sublime que o Poder Local é, tornado possível pelo Abril da Liberdade e que importa prestigiar mais, mais, sempre e sempre mais, na tarefa sempre inacabada

mas apaixonante da construção do tal "Mundo Melhor" de que falou Mário Sacramento.

Dados os condicionalismos já atrás apontados, importa reconhecer que para os "Autores de Província" é insubstituível o papel das Autarquias, quer como interventoras directas na edição das suas obras, após um inevitável exame de qualidade justificadora de patrocínio, quer mesmo e até como correia de transmissão e comunicação com entidades de outro nível, regional ou nacional, a que também pertença idêntica tarefa e para a qual disponham de meios que, no Orçamento Geral do Estado, a isso tenham sido consagrados, como modo de prolongar, para além das Escolas, a missão cultural contida na leitura que não pode confinar-se à dos consagrados pois o é, igualmente, de outros em vias de o serem.

Quanto ao contacto, importa desde já assinalar como válida aquela ideia de não poderem ser considerados como "frades mendicantes" aqueles "autores de província" que batem à porta de quem lhes possa valer para darem a esmola de aceitarem o contributo que pretendam dar à cultura geral do povo, mesmo que esta se limite ao meio restrito em que vivem mas donde não será lícito proibir a saída em voos que ultrapassem a torre do orago, ou mesmo e até a colina ou a montanha próxima que tape o horizonte do sonho.

Isto, como é evidente, não inclui uma natural avaliação de qualidades por gente competente e, sobretudo, isenta de favoritismos com base em laços de sangue ou mesmo de simpatia de carácter pessoal ou afinidade política.

Mas, em qualquer dos casos, tendo sempre presente que àquele que sonha não é de dar como paga o pesadelo do não, despido que este seja de uma palavra de estímulo para tentar o melhor e o que possa parecer mais útil à colectividade, estreita ou larga, daqueles a quem se destina.

Paralelamente a tudo isto surge, como traçoeiro, o problema da divulgação.

E não é de somenos.

O "autor de província" não pode concentrar-se com saber que no dia tal, às tantas horas e em certo sítio, com maior ou menor cerimonial de circunstância, vai saber lançado o produto do seu trabalho. Quer legitimamente mais e sente-se capado se o não souber nas mãos de quem o possa ler, discutir, eventualmente criticar. Só com isso o "autor de província", ou mesmo o "autor" de outra dimensão, sentirá viva a sua obra e justificado o seu trabalho, mesmo e até desculpada a vaidade de se saber em contacto com o mundo que o cerca e que pode, inclusivamente, limitar-se à sua rua, praça, aldeia ou beco.

O escritor ao escrever, dá-se, mesmo que, quanto a alguns beneficiados da sorte, pareça vender-se e trocar sonhos por pratos mais ou menos recheados de lentilhas ou de libras.

É por isso que reputo fundamental, sobretudo do ponto de vista de compensação moral, que, para além da dávida da edição, os editores dos tais livros dos "autores de província", procurem a sua difusão, mesmo através de dádivas em prova do cumprimento do seu dever na tarefa

meritória de espalhar cultura ou, mesmo e só, tentativa dela.

Amigos e camaradas "Autores de província", eu vivo, como vós, estes problemas de ansiedade natural e, tantas vezes, de incompreensão. Mas, talvez por ter sido, em certa medida, beneficiado pelas circunstâncias de sorte que não de próprio valor, não posso deixar de vos transmitir uma mensagem de esperança para que nunca deixeis de traduzir, em palavras escritas ou ditas, o produto da ebulição do vosso sentido criativo, mesmo que esbarreis, agora e logo, com a incompreensão daqueles a quem vos apresentais com o produto do vosso labor. Esse poderá não merecer o apadrinhamento de todos mas para vós, tal como sempre tem sido para mim, é sempre a carne da vossa carne, o espírito do vosso espírito, as asas do vosso sonho, portanto aquele filho de cuja responsabilidade nunca podeis abdicar sob pena de morrer ou, pior ainda, desmentir o que sois ou pretendes ser.

O Drama sofre-se e da Tragédia pouco mais restará que uma lágrima de saudade. Por isso, é preciso saber encarar como drama o que por vezes entre nós, "Autores de província", se passa, para que nunca o deixemos resvalar na tragédia de uma abdicção ou abandono.

Quando se escreve, damo-nos, antes de tudo o mais, a nós próprios e só seremos dignos dessa dádiva se soubermos respeitá-la como parte da vida.

Quanto ao sucesso, o reverso da medalha é quase tão contundente como o aleatório das "caras ou cunhos" do cair dela no pantanal do mundo cão em que todos acabamos por viver, por mais verdejantes que pareçam ser as margens que o ladeiam.

E, a propósito, vou buscar, para terminar, um dos meus ídolos, esse D. MIGUEL DE UNAMUNO a quem sempre coloco na peanha mais alta da minha admiração:

**"Um Escritor pode muito bem influir — pelo menos em certos espíritos — e vender pouco e outro vender muito e influir pouco".**

E ainda mais, para caracterizar uma obra do escritor uruguaio, Carlos Vaz Ferreira, este conceito profundo de apreciação valorativa da comunicação que todo o livro é ou deve ser:

**"Não é um livro escrito, mas falado, e isto constitui para mim, o seu maior encanto.**

**É que se sente, no falar, o homem".**

Para nós, "Autores de província", também têm verdade estes sábios conceitos do grande Mestre de Salamanca, sobretudo na medida em que nos ensinam a falar connosco antes de escrevermos aos outros, embora sempre com o cuidado de não nos escondermos debaixo de véus que ocultem a nossa verdade permanente.

Mesmo aos "Autores de província" tudo isso se aplica e nem me ficará mal a mim, dobrados que já foram os cabeceiros dos 83, ousar trazer para aqui as verdades de outro velho que nunca deixei de considerar um dos mais jovens pensadores de sempre.

Desculpai o tempo que vos tomei.

Ouso acreditar que alguma coisa aprendi com a vossa atenção benevolente.

# Acerca do temário emanado da Câmara Municipal

Vasco Branco

Artista, escritor e cineasta

Velho e calejado pelo esforço dispendido nas andanças destinadas a solicitações da edição dos meus livros e até da publicação de artigos em jornais e revistas (eventualmente em jornais ou revistas das capitais Lisboa e Porto), devo começar por fazer o cotejo entre esses centros urbanos e o restante país que neste aspecto, e não só, é tido como mera paisagem. Quero eu dizer que as dificuldades que um escritor, ou aspirante, e aqui nascido e vivido, tinha para conseguir ver algum dos seus trabalhos editado, por qualquer jornal ou editora, dignos desse nome, era quase invencível. Sim, senhor. Também andei com volumes dactilografados debaixo do braço (nessa altura, o computador ainda era considerado aparelho mítico) e com uma lista de editoras que me propunha percorrer na esperança de que alguma tivesse a simples gentileza de me ficar, ainda que condicionalmente, com o original para leitura e que eu acentuava sem qualquer compromisso. De facto, era ingénuo bacteriologicamente puro. Faltava-me a lata estanhada necessária para aparar as ironias mais ou menos perceptíveis com que me mimoseavam muitos dos mandam-chuva que nem escondiam o esboço de tédio. Promessas à distância, a resposta ambígua mais vulgar. Mas a experiência assim vivida só serviu, na altura, para avaliar da inutilidade prática da então Sociedade Portuguesa de Escritores.

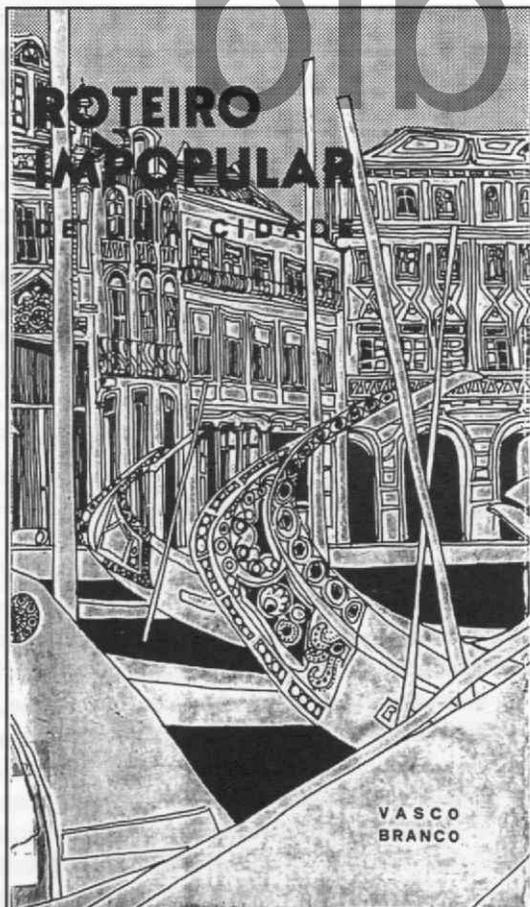
Antes do parto difícil do hoje nosso "Litoral" e antes de acabar o meu curso, percorri as editoras mais conhecidas e em plena actividade sediadas no Porto. À guisa de intróito arremassava-lhes o "Prémio Antero de Quental" que me fora atribuído em 1946 no concurso promovido pela Faculdade de Medicina do Porto e extensivo a todas as Universidades do país. Julgava, na minha ingenuidade, que isso poderia pesar qualquer coisa no balanço decisivo de quem regia a complicada orquestra editorial. Ilusão que depressa se desvaneceu. A atribuição do prémio não valia a ponta dum chavelho. Vali-me depois das apreciações do Dr. Augusto Saraiva, das opiniões de Adolfo Casais Monteiro. Ouviram-me de raspão e como se o tempo lhes faltasse. Eu era paisagem e teria de me reduzir à minha notória insignificância de carácter provinciano. Até que, como disse, nasceu o "Litoral". O movimento neorealista ia agonizando lentamente. Por isso, com um certo revivalismo no coração, teria nascido o meu livro de contos "Telhados de Vidro". É que o linguajar do povo da beira-mar estava-me na ponta da língua. As críticas foram, na sua maior parte, elogiosas, o que equilibrou algumas onde o saudosismo presencista era notório. Eu era muito novo e nascido aqui

nesta cidade branca e lagunar, o que parecia não abonar em nada as minhas pretensões de aspirante a escritor.

Mas fui à luta quase só e sem bússola. Quero eu dizer que não me arrumaram os desaires das primeiras tentativas. Pelo contrário. Algumas das revoltas que eu tive como reacção a muitas injustiças serviram à justa para calejar a minha força de vontade. Ou, quem sabe, a minha dose excessiva de ingenuidade. Na pinha o aforismo popular: "quem porfia sempre alcança". E tudo aconteceu como que naturalmente. Na vila do Luso vivia o Dr. Augusto Saraiva, professor de Filosofia no liceu de Viseu, visita habitual e amigo do meu sogro. Muito aprendi com este homem superior. Um dia venci o acanhamento que me tolhia e me colava a língua ao céu da boca e falei-lhe nos meus primeiros contos. Prontificou-se a lê-los e a levá-los ao seu companheiro de tertúlia, o poeta Adolfo Casais Monteiro que, na altura, dirigia a revista de Artes, Letras e Ciências "O Mundo Literário". Vi então, pela primeira vez e em letra de forma, alguns dos meus contos publicados na primeira página dessa revista. Sabem e conhecem com certeza a sensação que se sente ao retermos as nossas primeiras tentativas, assim, ao lado de nomes que temos como inatingíveis. Depois, a notícia de que algumas das minhas histórias tinham sido cortadas pela censura. O facto não diminui em nada a sensação do meu auspicioso baptismo. De resto, isso já me acontecera aqui a alguns pedaços de prosa mandados para publicação no "Litoral". "Vamos mandar o artigo para o **Diário de Lisboa**". A consolação do grande amigo David Cristo. O certo é que alguns passaram aí, nesse jornal da capital. E desde então deixei de procurar compreender a lógica dos censores ao serviço do regime totalitário de então.

E porque nasceu o "Litoral", o seu director pôs à minha inteira disposição todas as suas posses para ajudar à publicação do meu segundo livro de contos "Flor Seca" e pouco depois, o meu primeiro romance "Gente ao Acaso". Evidentemente, que difícil de resolver a fase da distribuição que, apesar do nosso esforço conjunto, não deixou de ser deficientíssima. As críticas iam chovendo, algumas contraditórias, de molde a deixarem-me concluir que, ao fim e ao cabo, o balanço não deixava de ser altamente positivo. Apagado o "Neorealismo", surge o novo modismo adoptado por Sartre, Simone de Beauvoir, Camus e muitos outros que, irradiando da França, tocou muitos dos nossos melhores escritores que, quase sazonalmente contrairam a nova febre. Muita da crítica encontrava-se comprometida com um tardio

"Presencismo" ou ainda com o "Neorealismo". Pouco a pouco, porém, a insistência do novo ismo apressou a viragem da nossa literatura. Seduzido pela obra de Camus, escrevo a novela "As Regras do Jogo" e logo a seguir "Os Vagabundos Ilustrados" que mereceram da crítica um espaço mais folgado. Devo a dois amigos (o Rui Costa, aveirense e distinto revisor de toda a obra de Jaime Cortesão e de Fernando Namora). A este último escritor, na altura sócio da Editora Arcádia, devo a publicação de "As Regras do Jogo". Quanto à edição de "Os Vagabundos Ilustrados" pela Atlântida Editora de Coimbra, o acaso favoreceu-me excepcionalmente. De facto, convidaram o Mário Sacramento e o Vasco Branco para elaborarem um projecto de uma nova colecção de livros de bolso. Depois do nascimento da referida colecção apareceu como nosso colaborador o Mário Braga, que nos facilitaria as relações porque residentes nessa cidade, enquanto que o Vasco de Lemos Mourisca se propôs como advogado do grupo a fim de defender os nossos interesses. Devo confessar que nenhum de nós recebeu fosse o que fosse deste nosso trabalho (publicámos uma tradução do Vercors e o nosso capista Victor Palla preparou uma das primeiras antologias do conto de ficção científica). Depois, impressionado pelo tratamento inconsciente dado ao nosso planeta, a Bandarra Editora (revista literária onde publiquei vários trabalhos) e, com prefácio de Ilídio Sardoeira, aparece o meu estudo "Do Ignoto aos Satélites Artificiais". De tudo isto se infere que as Letras nunca nos trouxeram qualquer benefício de ordem material. Mas eu editei depois na



Bertrand, Morais e Ulmeiro, todas de Lisboa, e o pagamento nunca chegou a ser completo em nenhuma delas. Palavra que não se trata de queixas, mas a simples aposição da verdade neste depoimento. "Os Generosos Delírios da Burguesia" foi disputado por várias editoras. Experimentei a Morais. Azar meu. Esta editora faliu pouco tempo depois da edição. E a Ulmeiro que editou "Palavras sem voz" parece que também lhe foi profetizado fim idêntico. Evidentemente, que o escritor que vive na capital terá muitíssimas mais facilidades na procura de condições condignas com o seu esforço ou valor. Tenho esgotado o romance "Iva e o Mar", obra vivida na nossa faixa litorânea e durante a pesca longínqua dos então lugres bacalhoeiros cujo único apoio era o navio hospital "Gil Eanes". Ora bem. Este romance interessa a todos aqueles que se preocupem ou desejam reviver os tempos heróicos deste tipo de pesca. Que fazer? Quem pagará uma segunda edição deste livro tão nosso? Estímulos a traduções nunca os tive a não ser de pedaços de prosa em antologias de língua eslava. Mas o escritor Cardoso Pires convidou-me para a secção antológica da sua revista "Almanaque"; outro tanto aconteceu com a "Imbondeiro Gigante" e com a "Mosaico".

As entidades regionais que sempre têm apoiado escritores e artistas suponho, sem margem para erro, limitá-las ao Pelouro de Cultura da Câmara Municipal de Aveiro (isto, muito recentemente) e à Livraria Estante que, sem pretender ser um mecenas, tem editado muitíssimas obras de autores aveirenses ou de outros aqui radicados. O Sr. Proença, além da publicação, obriga-se à tarefa sempre ingrata da distribuição. Também seria ingratidão esquecer o apoio da Biblioteca Municipal desta cidade que, através da sua ilustre directora, nos tem facilitado a sua belíssima sala para qualquer lançamento. Tenho assistido a outros no Porto (na Cooperativa Árvore e em Lisboa na casa Fernando Pessoa). Pois bem. O nosso espaço e mesmo a quantidade de interessados sempre presentes nada ficam a dever à frequência dessas salas consideradas grandes centros. E com isso rejubilo, embora me possam chamar (e com razão) de doente de aveirismo. Mas o nosso Museu vem de há muito expondo trabalhos de artistas de grande valia e dos mais diversos quadrantes técnico-pictóricos. E suponho não ter deixado de fora qualquer entidade, o que eu próprio seria o primeiro a ter como injustiça. Infelizmente, espero que o lapso se não tenha verificado. Qualquer recado que sirva de corrigente é sempre bem-vindo.

Quando da edição de "Roteiro Impopular de uma Cidade" (crónicas e contos), sabendo que o livro se dirigia a uma população restrita, não achei curial procurar impô-lo ao favor de qualquer editora amiga. Por isso me autocalcandorei a editor e pedi ao meu velho amigo António da Livraria João Vieira da Cunha que me ajudasse na magna tarefa da distribuição. O livro esgotou-se em duas semanas. Não se tratou de qualquer *best-seller*, mas tão-só da requisição de todos os exemplares disponíveis pela Fundação Calauoste Gulbenkian que, aliás, já me

comprara parte do meu livro de novelas "As Regras do Jogo" e mais tarde pagaria a edição do meu livro "Palavras sem voz".

Devo lembrar ainda que o Clube de Lyons Santa Joana Princesa editou, com desenhos originais do pintor Júlio Resende, o meu livro de contos "Do Natal, Dez Histórias Impopulares".

Os americanos estimam ter de gastar, por ano, a soma astronómica de três milhões de dólares para poderem respirar novamente ar puro. Para mim, índice indefensável de incultura tudo quanto permitiu esta grave enfermidade da biosfera. Como índice de incultura, também, tudo aquilo que é susceptível de criar atrito ao livre deslizar da criação artística. Porque, ao fim e ao cabo, é bem evidente a cadeia de dependências, a semelhança de atitudes ainda que os factos pareçam situar-se a diferentes níveis. E isto porque não vivemos em bloco estanque, mas em mundo de repercussões. Tudo vem a propósito dos meios disponíveis que o nosso país oferece ao artista, ou a quem a tanto se atreve. E começa aqui o referido atrito. Não foi por mero acaso, nem para fazer espírito que o meu conterrâneo e amigo Mário Sacramento nos chamou, com a sua subtil ironia, artistas de Domingo. Porque só aí, nessas poucas horas que deviam ser de repouso, a única disponibilidade de quem necessita de mourejar toda a semana o esforço da própria sobrevivência. De facto, pode talvez contar-se pelos dedos de uma só mão, os escritores que, em qualquer época e no nosso país puderam viver exclusivamente da sua pena. Claro que não estou a considerar neste número a honrosa classe dos jornalistas, único sector onde o profissionalismo existe, neste nosso conturbado mundo das letras. Mas não será talvez exagero afirmar-se que, mesmo por aí as coisas não serão brilhantes.

O escritor tem um largo défice de horas roubadas ao homem; horas de merecido e necessário lazer, horas de convívio familiar, horas de sabor muito especial que a leitura sempre proporciona. Mas não. Essas horas terão de ser guardadas, avaramente, no silêncio quase religioso que antecede a explosão infrene forçosamente retida e adiada até o encontro de um espaço-tempo propício à criatividade. É que o escritor estreme é ave rara entre nós, sim, entre nós que também sonhamos asas. Mas sonho de asas adiados esta nossa luta inglória porque, desde logo, irremediavelmente perdida. Só nos têm permitido um simulacro de asas logo caídas, derrubadas pelo peso, tantas vezes violentíssimo, de um trabalho, na maior parte dos casos a leste do fenómeno literário. Que teria saído mais de pena de um Régio se não fora a obrigação do magistério?, e de um Urbano Tavares Rodrigues?, e de David Mourão-Ferreira?, e de Manuel e Silva? Onde chegaria um Torga se não fora as obrigações do doutor Adolfo Rocha? E um Namora? E o Mário Sacramento?, se a literatura não fosse para eles rio de suor engrossando outro rio sem foz à vista? E as mulheres que escrevem? Qual será o seu grau de sacrifício de as fazer conciliar o trabalho, ou as obrigações do lar, ou a educação dos

filhos, ou mesmo todo este conjunto com as exigências da literatura?

Mas todo este esforço vem marcado com o benefício, com o enriquecimento do artista em vivência — dizem. As dificuldades ensinam, temperam, fornecem até a própria agilidade mental com que se superam — dizem também. E é isto e muito mais, o que nos opõem todos quantos se refugiam na comonidade do "laissez passer" tão latino, tão genuíno e tão próprio de improvisadores que sempre fomos e continuamos a ser, tão próprios mesmo dos que anseiam por uma justificação para os seus fracassos.

Que se tem feito pelos escritores do nosso país? Suponho que nada ou pouco mais do que nada. Dá a impressão de que os ministérios ligados à Cultura julgaram sempre — e ainda julgam — o escritor como um indivíduo que se sente realizado diante de uma resma de papel e meia dúzia de esferográficas. É que, à margem das outras artes, a literatura, essa, não pode apresentar aquela chusma de papéis impressos com longos questionários somando orçamentos que podem significar independência inteira durante os períodos de gestão e de parto, sempre difíceis, de qualquer obra digna. Só essa independência poderá, de facto, expurgar dos miolos as preocupações mesquinhas e degradantes, isto, claro, se desejamos partos normais e não a constante dificuldade dos espasmos nascidos dessas preocupações rotineiras que conduzem, a maior parte das vezes, a intervenções difíceis que põem em sérios riscos o feto e até quem, corajosamente, o pretende gerar. Pois bem. Que esta coragem possa, ao menos, ser vertida em compensações de ordem material que permitam apenas (pedimos tão pouco!) abafar os gritos mais instantes de prioridade dos problemas ligados à sobrevivência para que possa surgir, finalmente, a disponibilidade inteira orientada para a criação. Não pedimos férias ociosas, mas tão-só que reconheçam no escritor o operário das letras a quem é justo remunerar condignamente e ainda fazê-lo credor dos benefícios de carácter social que, por direito comum, lhe são devidos.

E aqueles que começam? Que estímulos reais encontram nesta aventura das letras? Portas fechadas. Eu sei-o. Eu vivi-o. Eu senti-o. E sinto-o ainda na carne, no sangue, nos nervos. É que estas nesgas que representam os prémios da Associação Portuguesa de Escritores, por exemplo, por serem apenas nesgas, deixam na sombra a maior parte dos aspirantes.

Por isso eu insisto: é necessário, é urgente que o erro destas e de outras disparidades seja considerado e corrigido a bem da Literatura, sector cultural que tanto tem lutado (recordo Bento Caraça, António Sérgio, Jaime Cortesão, Ferreira de Castro, Adolfo Casais Monteiro, Alves Redol, Jorge Sena, Óscar Lopes, Carlos de Oliveira, Cardoso Pires, Manuel da Fonseca, Mário Sacramento e tantos outros), dizia eu, sector cultural que tanto tem lutado, que tanto se arriscou, até, por um Portugal novo mais livre e mais justo.

# O Escritor Regional: Nos subúrbios da periferia

João de Mancelos

Professor na Universidade Católica (Viseu)

Conta-se que o escritor regional norte-americano Ralph Emerson, incapaz de escoar as suas obras, guardava em casa o "stock" excedente. E com uma certa graça comentava: "Sou o feliz possuidor de uma enorme biblioteca constituída por centenas de livros — metade dos quais são meus".

Passada uma centena de anos, e atravessando o Atlântico para a nossa realidade, verifica-se que os problemas do escritor regional pouco mudaram. Vivemos na literatura periférica, habitamo-la nas suas dificuldades, projectos e compensações. Por outro lado, tal como então, permanece a dificuldade de definir este tipo de autor.

Será aquele que faz matéria e poesia das terras e gentes de uma zona etnográfica, à maneira de Miguel Torga, vedor das correntes mais profundas da autenticidade popular? Será aquele que ao colher este pequeno torrão de uma paisagem que lhe é umbilical, se torna, por sinédoque, universal? Se assim for, estão Seamus Heaney, ou William Faulkner são escritores regionais, mas também prémios Nobel — e as nossas

queixas de falta de reconhecimento no cânone literário universal não têm razão de ser.

Porém, não será igualmente regional o escritor que habita na província, embora não escreva acerca da sua comunidade, buscando noutras culturas e medidas a trama para tecer os seus textos, e sofrendo, tantas vezes, a indiferença das editoras de Lisboa?

Ou será que só é regional o escritor que vive na sua zona e escreve acerca dela? E nesse caso, que fazer de Aquilino Ribeiro, que tantas vezes se ausentou de Carregal da Tabosa, por longos períodos, para Lamego, Viseu, Beja, Lisboa, e até chegou a viver em Paris e Baiona?

E um escritor provinciano de ficção científica, que se deleita com a enormidade de universos inconstrangidos, futuros e lugares que ainda não se inventaram? E um autor para o qual o ser humano não se tingiu de região ou cor alguma, porque é ecuménico — e assim flutua acima de pátrias e línguas? É regional, ou não?

Neste amplexo em que tudo e todos parecem caber, sem se acotovelar, haverá razões para nos chamarmos periféricos? É esta a questão fulcral.

Apesar de tudo, encontro uma série de denominadores comuns aos vários tipos de escritores regionais. É que, como artistas, partilhamos problemas comuns, coisas de difícil deglutição. Sentimo-nos enxotados dos círculos criativos da capital, onde tudo, afinal, parece acontecer. Um eventual ingresso nesses circuitos literários é dificultado por cabalas, "lobbies" e capelinhas que às vezes têm medida de catedrais.

A crítica, por seu turno, nem sempre dispensa atenção a valores regionais — preferindo concentrar-se em escritores que são ou vivem na capital, com facilidade de contactos e apoio das suas editoras. Ora, o termo "crítica" teve génese no grego "krinos" que significa "escolher". Porém, nos nossos dias, esta selecção é feita intra-muros e nem sempre com probidade. Há algum tempo, Pires Cabral denunciava: "O reconhecimento de uma pessoa às vezes não depende só dos seus méritos, depende do sítio onde está integrada, e até das pessoas com quem bebe uns copos". Um antigo professor meu, Hélder de Macedo, usava de uma expressão bem congeminada para definir esta situação: "a cultura incestuosa".

A questão agrava-se quando lemos elogios a textos de certos autores cuja verve produtiva há muito mirrou, e que agora se limitam a produzir livros após livros, — material para consumo — um pouco como os quadros das açucenas de Monet.

JOÃO DE MANCELOS

*A Oeste deste Céu*



estante editora

A existência de uma crítica pouco atenta e menos criteriosa parece-me tanto mais grave quando chega a atingir autores praticamente consagrados, canónicos, mas que não residem na cidade do Tejo. Há dois anos, Clara Pinto Correia deu uma conferência no pólo de Viseu da Universidade Católica. Esta escritora, que vive longos períodos de tempo fora do país, lamentando a centralização, comentava, lacónica mas lapidar, e com pitada de polémica: "Não existe crítica em Portugal" — fim de citação.

Como consequência imediata, a literatura nacional está a ser viciada, com perda para as gerações hodiernas e futuras. O que hoje é canónico — e o cânone português tem de ser revisto — coincide cada vez mais com o imediato e o mediático. Neste contexto, peço emprestada uma expressão a Artur Fino: "Vivemos na cultura prato-feito".

Por outro lado, muitos dos presentes experimentaram mais obstáculos do que os congéneres lisboetas em trazer a lume os seus trabalhos. A edição de autor ou o recurso a pequenas, mas corajosas, editoras de bolsos vazios oferece-se como única alternativa — um facto facilmente comprovável por quem visite a nossa feira do livro.

Só que, a este respeito, não aponto o dedo a Lisboa. E os presentes certamente me perdoarão a franqueza. O maior inimigo periférico tem sido precisamente a edição de autor. Acto de ardidez, concorda-se. Os alibis são vários: o desejo de publicar ou um subsídio oportuno, por exemplo. No entanto, várias dessas obras são lançadas sem um grafismo apelativo, quase sempre pouco ou nada distribuídas fora da região, raras vezes com benefícios de um "feed-back" crítico. Admitamos: se muitas edições de autor não se escoam é porque a qualidade está ausente. Oferecem-me para recensão crítica de duas dúzias de volumes por ano. A maioria é escrita pela mão de autores periféricos. Desses, só uma escassa dezena traz páginas onde o talento habita. Por esse motivo, com frequência, se passa de um honroso provinciano a um evitável provincianismo. Assim, muitos são os escritores minúsculos que lá vão agitando a cauda ao público com os seus versinhos de água doce, impingidos a uma média quase anual.

As capelinhas, ao nível da cidade ou região, acabam, também, por ser uma fatalidade. Pequenas escolas de elogio mútuo, grupos e grupúsculos, não são incomuns, lembrando-nos o provérbio latino "um asno coça outro". Críticos de palmadinha nas costas existem e persistem, nas nossas terras. Tricotam ídolos com pés de papel, substituem o "literati" pelo "gliterati", e apenas criam descrédito ao escritor regional.

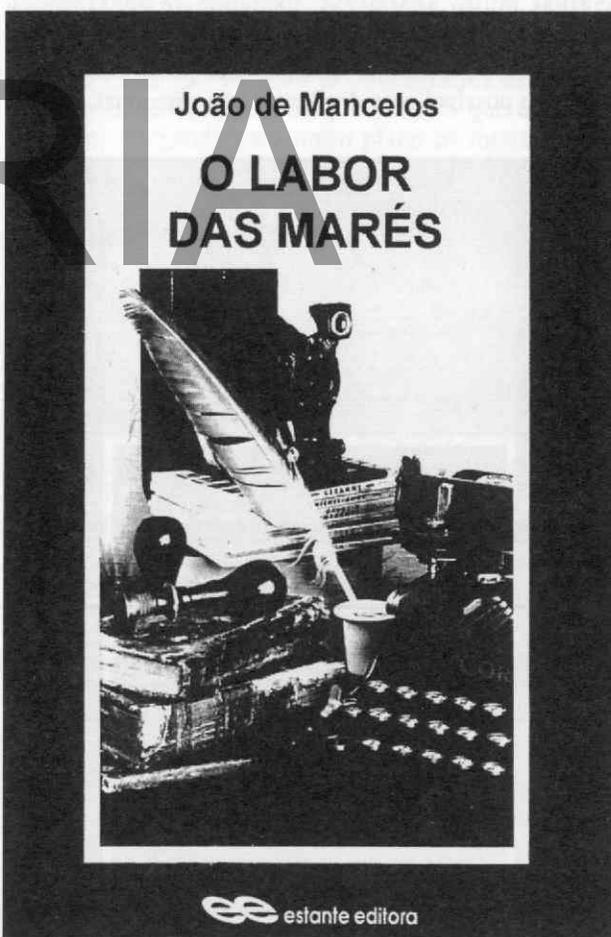
Os escritores regionais deverão repensar a sua estratégia. Ter a humildade poética de que nos fala Keats. Submeter os seus originais aos conselhos de leitura das editoras do Porto, Lisboa ou até Coimbra. Acatar as decisões e as críticas; aprender com as recusas e os erros — sem nunca porem à venda à sua integridade e identidade de autores comprometidos com a sua zona.

As consequências de se ser ignorado pela capital

não terminam aqui, nem se listam com facilidade. Subsistem, ocasionalmente, efeitos secundários. A ausência de crítica, vimo-lo, não contribui para que o autor periférico melhore o seu desempenho literário.

Escritores periféricos, num país periférico — os nossos problemas são um "dois em um". É que Portugal, apesar de listado entre os seis países com melhor produção literária, nunca esteve no vértice de nenhuma corrente, ao ponto de influenciar outros países. Sempre sofremos o magnetismo da Provença, da França, da Ibéria, da Inglaterra, da Alemanha, e, mais recentemente, dos Estados Unidos. Tal como nota a Professora Doutora Irene Santos, existe, ao nível do sistema mundial, um primeiro mundo, economicamente dominante, que sabe proteger e disseminar a sua cultura, e um segundo mundo, onde escasseiam os mecenas e as fundações e que se limita quase a absorver influências. O pessoal atlantismo como-centro-de-poder permanecer por cumprir, e de um Quinto Império resta-nos ser o subúrbio pobre, de mão estendida.

A necessidade de descentralizar é hoje um "cliché" dito à boca cheia. Dos autores já consagrados, poucos apostam, menos arriscam. No entanto, há excepções a flutuar neste lago de azeite da indiferença cultural. Há dois anos atrás, no *IIº Encontro Internacional de Poetas*,



promovido pela Universidade de Coimbra, debati algumas ideias com Isabel Cristina Pires. Na altura, a escritora anunciou-me que não ia começar por lançar o

seu volume *À Porta de Nárnia* em Coimbra ou Lisboa, mas na terra-natal, a Pampilhosa. Disse e fez. Aconteceu. O parto foi bonito e assistido não só por numerosa gente da terra, como por pessoas vindas de outras regiões. Apenas um exemplo de que o escritor regional pode ser um cavalinho de Tróia na cultura estabelecida. Contribuir para arejar as letras portuguesas. Provar que a província tem paisagem — e é vasta e literária.

Felizmente, há algum luar. Esperança na mudança e numa crescente consciência de que a literatura não se resume a Lisboa ou aos Açores. Os suplementos literários da imprensa regional, por exemplo, têm sido o nosso órgão divulgador, por excelência. Por seu turno, algumas pequenas editoras continuam a apostar no escritor periférico, preparando-lhe ingresso em maiores ambições: cito apenas a Estante, a Amararte e a Minerva. Ao nível da nossa representação na capital, destaco o ofício meritório que *Associação Cultural Sol XXI* tem tido, quer através da revista, quer pelas edições e encontros que promove com regularidade, ou a interessantíssima *Amararte*, com as suas sessões de divulgação e as suas publicações de bolso. Por outro lado, muito tem sido feito por escritores como o José Machado, de Chaves, e o Álvaro Holstein, do Porto, que colocaram escritores consagrados e autores menos conhecidos na Internet, em páginas muito apelativas, tornando-se acessíveis a milhões de pessoas, pelo preço de uma bica.

Pela minha parte, nestes últimos anos, tenho feito o esforço possível para divulgar o autor regional: através

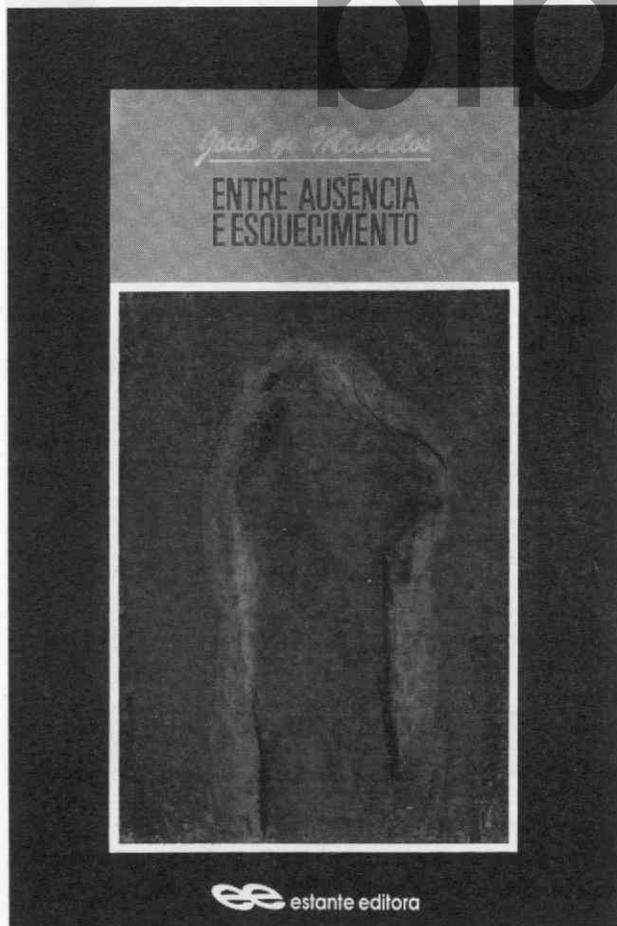
do Projecto Multimédia, que fundei; pela coordenação do suplemento cultural "Latitude", ao ter organizado *Vox/95, Encontro de Escritores da Zona Centro*, nesta Biblioteca; pelo ensino da obra *A Cidade Salgada*, de Vasco Branco, aos meus alunos, na UCP; ao coordenar, no próximo ano, um dos primeiros cursos de escrita criativa no nosso país; e pelas entrevistas e recensões críticas que tantas vezes fiz, em jornais regionais e nacionais, a escritores desta área. Tudo porque ninguém tem o direito de criticar Lisboa, se antes não fez pela divulgação da periferia.

Dizia David Lawrence, nos anos vinte, e pressagiando o tom do século: "Vivemos numa era essencialmente trágica". Com o analfabetismo real e o analfabetismo literário, com editoras a afixarem a placa "fechada" nas suas portas, com a pesada cauda de dinossauro da tradição e do vendável a tolher a novidade, com apenas 4% dos portugueses maiores de 15 anos a lerem um livro por mês, com 74% a praticarem abstinência literária total, com seis milhões de portugueses que lêem mas não conseguem interpretar medianamente, num ensino cingido ao cânone, num ensino secundário que é a desgraça e a vergonha da Europa e que traz para as universidades alunos que a maioria das vezes nem um poema simples conseguem analisar — as letras nacionais resistem. E as periféricas logram sobreviver, na imposta dieta cultural.

O século finda. A humanidade, com a sisudez do pensador de Robin, reavalia o seu lugar na história. Vivemos na "aldeia global" de McLuhan. O mundo está hoje a um minuto de distância, sabemos-lo. À literatura, como caixa de ressonância, cabe avaliar e preparar o parto do novo milénio.

O cânone literário, em países mais interessados nestas coisas da cultura do que o nosso, tem sido revisto. Da compartimentação dos saberes à interdisciplinaridade, da interdisciplinaridade à transdisciplinaridade, da transdisciplinaridade à holística, a tendência hodierna é combinar diferentes áreas do conhecimento, com vista à criação de novas abordagens da literatura. Os "curricula" deverão ter em conta que os feudos desta ou daquela corrente de crítica terminaram. As fronteiras do estudo do fenómeno das Letras abrem-se a novos pensamentos, dúvidas e descobertas: os estudos multiculturais, os estudos da "écriture féminine", o comparativismo, a antropologia literária, os "mass studies", e todas as novas disciplinas que enriquecem a literatura e recuperam para o cânone tantos escritores.

Nesta linha, é altura para incentivar à criação de teses e ensaios na área dos estudos regionais, originando cursos livres ao nível universitário, e, cada vez faz mais falta, inaugurando uma publicação verdadeiramente credível, sem ar de mendigo, nem papel rasca, nem mão estendida à esmola, que preencha as lacunas deixadas pelo *JL*, pela *Ler*, pela *Colóquio*. Só depois disso, ser escritor regional poderá ser sinónimo de dignidade e o cânone português se enriquecerá.



# Reparos de um estudioso regionalista

António Capão  
Professor e escritor

Velho professor do Liceu de Aveiro, dei, com alegria e empenho, muito da minha vida para a formação de várias gerações de jovens que hoje ocupam os cargos mais dísparos na sociedade. Na amplitude do leque da minha existência, estive aberto a muitas deslocações e experiências e procurei manter um brio profissional que tentei eleger como patamar fundamental onde me pudesse fixar dignamente, ainda que, muitas vezes, em prejuízo do agregado familiar, opção de minha eleição.

Olho, hoje, para tudo isso, do cimo do pedestal que construí, pedra a pedra, e descubro imprecisões e possíveis fracassos que, apesar de tudo, não me pesam na consciência; simplesmente tenho a faculdade de os lembrar, admitindo-os como uma verdade incontestada.

Percorri meio mundo não só na ânsia de resolver os meus problemas económicos, que eram muitos, mas também com a intenção esclarecida de alargar os meus conhecimentos no sentido geral e cimentar uma sabedoria tantas vezes somente livresca que não podia satisfazer plenamente. Não obstante tudo isso, nunca deixei de estar profundamente ligado ao espaço do meu berço, a que se unia também, como por encanto, a cidade de Aveiro que tanto me havia dado na altura da formação. Ligava-me a essas representações mentais como que um cordão umbilical invisível e tudo isso sobressaía na confusão das imagens projectadas na pantalha do meu espírito sempre insatisfeito.

Todavia, regressado à minha cidade em momentos de turvação, procurei readaptar-me, útil e firmemente, a espaços reformados e, com diligência e afecto, marcar a minha presença, que passou activa e despercebida de quase todos.

Por dever de profissão e de certo modo estudioso da linguagem popular, nas suas relações íntimas com a etnografia, sempre tive a sorte de encontrar muitos alunos que foram capazes de me ajudar com os seus registos próprios. Em muitos dos meus trabalhos publicados, podemos descobrir contribuições de muitos discípulos que, de algum modo, me ficaram ligados pelo gosto que fui capaz de lhes inculcar sobre a riqueza das nossas memórias e das nossas raízes. Desde o Liceu Sá de Miranda, em Braga, e a Escola de Agentes de Formação Rural, de Tenões, até ao Liceu de Aveiro, à Escola do Magistério Primário de Aveiro, ao Seminário de Santa Joana Princesa de Aveiro e a tantos outros estabelecimentos de ensino, fui recolhendo um alargado repositório linguístico e etnográfico-folclórico que tem servido de base para alguns escritos meus. Mas o maior valor desta troca de trabalhos, saberes e registos está no facto desses mesmos alunos nunca mais esquecerem esta actividade pela vida fora. Tenho a felicidade de guardar, entre as minhas gratas recordações, objectos representativos de Portugal inteiro, desde o Minho aos confins do Oriente. Elos de amizade, são as minhas

preciosas medalhas com que fui agraciado. E esses símbolos de um passado dificilmente trabalhoso, somente tenho que os agradecer a esses colaboradores de palmo e meio.

Em Aveiro, trabalhei e escrevi muito. Não quero que terei escrito com qualidade nem que os assuntos por mim tratados tivessem sido apreciados por todos. Bem me esforcei, algumas vezes, por publicar certos estudos mais desenvolvidos, mas, ou batia quase sempre a porta errada — o que não me parece — ou o encadeamento burocrático era de tal ordem complicado que, embora aureolado de boas palavras, nunca fazia prever futuros resultados positivos. Circunstâncias destas repetiram-se várias vezes. Como consequência, os trabalhos foram-se amontoando no fundo de gavetas, esperando a destruição a qualquer preço.

Entendo que os editores são muito selectivos e só apostam naquilo que lhes possa garantir lucros mais ou menos assegurados. Por experiência, sou de opinião que, com eles, não vamos perto nem longe, a não ser para asqueles que são os seus já consagrados escritores-clientes. Depois, alguns só procuram o que mais lhes convém, relegando para outro plano os interesses dos outros. Além disso, a cidade de Aveiro quase deixou de ter editores e o pouco que há, neste capítulo, nem sempre dá garantias proporcionalmente convenientes.

Com as empresas e os proclamados mecenatos, o que existe revela boas intenções no papel e não deixa de ser aliciante; na realidade, eu nunca me encontrei nas vias em que pudesse sentir os seus benefícios.

Os apoios das entidades regionais nem sempre são francos, claros e leais. Há muitas Câmaras Municipais que nem sequer têm o pelouro dedicado ao vasto leque dos aspectos culturais e, quando existe, tem muitas vezes de se multiplicar em tarefas que não dão tempo para se poder dedicar a esta matéria.

Ultimamente, algumas Câmaras Municipais têm orientado parte do seu esforço no sentido de valorizar os seus marcos indispensáveis na manutenção de memórias que podem contribuir para a confirmação da verdadeira identidade nacional.

O escritor regionalista, e muito menos o estudioso das manifestações populares, no seu mais amplo sentido dentro da Etnografia e da Antropologia Cultural, não tem as mesmas facilidades e oportunidades que aqueles que vivem nos grandes centros populacionais, integrados em tertúlias que os defendem, quase à beira das grandes instituições ou a elas ligados, com cuja proximidade se aqueçam.

É claro que temos que concordar que muitas Câmaras Municipais têm vindo a despertar de uma letargia cultural de decénios, embora outras já tivessem acordado há tempos e tivessem proporcionado edições de alguns dos seus municípios, com as quais todos temos

vindo a lucrar.

Entendo que cada espaço concreto onde o homem vive, trabalha, escreve, etc, é um ponto valioso que se inclui no todo nacional e nos ajuda a compreender que, com estas e aquelas características, todos somos portugueses e cidadãos deste mesmo país.

O que tenho escrito e publicado a este respeito, ainda que possa revelar uma certa animosidade pessoal, não apareceu por mera intenção de crítica mais ou menos directa e negativa, mas por se basear em factos reais em que muitos se sentem envolvidos e integrados lamentavelmente.

Felizmente, houve oportunidade para se levantarem e abordarem pontos quentes sobre esta matéria. A nossa presença aqui tem o valor de uma necessidade premente para lançarmos aos quatro ventos as vozes do esforço e da dignidade com que todos nós, os que se alimentam de uma certa ruralidade, permitem que continuemos a existir de pé, vestidos da nossa própria honradez.

Confesso que mantenho em reserva, pelo menos, oito ou nove trabalhos, entre estudos, livros de contos, livros de poesia, cuja importância não é perene e, por isso, vão perdendo a oportunidade de publicação, pelas delongas de uma jazida forçada e extemporânea. Mas o meu caso pessoal não pode elevar-se a exemplo para ser considerado. O pior é que milhares de trabalhos e estudos de cariz regional, alguns de real valor para determinados momentos, brilharam e ter-se-ão apagado para sempre. Eu próprio resguardo na minha mão três originais — uma peça de teatro, uma biografia romanceada e um estudo sobre uma aldeia — que, em casos normais, nunca mais serão publicados.

Tudo isto, com efeito, depende de mentalidades havidas sobre a matéria, cujo exemplo mais claro é

relativamente recente: uma pessoa, responsável pela publicação de um livro póstumo de Jaime de Magalhães Lima, ao oferecer-me um exemplar da obra, expressou-se do seguinte modo: "Ofereço-te este livro que não tem qualquer valor. Não sei para que é que foi publicado..." Vindo este comentário de outra pessoa, não me causaria admiração; mas, saindo da pessoa de quem veio, fiquei não só admirado mas perplexo. No entanto, aceito que talvez o meu amigo tivesse alguma razão.

Ao pensarmos assim, porém, não se publicaria muita coisa inédita, uma vez que qualquer um pode pôr em causa um conjunto de ideias, pode ter uma ideia avessa sobre qualquer publicação e tudo isso será muito mais explicável se não se entende ou não se querem descobrir os pontos positivos que qualquer obra pode revelar aos seus leitores.

Quem possui esta doença incurável de escrever, não pode ver à sua beira uma caneta e um papel que não os use à sua maneira e conforme as circunstâncias adicionais. E também com certo prazer. Mal vai ao reformado das letras que não continue a usar a cabeça, exprimindo os seus raciocínios e os seus sentimentos com o estilo que procurou apurar, com os conhecimentos que adquiriu e com as capacidades que Deus lhe deu.

De formação clássica, emocio-no-me muito mais com a simetria das cores naturais e com o ondulado das paisagens, incluindo os seres que devaneiam no meio delas, do que com o rigor geométrico do traço e as cores artificiais de um quadro citadino, onde ninguém pára para observar uma ave, contemplar uma flor, o onde corre para estar a horas no emprego. O **spleen** parece ser o contrário do **stress**, esta doença moderna implacável que não deixa ninguém sonhar acordado! Eu continuo a preferir os meus momentos de paragem e de observação. Por isso, vivo homiziado voluntariamente na aldeia, onde alguns sabem que eu existo, onde, elemento do povo, passo no meio do povo como seu igual, avaliando as suas angústias e cansaças.

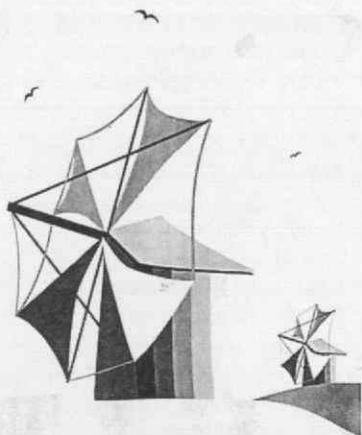
Por que será que, logo que deixemos as funções de qualquer cargo, grande parte dos colegas de tantos trabalhos e convívios parece esquecer-se de nós, quase que nos discrimina como se abandona um objecto inútil, ultrapassando, velho traste de madeira carcomida encostado a um canto, que já não dá para nada? Se não tivermos cuidado e não reagirmos, a velhice e a reforma representam a aproximação da decadência e a fatalidade da morte biológica.

Tendo verificado que há muito de cultura que se perde pela ineficácia de vários responsáveis e de várias fontes, entende-se que se deve desenvolver maior acuidade em relação a estes problemas.

Pensamos que em todas as Câmaras Municipais deve existir um pelouro que olhe com mais carinho para tudo quanto se escreva e não só para certos eleitos que podem merecer preferência.

É evidente que as Câmaras consideradas mais ricas, estando ou devendo estar já vocacionadas para o levantamento de todos os aspectos culturais, devem apurar os sentidos em ordem aos que merecerão melhor sorte e maior apoio. Àquelas que podem considerar-se meramente rurais, cumprirá estarem mais atentas também aos problemas da cultura escrita, pois nas zonas que compreendem o seu território, há riquezas muitas vezes escondidas, que correspondem a um repositório de

## OS MOINHOS NA NOSSA REGIÃO SUA VIDA E DECADÊNCIA



António Capão

interesse singular, não menos valioso do que qualquer outro.

Por outro lado, sabemos que há empresas que, em condições razoáveis, nunca prestaram atenção às disposições que já existem sobre o mecenato e duvida-se que algumas saibam mesmo do que se trata. Seria bom que acordassem e colaborassem com auxílios possíveis para aqueles que elaboram estudos e se interessam por manifestar, expressando-as, riquezas peculiares que parecem envergonhadas. Sobretudo os mais jovens devem ser incentivados. Outras, no entanto, conhecendo bem esta matéria, só praticam tais modalidades com quem querem e como querem e, contra isso, não temos nada a opor.

A comunicação escrita, compreendendo alguns jornais e revistas, de acordo com critérios privados sempre discutíveis e arvorados em regra, recusam ou não publicam muitas vezes artigos que podem trazer uma mensagem especial, digna de algum interesse e, agindo assim, não só cortam os entusiasmos e as intenções dos autores como cortam a vontade de colaborar, pelo que preferem nada escrever ou nada enviar para as respectivas redacções.

Por enquanto, e falo essencialmente por mim, só podemos voar baixinho, com as asas que temos. Gastamos papel, tinta e esprememos os neurónios nas nossas lucubrações; resta-nos a compensação de utilizar o tempo em nosso próprio prazer e a recompensa medida de um certo dever cumprido, no que temos a liberdade absoluta de efectivação. Será uma certa punição narcisista.

Hoje, convidam-nos para uma palestra ou uma conferência que agrada, querem a sua publicação mas exigem que seja preparada e passada em **disquette**! Não perguntam se temos computador ou se queremos e podemos gastar dinheiro nosso com uma publicação até simpática, mas que sabemos, de antemão, que quase ninguém já vai ler!

Parece-me que estamos em momentos alucinantes da Comunicação Social e já tudo se passa a exigir: o trabalho do desenvolvimento do tema, que pertence exclusivamente ao autor, e a própria técnica de **preparação para**, que pertence a outrem. Antigamente, pedia-se o texto já elaborado e esta era a parte que correspondia fundamentalmente ao escritor. Actualmente, vai-se muito além disso. Ora eu nada tenho contra os avanços da técnica nem contra os computadores que reconheço serem auxiliar notável na vida humana actual. Isto significa só que eu, como muitos outros, não trabalho com computador nem virei com certeza a trabalhar, porque não quero, visto que sinto um certo horror à máquina. Basta-me a faculdade de poder discorrer, a capacidade de saber escrever, de recriar alguma coisa e de possuir a modesta técnica de utilizar a máquina de dactilografar. Os outros que façam o que entenderem, o que souberem e o que quiserem, mas eu não irei além disto. Velho e ultrapassado, será por um grande amor à arte que continuo a entender que é suficiente para poder congraçar as minhas próprias exigências e satisfazer a realização e o preenchimento de alguns dos meus planos e projectos.

Em momentos destes da nossa existência, estou certo de que ninguém chegará a levar a cabo muitos dos trabalhos que foram idealizados ao longo dos tempos. É

que a vida nunca corre de molde a podermos completar os planos futuros, previamente concebidos. Todavia, sem pressas nem precipitações, não desistindo, vamos cumprindo, lentamente, parte deles.

Continuo a ser um defensor intransigente da arte de bem escrever, neste tempo em que quase foram abolidas as regras e em toda a comunicação social se fala e escreve mal. As razões são várias e não me dou ao luxo de as apontar, porque elas são demasiado evidentes. Isto, porém, não me priva de fazer estudos de linguagem popular, que bem conheço, e de teimar em fazer os seus registos, devidamente justificados.

Chamo este tema aqui porque, tendo feito, com muito trabalho e com muito prazer, um estudo sobre a linguagem da minha região, ele se mantém parado e resguardado. Só para me certificar das possibilidades de publicação, pedi a pessoas amigas, não editores, que me fizessem um orçamento. O meu espanto incidiu neste ponto: para uma tiragem de mil exemplares, estimou-se a edição para cima de quinhentos mil escudos. Ora, como se tratava de um estudo de linguagem popular que só poderia interessar a um número restrito de pessoas, resolvi meter o trabalho na gaveta, há já algum tempo, talvez na intenção de o deixar amadurecer e, à maneira do velho Horácio, deixá-lo permanecer inédito durante os afamados nove anos, ao fim dos quais, ou terá perdido totalmente a oportunidade e o interesse, ou terá de ser refundido porque, entretanto, outros problemas surgem que obrigarão a correcção ou até o próprio autor sentirá vergonha de o apresentar em público.

Com este tema, "Autores regionais tomam a palavra", integrado no **Programa da Feira do Livro**, a Câmara de Aveiro, através do seu Pelouro da Cultura, terá redescoberto muitos autores espalhados pelo Distrito, os quais, de algum modo, ajudaram a estruturar os problemas da nossa cultura regional e contribuíram, como puderam e souberam, para a fixação do espólio que é parte intrínseca da unidade e da identidade nacionais.

Dói-me o problema do isolamento cultural e da discriminação a que, muitas vezes, são votados os escritores regionalistas. Dói-me a negativa de grandes empresas e de instituições, quando se mendiga um contributo, apresentando elas razões, sempre válidas em seus critérios, para não satisfazerem, não colaborando no que se pede. Daí que se tenha perdido a vontade de ser pobre de pedir...

Afinal, todos vamos escrevendo, agrupando, guardando; futuramente, pelo menos o papel continuará a ter o seu valor ao quilo e os nossos descendentes terão material para acender a fogueira, aquecendo-se ao calor e revendo-se nas cinzas da palavra escrita dos seus antecessores, como tantas vezes tem acontecido.

Lanço aqui este grito de reparo e de amargura que não é início de qualquer frustração, porque até me sinto privilegiado. O país, contudo, continuará a ter os seus problemas mais importantes para resolver, a todos os níveis, nacional e internacionalmente, e este assunto em causa irá ficando esquecido entre esse volumoso ciclo de preocupações. Só que os grandes problemas são constituídos por todos os pequenos e os escritores regionais hão-de continuar a esforçar-se por trabalhar em terrenos por arrotear, mas em sendas lateralmente ornamentadas de flores e de verduras.

# A importância dos Autores Regionais na defesa do Património Linguístico

Fátima Rezende Matias  
Professora na Universidade de Aveiro

Prezados aveirenses:

Permitam-me que utilize esta forma de tratamento, pois estou certa de que, por nascimento ou por devoção, todos partilhamos, enquanto Autores regionais, um carinho muito especial por tudo o que respeita à região de Aveiro.

E se é também um pouco nessa qualidade que aqui me encontro, já que dediquei alguma da minha pesquisa à linguagem local, tendo beneficiado, para a publicação dos respectivos resultados, do apoio da Câmara Municipal de Aveiro, que mais uma vez agradeço, outro constitui o principal motivo da minha presença: solicitar a quantos me escutam que, nas suas localidades, funcionem como defensores do património linguístico. Sem alguns esclarecimentos prévios acerca da expressão *património linguístico*, pode parecer que estou a pedir o óbvio, que se trata de uma verdade de Monsieur de la Palisse, visto que

os Autores regionais, enquanto autores, são naturalmente defensores do património linguístico.

Na verdade, se todos temos consciência da importância da linguagem literária, da linguagem escrita em geral, ou mesmo da chamada correcta expressão oral, do falar bem mais difícil é reconhecer algum valor à linguagem popular, ao falar do povo. E, contudo, nela reside grande parte da nossa riqueza linguística, a chave que tantas vezes soluciona intrincados problemas da história da língua. Mas para que isto se compreenda, tem de se abandonar o preconceito, que atinge um avultado número de pessoas instruídas, segundo o qual o povo deturpa a língua, fala mal.

Com efeito, os rumos seguidos pela linguagem popular são apenas, nalguns casos, diferentes da via percorrida pelo português-padrão, umas vezes guardando preciosos arcaísmos (por exemplo, o pronome *aqueste*, *aquesta*, que se encontra em documentos medievais, subsiste hoje com muita vida, nalgumas localidades, ou a pronúncia *tchave* ou *tchabe* em vez de *chave*, que na evolução do grupo consonântico /cl/ precedeu o som ch) outras vezes antecipando-se à evolução da língua, apresentando-se como precursora (por exemplo, quando diz *escrevestes*, *mandastes*, acrescentando um -s análogo na 2ª pessoa do pretérito perfeito simples, visto ser o único tempo verbal que não tem essa desinência na 2ª pessoa do singular), ou ainda, simplesmente, manifestando soluções alternativas, que seguem as mesmas leis e tendências próprias da nossa língua (por exemplo, *desinfeliz* suscita, em regra, um sorriso, em quem ouve esta forma, esquecendo que, tal como *desinquieta*, apenas apresenta o prefixo intensivo *des-*; idêntica atitude se observa perante *auga* (português normal 'água'), que sofreu o fenómeno fonético da *atracção* - tipo particular de metátese, que consiste na mudança de posição de uma semivogal no interior da palavra, para junto da vogal da sílaba tónica, passando com ela a tornar ditongo - tal como ocorreu na evolução histórica do português, em várias palavras (cf.: *MATERIA*-(M)> *madeira*, *SAPIA*-(M)> *saiba*), também a forma popular *bonecra* para *boneca* impressiona quem não estabeleça o confronto com *STELLA*> *estrela*, apresentando ambos os casos a epêntese de -r; do mesmo modo, as acentuações de *tênhamos*, *supônhamos* ferem o ouvido de muitos, que esquecem que a forma padrão *amávamos* "começou por ser tão errada como é hoje *estêjamos*, visto que em latim se dizia *amabamus*, com o acento na penúltima sílaba" (cf Manuel de Paiva BOLÉO,

Maria de Fátima de Rezende Fernandes Matias

## ASPECTOS DA ESTRUTURA SOCIOLINGUÍSTICA DA CIDADE DE AVEIRO

EDIÇÃO  
CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO

AVEIRO 1995

*Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*, Coimbra, 1974, Vol. 1, página 83).

Poderia multiplicar os exemplos, mas como para bom entendedor meia palavra basta, creio ter mostrado que a linguagem popular não é uma maneira estropiada de falar, mas só uma variedade diferente que, seguindo as mesmas leis fonéticas e morfológicas do português-padrão, nos surpreende pela imensa riqueza de variantes que oferece, sobretudo no que respeita ao aspecto lexical. Vejam-se, a título de exemplo, as designações para 'folha seca de pinheiro': agulhas, bicos, caruma, cisco, fagulha, garvalha, musgo, picos, pruma, rama, sama, etc., para o instrumento de tirar água de um poço com um balde, por meio de uma vara apoiada numa estaca: cegonha, picota, balança, baldão, burra, cavalo, gaivota, picanço, zangarilho, vai-vém, etc., ou para 'bezerro': anjo, anelha, boizinho, cria, carbelhano, cucho, garraio, guecho, juvença, mamão, leituço, mamote, muchaninho, noviço, nobelho, soberano, terneiro, vitelo, etc. (cf. IDEM, *ibidem*, página 11);

Nesta perspectiva, como assistir impávido ao desaparecimento deste manancial? Estou certa de que, se por um lamentável cataclismo, a Igreja da Misericórdia, a Capela do Senhor das Barrocas ou o Mosteiro de Jesus ficassem danificados, depressa tentaríamos remediar o sucedido, salvando o possível. Mas quase ninguém se apoqueta com a lenta morte das nossas palavras! É evidente que os vocábulos sofrem o desgaste que o tempo lhes imprime, sendo substituídos por outros. Trata-se de

um processo normal, pois todas as línguas se caracterizam, em maior ou menor escala, pelo seu dinamismo: a expressão *criada de servir* foi substituída por *empregada doméstica*; *sonoro* por *cinema*, e até o adjectivo *chato* ganhou direitos de cidadania, na linguagem corrente, sobre o cada vez menos usado *aborrecido*.

Não é, porém, com o facto de estas palavras caírem em desuso que nos devemos preocupar, já que o seu registo gráfico lhes assegura a perenidade. É a silenciosa extinção do património linguístico local, fruto da influência uniformizadora dos meios de comunicação - televisão e rádio - e da difusão da escolaridade, consequência ainda do abandono de certas profissões tradicionais, que me deixa particularmente apreensiva.

Por isso me dirijo aos Autores regionais, pedindo-lhes que não deixem que se percam, na memória colectiva, as vozes da nossa terra, procedendo directamente a recolhas linguísticas, à semelhança do que fez o Dr. Diamantino Dias no seu *Glossário. Designações relacionadas com as marinhas de sal da Ria de Aveiro*, publicado no ano passado, pela Câmara Municipal de Aveiro, ou incentivando conterrâneos e amigos a fazê-lo. Com interesse, vontade e alguns pequenos ensinamentos de teor metodológico, para os quais me disponibilizo, é ainda possível manter a salvo fragmentos do nosso património linguístico, que, sem este empenho, fatalmente se perderão.

Muito obrigada



Fac-simile da primeira edição da Grammatica da lingoagem portuguesa, do insigne aveirense Padre Fernão de Oliveira (1536).  
1. - Rosto do livro; 2. - Cólófon final.

# O Escritor e a sua Terra

## — Por um novo viver e agir

Rosa Maria Oliveira  
Professora e escritora

A maioria dos escritores do nosso país são efectivamente escritores regionais, poucos serão escritores de âmbito nacional. Mas o facto de serem regionais não significa que sejam menos importantes no conjunto da nossa literatura nem esta certamente pode prescindir deles. É devido igualmente à sua existência que podemos falar de uma Literatura Portuguesa pródiga e polifónica.

### 1 — COMO ALGUNS ESCRITORES SE VÊM ENQUANTO ESCRITORES REGIONAIS

Porém, o escritor regional é visto muitas vezes como uma peça de "roupa de andar por casa", isto é, algo indigno de ser "recomendado" a apresentar-se no

afirmarem no poder do seu talento, conformam-se em certa medida como escritores menores ou secundários, considerando que aquilo que têm para oferecer não é senão uma ténue centelha que rapidamente se extingue. A falta de convicção no próprio mérito reduz o espírito de luta tão necessário àquele que decididamente abraçou a escrita literária. A própria comunidade que o rodeia não vai sentir-se no dever de o apoiar. O seu trabalho não revela persistência. Se o não vai ignorar, vai em última instância desconfiar do seu talento.

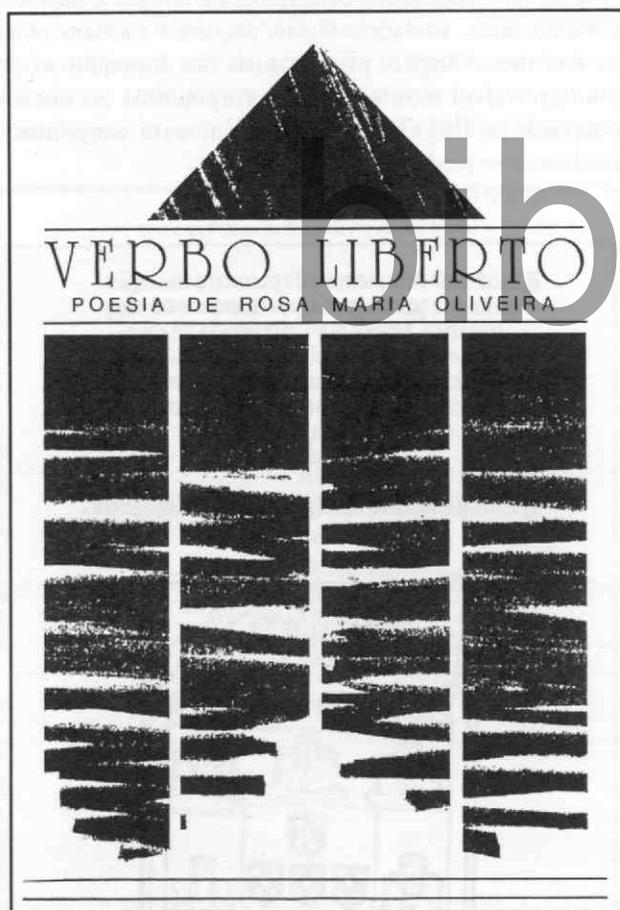
Em casos como estes, penso que é o próprio escritor que conduz a comunidade, a autarquia e as instituições em geral à desresponsabilização em relação aos apoios ao desenvolvimento da sua actividade como escritor.

### 2 — COMO UM ESCRITOR SE HUMANIZA

É preciso fazer acreditar que o trabalho de escritor se distingue pela humanização e pelo árduo e inteligente labutar, mesmo quando o assunto tem aparentemente apenas interesse local muito restrito. A experiência tem-me dito que um exercício literário humanizante e fecundo é próprio daquele para quem assumir-se como escritor é antes de mais pôr de lado as diferenças entre escritor nacional, regional ou local. A sua motivação deverá concentrar-se fora destas questões, o que não o impede de abraçar por inteiro o espírito da sua terra, da região que o viu nascer. O escritor que admite esta postura é um escritor do seu país que não tem qualquer problema em aceitar ser reconhecido como escritor de Aveiro, do Porto, de Évora ou de Faro. Sabemos, no entanto, que existem escritores reconhecidamente nacionais que recusam a designação de escritores de determinada terra ou região, pelo motivo já apontado: ser conotado com o nome de uma terra é colocá-lo ao nível dos escritores de "segunda categoria". Esquece-se naturalmente que deve à sua região muito mais do que aquilo que presume saber (pelo menos o sentimento de pujança que arrancou do chão que o viu nascer). É certo que de um modo geral terá desbravado sozinho os difíceis caminhos da actividade literária, buscando principalmente em Lisboa, junto do poder central, aquilo que a sua terra poderia sem dúvida ter-lhe dado de uma forma mais justa e serena, de modo que todos (comunidade, autarquia e escritor) pudessem beneficiar do mesmo investimento.

### 3 — COMO MELHOR INVESTIR NO TRABALHO DOS ESCRITORES DE AVEIRO

Felizmente, nos últimos tempos temos sentido uma maior responsabilização por parte das autarquias ao

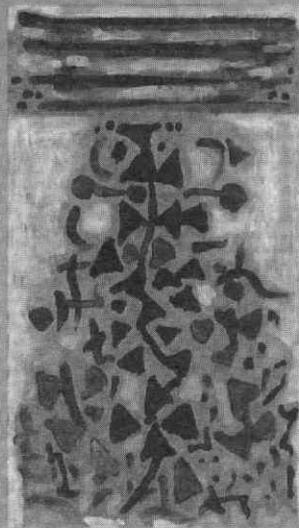


expositor nacional, porque os seus propósitos literários e culturais são considerados de nível inferior. A verdade é que esta ideia de inferioridade é vivida frequentemente por alguns escritores sob a forma de insegurança, produzindo infelizmente efeitos negativos no domínio do seu exercício criativo. Em vez de se esforçarem e de se

ROSA MARIA OLIVEIRA

# MEU NOME É POESIA

ENSAIOS



Edições GAZETA DE POESIA

apoiarem um pouco mais os seus escritores nas suas iniciativas culturais e editoriais, evitando que os escritores sejam obrigados a penetrar a sombria e temerária selva de interesses e compadrio que é Lisboa.

Para mim Lisboa continua a ser a capital que só de quando em quando revejo por causa de um ou de outro encontro literário. Visito-a com o mesmo entusiasmo com que visito uma pequena terra que cometeu a proeza de apoiar um grupo de escritores.

O trajecto do meu percurso literário teve início em Aveiro, há cerca de oito anos. Longe de pensar em publicar os versos que escrevia, acabaram por mos publicar, assim de surpresa. Ainda hoje não sei que musa cantou ao meu ouvido um Verbo Liberto, um canto simples e breve que se impôs como livro. Aveiro estava atenta e apoiou-me, como entretanto apoiou outros jovens escritores, através de apoios vindos da Câmara Municipal, do Instituto da Juventude ou de algumas empresas locais. Mas as ajudas recebidas foram apenas uma chave que abre uma porta. Para lá da soleira, continuamos sozinhos sem Editoras e Distribuidoras eficazes ou mesmo sem nenhuma delas. Os nossos livros sabe Deus quem os tem, quem os podia ler e ainda não os leu!

Aveiro já possui mais de uma dezena de óptimos escritores, incluindo poetas. Alguns com obras que mereciam uma reedição, outros com textos na gaveta à espera de melhores dias. Antes de terminar esta década, que é também fim de milénio, penso que seria oportuno que se organizasse uma Antologia Poética e uma

Antologia do Conto, com os melhores textos escritos ao longo dos últimos 10-15 anos pelos autores da nossa região. Com uma iniciativa destas, não apenas se dava voz a um coro de escritores, como também se tomava consciência do valor literário de Aveiro.

A credibilidade literária da cidade de Aveiro aumentaria igualmente com a criação de um Prémio Literário de índole nacional, nas modalidades de Romance, Poesia e Ensaio, à semelhança do que outras cidades têm vindo a realizar. Importante também seria a criação de um outro prémio que contemplasse as escolas do nosso distrito.

É certo que o conjunto de iniciativas literárias promovidas ultimamente pela Câmara e pela Biblioteca Municipal ou desenvolvidas com enorme esforço e dedicação pelo Grupo Poético de Aveiro traduz uma nova dinâmica cultural no seio da comunidade aveirense. Mas uma outra forma de alargar o âmbito destas iniciativas passaria também pelo fomento de encontros inter-regionais com escritores, isto é encontros de intercâmbio literário em que periodicamente um escritor aveirense se deslocasse a uma região qualquer do país, em representação de Aveiro, com o apoio da Câmara e da Biblioteca Municipal. Do mesmo modo Aveiro receberia os escritores propostos pelas regiões visitadas. Seria certamente uma excelente oportunidade para incrementar a humanização entre autarquias e desenvolver a troca de experiências e conhecimentos entre diferentes escritores.

Continuo a pensar que Aveiro ainda está por se revelar. Os seus escritores com a persistência e o devido apoio são sem dúvida parte essencial dessa revelação.

ROSA MARIA OLIVEIRA

## EM SETEMBRO A VIDA



POESIA

# Contra Ventos e Marés

Aida Viegas

Professora e escritora

Poucos nascem génios. Alguns tornam-se grandes vultos ao longo das suas vidas, em variadíssimos campos do saber e nas mais variadas áreas; uns devido às suas qualidades, outros ao seu esforço; mas, a maior parte, devido ao apoio, às oportunidades que lhes são facultadas e muitas vezes ao incentivo de que são alvo.

Com grandes mestres da pintura, cientistas, actores, cineastas, grandes compositores e grandes intérpretes, assim aconteceu.

Lembro um célebre pintor que durante anos a fio pintou sem descanso, apesar da vida lhe ser adversa, somente animado pela certeza de que os outros apreciavam suas obras, já que tudo o que pintava era vendido por seu irmão que morava numa cidade distante.

Volvidos alguns anos, ao visitar o irmão, findou-lhe o alento ao verificar que nem um só dos seus quadros fora vendido, mas todos tinham sido guardados pelo irmão que periodicamente lhe enviava, para que este sobrevivesse, determinada importância, correspondente às hipotéticas vendas dos quadros que o pintor lhe ia mandando.

Bastou a este grande génio da pintura o apoio do irmão para que nós hoje o possamos apontar como um dos maiores baluartes da pintura da sua época e possamos admirar a beleza das suas obras nos melhores museus do mundo.

Ainda há dias, integrada numa embaixada cultural que de Aveiro foi a Viena d'Áustria para participar nas comemorações do bicentenário do nascimento de Schubert, pude constatar mais uma vez, in loco, o que acontece em muitas outras partes do mundo, como aquele País estima os seus filhos, quase endeusando os seus artistas.

Não é por acaso que em muitos locais, como nos Estados Unidos da América, cada vez mais se organizam grandes homenagens a gente célebre que está em pleno vigor da sua carreira, em vez de lhes prestarem homenagens póstumas, as quais já não os iriam encorajar a nada.

No nosso país é bem diferente: ilustres cientistas, se não tivessem saído daqui, estariam condenados à mediocridade e nunca poderiam ter transmitido ao mundo os resultados das suas maravilhosas descobertas, pois certamente nem teriam tido oportunidade de as concretizar. O mesmo acontece a todos os níveis e nomeadamente no campo da escrita.

A maioria dos escritores começa a escrever por gosto; porém poucos são os felizardos que têm apoio ou se sentem estimulados a prosseguir, quer seja na sua

preparação literária para melhorarem e enriquecerem o seu estilo, quer seja na sua criatividade ou até mesmo em novas experiências.

Poucas são as portas que lhes são franqueadas, algumas apenas se entreabrem; mas ao verem que quem bate não é pessoa já célebre, logo lhe é vedada a entrada — o que ainda piora a situação.

Publicar uma obra literária é uma aventura que deixa muitas vezes, aos que lá chegam, marcas bem negativas, sobretudo no campo financeiro.

Poucos são os autores que, ao despontar, encontram apoio e incentivo, a não ser da parte dos amigos, familiares ou conhecidos, e tenho a certeza de que grandes valores se perdem por esta razão.

Por outro lado, a maior parte dos autores regionais encontra várias dificuldades junto das editoras e distribuidoras. Enquanto nos grandes centros essas dificuldades são facilmente ultrapassadas, não só porque o escritor conhece muitas editoras e distribuidoras, as contacta com mais facilidade e por lá existem em grande quantidade, nos meios pequenos, por vezes, não há nenhuma delas.

Os nossos organismos oficiais mostram-se, na maioria dos casos, alheios a um aspecto da cultura que lhes deveria merecer muito maior atenção e carinho: a escrita e os escritores.

Salvo raras e nem sempre honrosas excepções, nada é facilitado a um escritor que pretende publicar e divulgar as suas primeiras obras.

Se, ao nascer uma criança, não lhe forem prestados os mínimos cuidados, a sua vida corre perigo. Será portanto muito curta. O mesmo acontece com quase tudo e até mesmo com os escritores. Isto já não sucederá àqueles que tem ao seu dispor os grandes meios de comunicação, como a televisão, as grandes estações de rádio, os jornais de grande tiragem e a internet; e muito menos aos que tiverem por trás uma grande editora e apoios financeiros.

Sendo divulgados os seus trabalhos, qualquer escritor tem, à partida, muitos compradores para os mesmos, quanto mais não seja por curiosidade, para poderem apreciar obras tão faladas. Não será difícil que os críticos se debruçam sobre as mesmas; e muitas vezes uma crítica negativa tem um impacto ainda maior que a positiva, dependendo de muitos factores, como é óbvio.

Em 1992 fui eu própria entregar em mão, à Delegação em Aveiro de um jornal diário distribuído a nível nacional, uma curta notícia sobre o lançamento do meu livro de poesia **“Pensar Alto”**, que iria ter lugar aqui

em Aveiro no Instituto da Juventude.

Nem uma linha na letra mais miudinha apareceu no dito jornal. Uns dias após a apresentação do livro passei por lá a deixar um exemplar como oferta e um cartão a lamentar o sucedido. Nem sequer acusaram a recepção. Estavam por certo demasiado ocupados com o futebol, a política, a criminologia ou qualquer outro acontecimento bombástico.

O lançamento de um livro de poesia? Que coisa tão banal! Demais, sendo a autora uma ilustre desconhecida. Fora eu uma qualquer figura bizarra de um qualquer enredo sensacionalista, estrangeira de preferência, que viesse a Portugal cometer alguma proeza, aí sim valia a pena.

Não é que eu tenha alguma coisa, note-se, contra qualquer uma destas personagens. O facto é que também não tenho nada contra mim. Eles é que parece que têm, pelo menos desprezo por aquilo que eu poderia representar ali, naquele momento, o embrião de uma possível futura poetisa ou escritora.

Será que a consciência social se confinará ao desbravar das mais sórdidas histórias da nossa actualidade? Droga, burla, crime não serão apenas o resultado da falta de poesia, de essência da nossa sociedade? Porque, então, não investir na fomentação desses valores através do estímulo dado a jornalistas, escritores, poetas??

É todo este apoio e muitas outras coisas que faltam aos autores regionais, além de verem amiúde os seus títulos restringidos ao interesse de um número muito reduzido de possíveis leitores, dado o tema específico que abordam.

A culminar este extenso rol de contras, temos a falta de ajuda das entidades regionais; também aqui aparecem fossos muitas vezes intransponíveis: ele é burocracias, simpatias, alergias... enfim um caudal de "ias" que não conduzem a parte alguma, a não ser a um beco sem saída, onde nos roemos de raiva, revolta e desespero.

Afinal o dinheiro que essas entidades administram não é de todos nós? Porque é que pode ser gasto de um modo tão arbitrário e discriminatório?

Não será fácil mudar tudo isto, já que quem gosta de escrever, para que não se esvaíam tão facilmente da memória das pessoas as suas palavras, ter-se-á de reduzir ao silêncio pelo facto da sua voz não ter encontrado eco, esbarrando em todas as portas que lhe estavam próximas e se fecharam, sendo deste modo impedido de se projectar.

Pela parte que me toca, posso dizer que sou um pouco semelhante às árvores que morrem de pé. Direi mesmo que pertenço àquela estirpe de antes quebrar que torcer. Milhentos factores, além de todos estes genéricos que já referi, me entravaram, ao longo da vida, de fazer aquilo para que me sentia vocacionada.

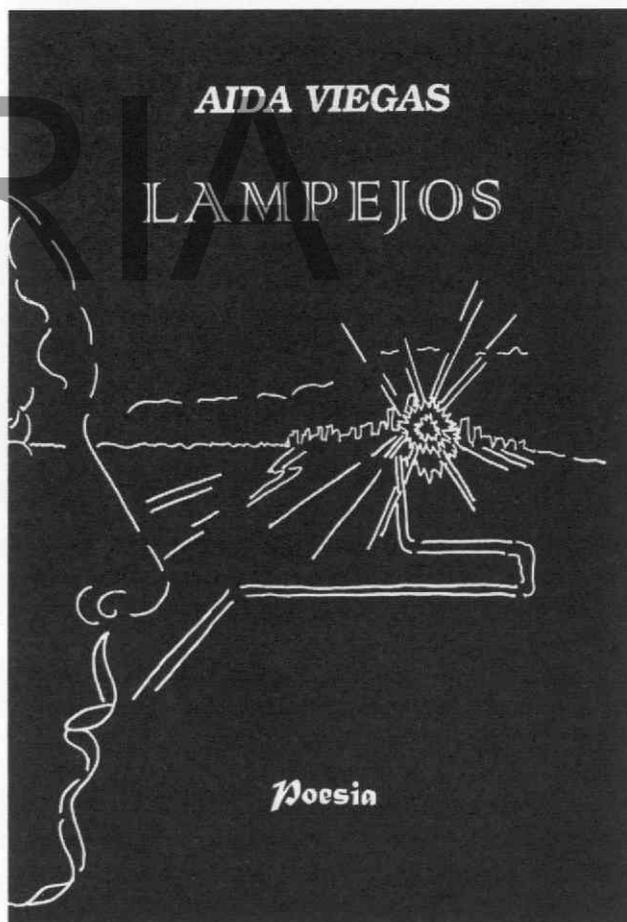
Comecei demasiado tarde para poder atingir o que me propunha; fi-lo porém contra todos os ventos e marés, ao arpejo de muitos conselhos.

Publiquei 3 livros editados por mim: 2 de poesia,

um em 1992 com o título "Pensar Alto" e outro em 1996 com o título "Lampejos". O terceiro, que é dedicado ao Concelho de Oliveira do Bairro, suas gentes, usos, costumes e seu desenvolvimento desde o início do século até aos nossos dias, tem por título "Oliveira do Bairro - Memórias de um Século", foi o primeiro livro escrito e publicado sobre o meu Concelho; no entanto também este, por estranho que pareça, foi totalmente feito a expensas minhas.

Mecenas?... Ou a legislação está inadequada, ou esses senhores estão mal informados sobre o assunto ou, em última análise, fui muito azarenta nas portas onde bati.

Porquê, apesar de tudo isto, esta minha teimosia em continuar a escrever e a editar?... Interrogar-vos-eis. Já por diversas vezes, algumas pessoas entre um ar de perscrutação e ingenuidade me questionaram: acusavam o meu "quantificável sucesso pelo quarto livro já editado, sinónimo a olhos alheios de fama, de francos lucros monetários, quiçá até, de mera valorização curricular... Quanta ironia, se desmascarada a questão!!! Quanta falta de percepção face ao que verdadeiramente move um escritor regional!!! — A paixão de escrever, a vontade de vencer, por mais imperscrutáveis e adversos que sejam os entraves.



No entanto, escrever tem também as suas compensações e são muitas; quem alguma vez se dedicou a este labor, conhece-as.

Nem tudo foi negativo no meu contacto, como

escritora; com Autarquias, Associações, imprensa regional, rádios locais e sobretudo com a população. Antes pelo contrário, fui muito bem acolhida em muitos locais e por muito boa gente.

As rádios, os jornais regionais e não só, deram-me oportunamente muita atenção e trataram-me com muita gentileza, muito mais que a que lhes solicitei. Todas as associações me receberam de braços abertos e me prestaram esclarecimentos e ajuda nas informações que procurava e tive sempre ao meu dispor espaços públicos que utilizei em diversos locais.

No que toca a editoras, apenas contactei uma que me entusiasmou tanto ou tão pouco, que resolvi não contactar mais nenhuma e ser eu própria a editar.

Entre os livreiros encontrei os simpáticos e os apáticos.

A distribuição e divulgação foram os maiores obstáculos com que deparei e ainda os não consegui superar.

Os meus livros não chegaram sequer a todos os pontos do Distrito e muito menos atravessaram as suas fronteiras, a não ser por mãos amigas, as quais me levaram a “locais” bem distantes como à Africa, Américas e mesmo até ao longínquo Oriente.

Persiste em mim contudo a sensação de que Portugal é Lisboa, algumas avenidas do Porto e duas ou três ruas de Coimbra... o resto continua a ser paisagem, apesar dos nossos exaustivos esforços. Nós, os provincianos, continuamos a ver os nossos escritos confinados a curtos horizontes, algemados à terra a que somos fiéis.

Lamento muito não encontrar os meus livros nas bibliotecas, pelo menos nas bibliotecas públicas e nas das escolas do Distrito. Os meus e os de muitos outros escritores, meus vizinhos em terras de Aveiro.

Os outros escritores? Onde estão as suas pessoas? Em suas casas certamente.

Como gostaria de os conhecer, de os encontrar, de trocar ideias com eles, de aprender com a sua experiência e o seu saber que vai muito além daquilo que vem nos seus livros. Mas, onde encontrá-los?

De vez em quando a AJEB, honra lhe seja feita, promove encontros entre os seus membros e outros escritores e jornalistas. Já é algo de bom, mas é muito pouco.

Lembro-me que no lançamento do meu primeiro livro de poesia, estando presente o actual Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, o Senhor Professor Celso Santos, à data vereador do Pelouro da Cultura, prometeu que os escritores e poetas de Aveiro iriam ter um lugar próprio para se reunirem no, então em acabamento, Centro de Congressos de Aveiro.

Com o Centro em pleno funcionamento já há bastante tempo, não me consta que haja esse espaço disponível para os escritores e poetas aí se encontrarem, reunirem e conviverem.

Quicá espaço do acesso restrito, quicá reservado o direito de admissão, quicá adiada a promessa?...

Questiono-me sobre a extensão de quão profunda razão para tal situação.

Escrever o livro "**Oliveira do Bairro - Memórias de um Século**", trabalho que fiz ao longo de 4 anos, trouxe-me momentos inesquecíveis; alguns deles de grande emoção, alegria, saudade, ternura, enfim o despertar dum chorrilho de sentimentos, de surpresas...

Publicar este livro, isso já foi outra história... ir-vos-ia escandalizar se vos contasse detalhadamente certos episódios ligados a esta publicação, mas... não o farei.

Vou sim relatar algumas passagens das muitas dignas de referência, ocorridas durante o período de recolha de dados, tarefa muito árdua e que ocupa muitíssimo tempo, como o sabem todos aqueles que já fizeram trabalho semelhante. Mas foi neste período que vivi a parte mais aliciante desta obra.

Ao bater à porta de qualquer das pessoas que contactei, e foram centenas, por essas aldeias fora, eu tinha de levar comigo toda a disponibilidade do mundo, quer em tempo quer em paciência e nem sempre fui bem recebida às primeiras impressões.

Hoje as pessoas são assediadas por todo o tipo de indivíduos: vendedores, pregadores, burlistas, etc. etc... mas, trocados que eram dois dedos de conversa, feita a apresentação ou o reconhecimento da minha pessoa pela outra, que eu procurava, então aí eu já dizia interiormente: prepara-te que vais ouvir as histórias mais incríveis.

Começava então um desfiar de queixas, o lembrar de episódios guardados nos sótãos da memória, a descrição de acontecimentos recentes, enfim; vidas inteiras ali contadinhas de fio a pavio e muitas delas mui dignas de registo, diga-se de passagem.

Tivesse eu incentivo, dinheiro e tempo para as escrever e não faltariam temas para contos e novelas.

Se a conversa começava após o almoço, era certo e sabido que chegava a noite sem a termos concluído.

É que eu raramente tinha coragem de, após ter tomado o tempo de qualquer pessoa para receber dela determinada informação que me interessasse, não dispor eu própria do meu para a ouvir contar o que era então o objecto do seu interesse.

Foi assim que ao bater à porta de uma família numa tarde de verão, o dono da casa me veio atender e me disse de rompante:

—Oh minha Senhora, eu tenho muito que fazer, não a posso atender. Olhe, se me quer vender alguma coisa, eu não quero comprar nada, já fica a saber.

Não venho vender-lhe nada, foi a minha resposta.

— Então se me vem falar de religião também perde o seu tempo, pois isso é que não me importa mesmo.

Só vinha conversar com o Senhor uns momentos, repliquei-lhe; sabe, ando a fazer um trabalho...

—Oh alma de Deus, já lhe disse que não posso perder tempo, estava mesmo a ajeitar as coisas para ir com a minha patroa deitar sulfato num batatal que está todo cheinho de moléstia, já devia ter levado o tratamento

há um ror de dias mas o tempo não tem dado... A Senhora não sabe destas coisas, não trata da lavoura.

Até sei, sou filha de um lavrador. Sou ali de Malhapão.

—Malhapão?!... Bem me parecia que a conhecia de algum lado.

Então de que gente é a Senhora?

O meu pai já faleceu; era o José Carlos.

—Bem me parecia! Eu é que já não a via há muito tempo! O seu paizinho não morava ali no largo? Não tinha aquela loja?... É mesmo a Senhora. Diga me cá, não estava lá para as Áfricas? Também veio sem nada? Eu tenho 4 filhos. O mais velho...

—Mas entre, entre sente-se um bocadinho. Quer tomar alguma coisa? Ó mulher traz aí um branquinho daquele...

Obrigada, eu não vou tomar nada nem me vou sentar, não quero roubar-lhe muito tempo; sei que é uma época de muito trabalho, apenas venho pedir-lhe que me dê uma ajuda, respondendo-me a umas perguntas... pois estou a escrever um livro sobre o concelho de Oliveira do Bairro, e numa das partes do livro irá constar...

—Claro, com todo o gosto, isso até é uma grande honra para mim, mas, sente-se, sente-se. Olhe lá, não mora agora em Aveiro? Há quantos anos...

E a conversa continuou.

A mulher a princípio ainda lhe lembrou duas ou três vezes as batatas e o sulfato mas depois, sentada ao nosso lado, embrenhou-se na conversa.

Era já noitinha quando eu a muito custo me consegui despedir entre insistências para que voltasse e convites para ficar e cear com eles.

As batatas... Amanhã também é dia, dizia a esposa. Valeu bem a pena perder a tarde a conversar consigo, cansado de trabalhar já eu ando. Os filhos que façam, ora essa... acrescentou o Senhor Manuel com um franco sorriso.

Nesse dia, por acaso, pude trazer a resposta a 3 ou 4 questões que lhe consegui colocar e que me faltavam para terminar um capítulo de apenas duas páginas do meu livro; no entanto, não raro, tinha de bater à mesma porta três ou quatro vezes seguidas e perder várias tardes a ouvir os meus interlocutores, até conseguir o que pretendia.

Foram momentos lindos os que passei em contacto com as gentes de Oliveira do Bairro. Saí enriquecida e feliz, embora em certos dias o meu trabalho se tivesse de prolongar pela noite dentro porque os dias teimavam em manter-se apenas com 24 horas quando, para mim na altura, deveriam ter o dobro. Foram-me reveladas muitas coisas que muito me surpreenderam.

Revivi muito do que tinha visto na infância e na altura me tinha deixado perplexa dada a minha tenra idade, podendo agora avaliar os factos com espírito mais crítico ou com um novo olhar.

De entre as histórias verídicas que escutei irei contar-vos uma que, nada tendo de insólito, marca bem a diferença entre a nossa sociedade de consumo e a

precaridade da vida quotidiana vivida na nossa zona num passado ainda relativamente recente.

Numa das várias tardes que passei a escutar um octogenário meu conterrâneo e parente por afinidade, ele fez questão de me relatar o seguinte episódio passado com meu avô que eu nunca conheci e a mãe do meu interlocutor que já havia morrido há largos anos.

—A tua família sempre foi muito ligada à minha, não só porque a minha sogra era irmã da tua avó, mas também pela amizade que o teu avô tinha pelo meu. Tenho a comprová-lo cartas que o Senhor José da Silva Pires escreveu ao meu avô oferecendo-lhe os seus préstimos. O teu avô era estudado; era chefe dos correios. Naquela altura era figura de destaque e muito boa pessoa.

Vou descrever-te um episódio que a minha mãe me contava, que aconteceu na casa do teu avô e que agora é tua.

Naquela altura passava-se muita fome; era o tempo da guerra e tudo era racionado. Eu e os meus irmãos éramos miúdos. Na minha casa até havia batatas com fartura, o que não acontecia em todas, mas nada mais além disso.

O peixe era sardinha e uma chegava a repartir-se por três. Carne era muito pouca; um porqueto que se matava ou uma galinhita em dias de festa. Mas do que sentíamos mais falta era de pão. Só havia pão que bastasse em casa dos lavradores ricos. Às vezes faziam distribuição em Oliveira do Bairro pelas famílias mais carenciadas, mas o máximo que davam era 4 quilos de milho em grão ou 2 quilos de farinha, para o período de um mês ou dois o que não chegava para nada.

Tínhamos sempre fome de pão e, do resto, só raras vezes ele aparecia em minha casa. Como o teu avô era um lavrador rico, trazia sempre pessoas a trabalhar para ele na lavoura e a minha mãe costumava “andar fora” lá em casa.

Era hábito à hora do jantar, ao meio dia, ir alguém levar a comida ao campo aos trabalhadores, uma tigela de sopa e broa. Distribuía-se uma colher a cada um e todos comiam da tigela. À noite, a ceia era comida em casa, naquela salita a seguir à loja. Uma bacia redonda era posta no meio da mesa com escoado; cada um tinha um garfo e todos à roda se iam servindo, à vez, da bacia; iam picando às garfadas.

O pão também passava à roda da mesa com a faca a acompanhar. Cada pessoa cortava uma fatia de broa (pão de milho) talvez não tão grande como a que lhe apetecia, mas sim uma fatia normal para não ser reparado. Um dia, chegada a vez da minha mãe se servir, ela partiu, como os demais, um pedaço, mas pensando nos filhos que estavam em casa cheios de fome, sem uma migalha de pão para comer, foi chegando com a mão o bocado de pão para si, lenta, lentamente até que o fez cair abaixo da mesa para o regaço; então escondeu-o na cinta. Lembra-te ainda que as mulheres antigas usavam umas cintas pretas à volta da barriga para segurar as saias.

Terminada a refeição, todos de pé rezaram pelas pessoas daquela família que já tinham morrido, como era

hábito, em quase todas as casas. Em seguida começaram a retirar-se, despedindo-se do dono da casa.

— Boa noite, Senhor Pires, — boa noite Senhor Pires... O Senhor Pires foi-se despedindo dos serviçais mas, voltando-se para a minha mãe, disse:

— Oh Senhora Emília, a Senhora faça favor de esperar um momentinho que eu queria dirigir-lhe umas palavras. A minha mãe lembrou-se logo da broa que tinha escondido e pensou muito envergonhada que tinha sido apanhada. Não se enganou na sua suposição, pois o Sr. Pires, teu Avô, disse-lhe o seguinte: — Oh Senhora Emília, a Senhora nunca mais volta a fazer o que fez hoje aqui à mesa.

Ela corou sem saber onde se havia de meter e o teu avô continuou:—eu sei que a Senhora devia estar a pensar nos seus filhos, que estão lá em casa cheios de fome, mas a Senhora trabalha o dia inteiro, por isso precisa de se alimentar e a fatia de pão de que se serviu era destinada à Senhora que precisa dela para poder, ter forças para trabalhar. De hoje p'ró futuro nunca mais precisará de fazer isso na minha casa, porque de agora em diante a Senhora come aqui o pão que lhe é destinado, e todos os dias em que andar cá, terá uma broa para levar para casa para os seus filhos. Nos dias que trabalhar para a nossa família os seus filhos nunca mais passarão fome.

O sentimento de vergonha da minha mãe transformou-se em alegria e gratidão. Teu avô era um homem bom, Deus o tenha em descanso.

Histórias como esta, muitas outras ouvi, umas já distantes no tempo, outras bem recentes, sobre factos reais da nossa vida actual.

É hoje, bem no meio desta nossa sociedade onde impera o consumismo de tal forma que tudo o que não lhe estiver completamente ligado é relegado para segundo plano, que eu quero aqui apresentar o meu voto de louvor à Câmara Municipal de Aveiro por ter lançado este repto e dado aos Autores Regionais a oportunidade de se manifestarem.

Iniciativas deste género são de louvar, se não se apresentarem apenas como obra de fachada, mas sim como radiografias que ajudem ao exacto diagnóstico da questão e desde que delas saia uma terapia eficaz a pôr em prática a curto prazo.

Se não se arrepiar caminho, o nosso país entrará a curto prazo num colapso cultural que há muito se vislumbra, quer através da desorganização e desorientação que reina no nosso ensino, quer através da crescente baixa de nível da linguagem usada em alguns programas de alguns meios da comunicação social, quer através da perda da ordem dos valores estruturais da sociedade.

À nossa língua não é dado o lugar de relevo que ela merece e que urge ocupar. Lembremos o que neste campo se passou ainda há bem pouco tempo em Moçambique. Sabemos que em Angola nas poucas escolas que ainda funcionam não existe um único livro para as crianças aprenderem a ler.

Se não tomarmos medidas a curto prazo, logo por

lá aparecerão livros em Inglês ou Francês levados por gentes que não dormem mas estão sempre de atalaia, vigilantes à espera de ocupar o lugar deixado pelos incautos.

Contra ventos e marés nós cá vamos continuando.

Se os nossos Mecenas, Câmaras Municipais e outras autarquias de acordo com o Governo nos comprassem os livros que escrevemos e os distribuíssem graciosamente por aqueles países a quem devemos o ensino da língua que lhes legámos e que hoje tantas carências apresentam nesta área... Ah! Aí sim talvez estivéssemos a fazer um bom investimento.

Não esqueçamos que à herança cultural acresce todo um enriquecimento mútuo assente na troca de experiências e de ideias, que só com a devida sensibilização poderá surtir efeitos na revivificação do nosso património etnológico.

O providencialismo messiânico está neste domínio verdadeiramente ultrapassado, numa sociedade de consumo como a nossa, a estagnação ao nível do intercâmbio de saberes é na certa a morte lenta da essência do nosso povo. Cabe-nos a árdua mas profícua tarefa de fomentar o interesse dos que alheados estão desta realidade, que urge modificar. Os mais jovens que, absortos pela vertigem da tecnologia moderna, vão cada vez mais, emigrando do nosso "habitat" literário—o livro; os mais velhos que, imersos no paradigma da velhice, descumram a transmissão do nosso imenso património oral; e finalmente, os que, inebriados pelo verniz polido do que no estrangeiro se faz, a ele se rendem numa modorra utópica, face aos titãs que, sobre ele, são catapultados pela imprensa nacional.

Por outro lado em todas as bibliotecas deveriam encontrar-se ao dispor do público não só os livros de todos os autores da região, como também um ficheiro com os seus dados bibliográficos e o contacto com aqueles que o desejassem.

É certo que quem quiser e souber irá encontrar todos esses dados na Internet, mas, por enquanto, nem todas as pessoas tem acesso fácil à mesma. Além disso, parecia-me de toda a conveniência que todas as escolas, associações e emissoras de rádio pelo menos do Distrito, possuíssem todos os livros dos autores da sua região.

Bom seria que em qualquer destes locais, os escritores pudessem, de tempos a tempos, contactar directamente com os leitores e sobre cada um em particular ou em grupo fossem feitas exposições bibliográficas e até fotográficas, bem como entrevistas para os dar a conhecer.

Bom seria que entre escolas, bibliotecas, associações e feiras do livro existisse uma ligação directa com os escritores de modo a estabelecerem intercâmbios culturais.

No seguimento destas ideias, também as missões culturais feitas pelas Câmaras Municipais a outros concelhos, ou até fora do país, deveriam levar consigo os livros dos escritores regionais e, todas as vezes que fosse possível, alguns dos seus autores.

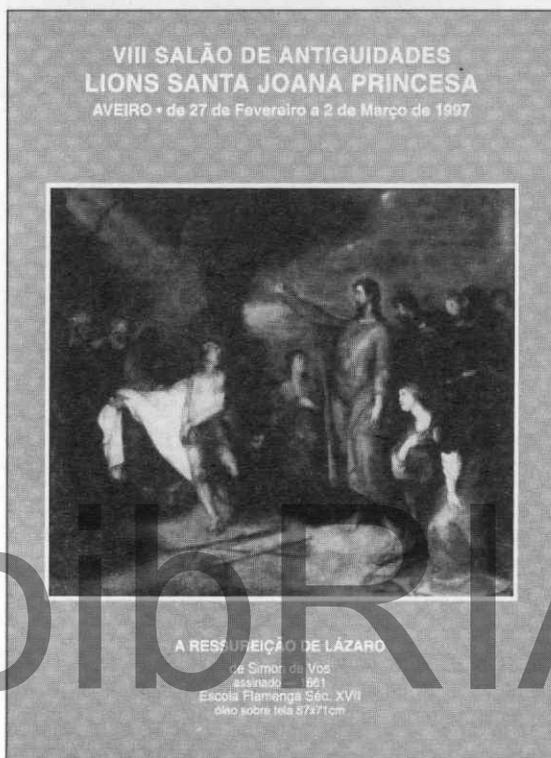
## VIII SALÃO DE ANTIGUIDADES

De 27 de Fevereiro a 2 de Março de 1997 realizou-se, no pavilhão octogonal do Parque Municipal de Feiras e Exposições, o VIII Salão de Antiguidades. Apesar de ser da iniciativa do Lions Clube de Santa Joana

Princesa, nem por isso deixou de contar com o apoio da Câmara Municipal de Aveiro.

Se os milhares de visitantes e apreciadores puderam admirar autênticas preciosidades, algumas com séculos de história e de alto valor, muitos deles tiveram ocasião de fazer as suas aquisições. Os fundos angariados com esta actividade cultural - como referiu Dorabela Mendes Maia - permitem ao Lions Clube promover diversas acções de solidariedade social, de uma forma directa ou em apoio a outras instituições, também vocacionadas à ajuda aos mais carenciados.

Como nos anteriores, também neste Salão se admiraram pedaços da nossa história, da nossa cultura e da



nossa imaginária, trazidos por quarenta e nove antiquários tanto de Aveiro e do seu Distrito, como de Viana do Castelo, Vila Praia de Ancora, Braga, Vila do Conde, Maia, Porto, São Mamede de Infesta, São Félix da Marinha, Francelos, Valadares, Leiria, Estoril, Parede, Lisboa e Setúbal.

## FEIRA DO AMBIENTE, SEGURANÇA E PROTECÇÃO CIVIL

Foi de 8 a 11 de Março de 1997 que se efectuou, em Aveiro, no Parque Municipal de Feiras e Exposições, a Feira do Ambiente, Segurança e Protecção Civil. Para que fosse possível esta acção; a Câmara Municipal de Aveiro contou com a preciosa colaboração da Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral, do Instituto de Conservação da Natureza, da Quercus, do Departamento do Ambiente e Ordenamento da Universidade de Aveiro, do Centro da Área Educativa de Aveiro, do Projecto Interescolar, do Prosepe e dos Serviços Municipalizados de Aveiro.

O evento foi enriquecido por um ciclo de palestras, programado para o dia 10 de Março, as quais versaram os seguintes temas, todos com muito interesse:

- *Ambiente e consumo* (Dr. Beja Santos, assessor principal do Instituto de Defesa do Consumidor);

- Agricultura e conservação da natureza (Eng<sup>a</sup> Isabel Magalhães - DRABL; Dr. António Mariins - DRARN);

- Resíduos sólidos urbanos (Eng<sup>o</sup> Cordeiro Santos - ERSUC);

- Educação ambiental (Dr<sup>a</sup> Fátima Matos Almeida, presidente da ASPEA);

- Serviços Municipalizados de Aveiro: história, organização e indicadores de actividade (Eng<sup>o</sup> António Martins Canas, director delegado dos SMA);

- O uso doméstico de água - Perspectivas de Regionalização: O caso de Aveiro (Prof. José Manuel Palma);

- Controlo de qualidade (Prof. Doutor Marques da Silva, da Universidade de Aveiro);

- Riscos para a saúde, vinculados pela água (Eng<sup>o</sup> Cunha Dias, assessor da Sub-Região de Saúde de Aveiro).



Se algo se pode destacar nesta Feira, destinada a sensibilizar a população para a problemática ambiental, releve-se a visita de diversas escolas o que demonstra bem o grande interesse que a ecologia está a despertar junto da juventude; além disso, notou-se a presença dos grandes "stands" da Delegação Regional de Aveiro da Associação Portuguesa de Educação Ambiental (ASPEA) e do Centro da Área Educativa de Aveiro (CAE), nos quais estiveram patentes muitos desenhos e textos de alunos das escolas da região.

No "stand" da PROSEPE, da responsabilidade da Universidade de Coimbra, estavam representados os Clubes da Floresta; a Universidade de Aveiro, por sua vez, pelo Departamento do Ambiente e Ordenamento, também não faltou no certame, mostrando o que faz e ensina ao nível da investigação e formação ambiental.

Lembra-se ainda a participação da Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral, da Reserva Natural das Dunas de São Jacinto, dos Serviços Municipalizados de Aveiro e de empresas que desenvolvem actividades ligadas ao meio ambiente.

## FEIRA DE MARÇO

Como habitualmente, entre os dias 25 de Março e 25 de Abril de 1997 (com um prolongamento de mais dois dias), decorreu a "Feira de Março", instituída como feira franca no recuado ano de 1434, mas sempre renovada e actualizada, atraindo a Aveiro centenas de milhares de forasteiros de todos os quadrantes. No Parque Municipal de Feiras e Exposições, totalmente ocupado, ao lado do local das barracas de faturas e de "comes e bebes" e da zona de diversões para quem aspira a momentos de lazer, instalaram-se a indústria e o comércio, demonstrando as potencialidades da região. Também não faltaram as costumadas barracas de bugigangas, com os mais variados artigos de interesse doméstico.

Reunido no dia 28 de Março, o respectivo Júri, "levando em consideração a criatividade, qualidade estética e o objectivo do



mercado", deliberou atribuir aos "stands" concorrentes os seguintes prémios: - 1º "ex aequo": Senda e Instrumentação Industrial; 3º: ClassicArt, Lda; e as seguintes menções honrosas: - Catibrinca, Induslubre, Interescape, Lucarsol e Unialarmes.

Durante o tempo que durou o certame, também se foi desenvolvendo um programa de animação, que contou com as actuações de Sandro Core (conçonetista italiano), Bongos Band (música africana), Marco Paulo e sua banda, João Claro e acompanhantes, José Alberto Reis" Grupo "Pé de Meia", E. Samba "Império Ovarense", Escola de Jazz de Aveiro, Orquestra "Com Sabor Latino", Mary Lolly (cançonetista espanhola), Pililica (criador da canção "Fiorentina"), Young Boys,

Natacha com bailarinas, A Par'dilhós, Félix e Cª (grupo de Viana do Castelo), Kit Carlos, Sissy com bailarinas, Grupo "FM", Ritual Tejo (rock), P'lau (rock), Escola de Samba "Charanguinha" (Ovar), Escola de Samba "Vai quem quer" (Estarreja), Grupo Etnográfico da Gafanha da Nazaré, Grupo Folclórico da Casa do Povo de Cacia, Grupo de Danças e Cantares Tradicionais de Rio Meão, Grupo Folclórico da Casa do Povo de Angeja, Grupo Folclórico do Rio Novo do Príncipe, Grupo Folclórico do Baixo-Vouga (Eixo), Grupo Recreativo, Etnográfico e Folclórico de Aradas, Grupo Folclórico da APPACDM, Rancho Folclórico de Nossa Senhora da Nazaré (Verba), Grupo Cénico das Barrocas, Grupo Folclórico "O Arrais" (Ílhavo), Rancho de Casa do Povo de Águeda, Rancho de São Miguel do Souto (Feira) e Fanfarras de São Bernardo.

## 20 ANOS DO PODER AUTÁRQUICO DEMOCRÁTICO

Aveiro, à semelhança de outras localidades do País, comemorou festivamente o vigésimo aniversário do poder local democrático; para isso, no Centro Cultural e de Congressos, a Assembleia Municipal e a Câmara Municipal levaram a efeito uma sessão solene no dia 25 de Abril de 1997 e promoveram uma exposição, que esteve patente até ao dia 4 de Maio.

A sessão, presidida pelo presidente da Assembleia Municipal, teve a presença qualificada das entidades aveirenses; em jeito de testemunhos, falaram diversos oradores, com ligação ao poder autárquico.

O Dr. Flávio Sardo, o primeiro presidente da Comissão Administrativa após a revolução de 25 de Abril de 1974, começou por recusar ter sido o primeiro autarca porque, segundo disse, não foi eleito pelo povo; porém, tendo assumido tal encargo, procurou desempenhá-lo como soube e pôde, em clima de transição.

O Prof. Celso dos Santos, o edil que sucedeu ao Dr. José Girão Pereira, recordou o que o Município de Aveiro fez durante as duas décadas, "uma obra que está à vista de todos", onde se reflecte a força do poder local.

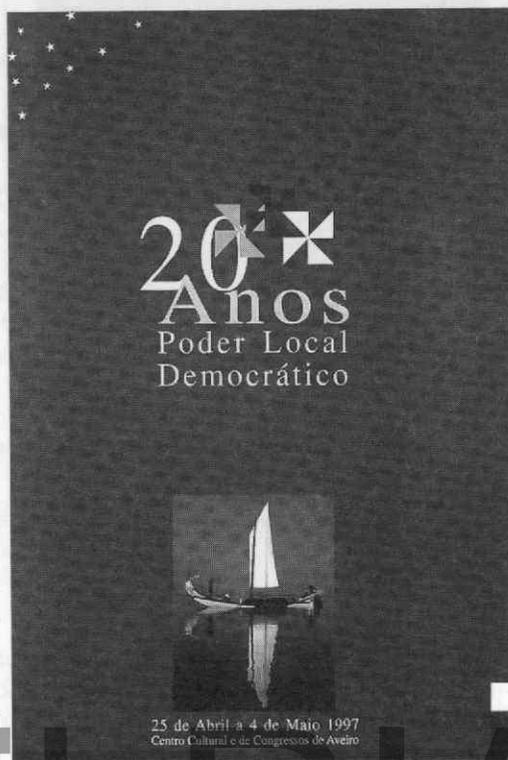
O Dr. Rui Marques, na qualidade de vice-presidente da Associação Nacional dos Municípios Portugueses, em seu nome, em nome do presidente e ainda como autarca de Albergaria-a-Velha, elogiou o poder autárquico e fez votos por que cada vez seja melhor, para bem do povo português.

De seguida, falaram os representantes dos Partidos com assento na Assembleia Municipal:

- Dr. Jorge Nascimento (CDS/PP), que lembrou que o poder é exercido pelo povo e para o povo, obedecendo sempre a uma matriz humanista; Eng. Manuel da Cruz Tavares (PSD), que salientou que em dias de aniversário tem cabimento fazerem-se reflexões sobre os tempos passados, que foram de intenso trabalho, de momentos de euforia e de momentos negros, e defendeu que os municípios podem assumir mais competências em áreas em que sabem fazer mais que o poder central; Dr. Filipe Neto Brandão (PS), que iniciou a sua alocução manifestando contentamento por em Aveiro se celebrar Abril - uma data que apelidou como o dia em que os portugueses

recuperaram a liberdade - e recordou que, nestes vinte anos, a condução do destino das populações tem contribuído para a modernização do País; finalmente António Salavessa (CDU) que, nas suas palavras, afirmou que essa data era "uma homenagem a quem combateu a Ditadura", lembrou os nomes de Mário Sacramento e de João Sarabando e defendeu a "descentralização, finanças locais e operacionalidade dos órgãos autárquicos". Depois de todos assim versarem a mesma temática, criticando, elogiando ou mesmo desejando que o poder autárquico seja mais poder, o presidente da mesa encerrou a sessão.

Seguidamente, foi inaugurada a já referida exposição "20 Anos de Poder Local", que, parceladamente, iria representar o concelho de Aveiro na exposição promovida pela Associação Nacional dos Municípios Portugueses, na Exponor, de 20 a 25 de Maio. A mostra privilegiou três grandes áreas: - Imagens fotográficas do concelho; listagem do que foi realizado durante o período comemorado; e visão do futuro, antevendo-se Aveiro nos alvôres do terceiro milénio.



## VARANDAS, JANELAS E JARDINS FLORIDOS

A semelhança dos anos anteriores, a Câmara Municipal de Aveiro promoveu, durante o mês de Maio, o concurso "Varanda, janela e jardim florido". Pretendeu-se, desta forma, sensibilizar a população no sentido de dar uma melhor imagem da cidade. Puderam concorrer todos os moradores dentro do perímetro urbano, no qual estão incluídas as freguesias da Glória, Vera-Cruz, Esgueira, Santa Joana, São Bernardo e Aradas. Foram aceites todas as variedades de flores, levando-se em conta, para a classificação final, a beleza e a harmonia do conjunto, bem como a qualidade e o estado da floração.

Os prémios deste concurso foram distribuídos no dia 19 de Maio, durante uma reunião pública da Edilidade, conforme a classificação do respectivo Júri:

- **Varandas:** - a) *Prémios:* 1º - D. Noémia (Rua de D. Jorge de Lencastre); 2º - D. Ilda Neves (Rua de Cândido dos Reis); 3º - D. Cândida Santos (Rua do Capitão Sousa Pizarro); 4º - D. Teresa Brito (Rua da Cabreira - São Bernardo); 5º - D. Saudade Duarte. b) *Menções honrosas:* D. Natália de Jesus, D. Maria Armanda Costa, D. Teresa de Jesus Nogueira, D. Laura Pascoal, D. Maria Paula Santos, D. Ofília Coutinho, D. Rita Nunes, D. Eugénia Breda, D. Alice Miranda e António Ferreira.

- **Janelas:** - *Prémios:* 1º - D. Ofília Coutinho (Praceta de Alberto Souto); 2º - D. Maria Armanda Costa (Praceta de Alberto Souto); 3º - D. Maria Paula Santos (Rua de Manuel Luís Nogueira).

- **Jardins:** - a) *Prémios:* 1º - António Ferreira (Quinta do Griné Santa Joana); 2º - D. Custódia Nogueira Dias (Travessa da Cabreira - São Bernardo); 3º - D. Maria Beatriz Letra (Rua de Ernesto Paiva - Vilar); 4º D. Alda Pereira Gomes (Bairro da Misericórdia); 5º - D. Isabel dos Santos Cruz (Rua dos Fominhos - São Bernardo). b) *Menções honrosas:* D. Graciete Carvalho Matos, D. Teresa de Jesus Nogueira, D. Maria Paula Santos, Eugénio Sarrico Breda, Fernando Luís Silva, D. Maria Fernanda Tavares e D. Maria da Conceição Pereira Santos.

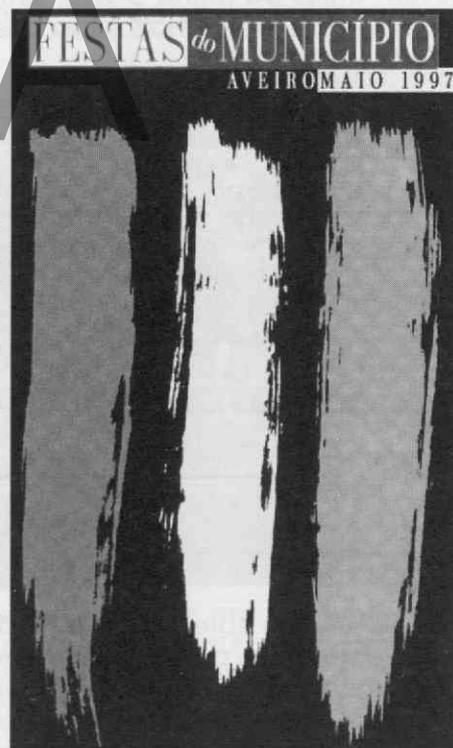
## FESTAS DO MUNICÍPIO

Entre os dias 4 e 24 de Maio, realizaram-se as Festas do Município de Aveiro, com um programa bastante diversificado para regalo de todos os gostos, de que se anotam alguns títulos.

Efectivamente, durante aquelas três semanas, além do que se anota à parte (concurso das varandas, janelas e jardins floridos, feriado municipal e entradas régias), não faltaram desfiles, festivais, exposições, torneios desportivos (andebol, basquetebol, futebol, hipismo, remo, canoagem e vela), uma desfolhada à moda antiga, um arraial à moda de Quinhentos, as exposições de Vieira da Silva e da Ria de Aveiro (Maciev Wlosinski), a Expo/Associações, o Forum das Associações Culturais do Concelho de Aveiro, etc.

Nos desfiles e concertos musicais actuaram: - Banda de Pinheiro da Bemposta, Banda de Ovar, Banda Velha de Fermentelos, Banda Nova de Fermantelos, Banda Amizade, Banda de Travassô, Banda de Pinheiro, Banda de Canelas, Banda de São João da Madeira, Banda da Escola de Música da Quinta do Picado, e Banda da Associação Recreativa Eixense.

Exibiram-se no festival folclórico, que teve lugar no dia 18, os seguintes grupos: - Grupo Recreativo, Etnográfico e Folclórico de Aradas, Grupo Folclórico do Carregal, Grupo Folclórico "Lavradeiras de Sarrazola", Grupo Folclórico das Alagoas, Grupo Folclórico de Santo António de Mamodeiro, Grupo Folclórico do Baixo-Vouga (Eixo), e Grupo Folclórico de Nossa Senhora da Nazaré (Verba).



Entre os espectáculos, realizaram-se alguns teatros, como: - "Criado Distráido", pelo Grupo Cultural de Teatro da Taipa; "Guerras Curtas", pela Companhia de Teatro de Aveiro - Efémero; e "Ó Lua que vais tao alta", para a Infância, pelo CETA.

Houve ainda vários concertos, a cargo dos seguintes agrupamentos: Coro e Orquestra da Fundação do Conservatório de Música de Gaia; Orquestra de Câmara de Aveiro, Coro e Orquestra do "Teatro Lírico d'Europa, Grupo Graduale, Tuna Musical de Santa Cecília e Coro Juvenil, Tuna de Santa Joana, Tuna Feminina da Universidade de Aveiro, Coral de Santa Joana, Coral da Universidade de Aveiro, Coral Vera-Cruz, Coral de Santa Cruz (Coimbra), Coral Polifónico de Aveiro, Grupo "Canora Turba", Coral de Mira, Coro Litúrgico de Santa Joana, e Coral de Pevidém (Guimarães).

## FERIADO MUNICIPAL

No dia 12 de Maio - dia consagrado à Padroeira de Aveiro, Santa Joana Princesa - ocorre o feriado municipal. É sempre o momento alto da cidade, com as celebrações religiosas (missa e procissão), com a sessão solene nos Paços do Concelho e com a recepção oficial.

A concelebração eucarística, que teve lugar na sé catedral, contou com a presença das autoridades autárquicas, civis e académicas e de centenas de pessoas, sendo presidida pelo bispo de Aveiro, D. António Baltasar Marcelino. O prelado, na altura própria, diria que a Princesa continua a ser mestra; "no meio dos muitos modelos, passageiros e efémeros, que se propõem à gente nova na actual sociedade, torna-se urgente fazer a proposta de modelos, para os quais a vida foi um desafio e uma auspiciosa aventura" - disse, continuando: - "O que faz morrer um Jovem antes da morte é viver sem um ideal, sem um projecto, sem um estímulo que tenha mais força que a inércia, para onde tantas vezes a vida nos empurra".



Procissão de  
Santa Joana

A sessão solene, num salão repleto de pessoas, serviu para publicamente se prestar a homenagem do Município a funcionários da Câmara, a individualidades, a empresas e a instituições. Neste ano foram atribuídas as seguintes mercês honoríficas:

- **Medalha de ouro do Município:** - Universidade de Aveiro.
- **Medalha de prata do Município:** - João Moreira; Manuel Simões Madaíl; Daniel Rodrigues; Dr. Mário Emílio de Moraes Sarmiento (a título póstumo); Padre Doutor Arménio Alves da Costa Júnior (a título póstumo); Pavicentro - Pré-Fabricação, S.A.; e Eletrex - João R. Matos, S.A.
- **Placa de prata (Funcionários):** - António Dias Gamelas; Eduardo

Azevedo de Oliveira; Manuel Martins da Silva; D. Maria de Carvalho Ferreira; D. Maria do Céu Gonçalves Ferreira de Pinho; e Miguel António Pardelhas Leal.

A propósito deste acto de gratidão, o presidente da Câmara sublinhou o facto de os homenageados não só se evidenciarem "em contínuo interesse pela nossa terra e em abnegada entrega ao serviço da comunidade", na defesa dos seus valores, na luta pela liberdade, na criação de postos de trabalho e de riqueza, mas também constituírem "um vivo e perene apelo, sobretudo aos jovens, para que vejam neles um modelo para os seus ideais"; lembrou ainda que as distinções devem servir de incentivo "para que todos nós nos empenhemos mais na busca de soluções para os problemas que nos rodeiam".

A encerrar a sessão, o presidente da Assembleia Municipal, Dr. Rogério Leitão, proferiu as seguintes palavras:

*- Encontramo-nos novamente a celebrar o DIA DA CIDADE. E seria bom que o aproveitássemos da melhor forma. Seria bom que o aproveitássemos para nos encontrarmos e nos questionarmos sobre o que somos e o que quereríamos ser. Sobre a nossa realidade e as nossas potencialidades.*

*Somos uma comunidade e, como tal, todos partilhamos as mesmas preocupações e a mesma vontade de construir um futuro melhor. Como em todas as comunidades, há uma estruturação com órgãos constituídos para o desempenho de funções específicas, mas tendo sempre por objectivo o desenvolvimento equilibrado da comunidade. Desde ao cidadão comum, primeiro e último objectivo de todo o processo, até ao órgão responsável pela administração de todo o território, que é o concelho, passando pelos órgãos a quem compete a segurança, como sejam as forças da ordem e os bombeiros, ou os que dão apoio no campo espiritual e da saúde, como sejam as entidades religiosas e sanitárias, como todos, enfm, os que contribuem para a estabilidade do dia-a-dia, todos deveriam reflectir sobre a realidade que são e o mais que podem dar por todos nós que somos AVEIRO.*

*A construção da CIDADE faz-se com o contributo de todos, que participam de forma diferente mas igualmente valiosa: ao executivo camarário compete a administração de todo o território municipal; mas é o trabalho de cada um, quer no seu espaço profissional quer no seu comportamento perante tudo o que o cerca, que vai caracterizar a vida de uma comunidade e permitir o seu progresso dentro de perspectivas que a todos dê satisfação. Perspectivas que divergem (e por vezes muito), conforme a sensibilidade de cada um, mas que devem ser auscultadas e ponderadas, quer de forma directa quer através de órgãos representativos, como seja o caso da Assembleia Municipal. A esta cabe a obrigação de transmitir aos órgãos de decisão o sentimento da população perante os diversos problemas que à cidade e ao concelho se vão apresentando e perante os quais reage de formas diferentes, consoante as suas condições sociais, culturais, económicas e políticas. Missão nem sempre fácil pela dificuldade de conciliar interesses individuais ou de grupo com os da comunidade, mas que por todos deve ser reconhecida como absolutamente essencial num estado democrático.*

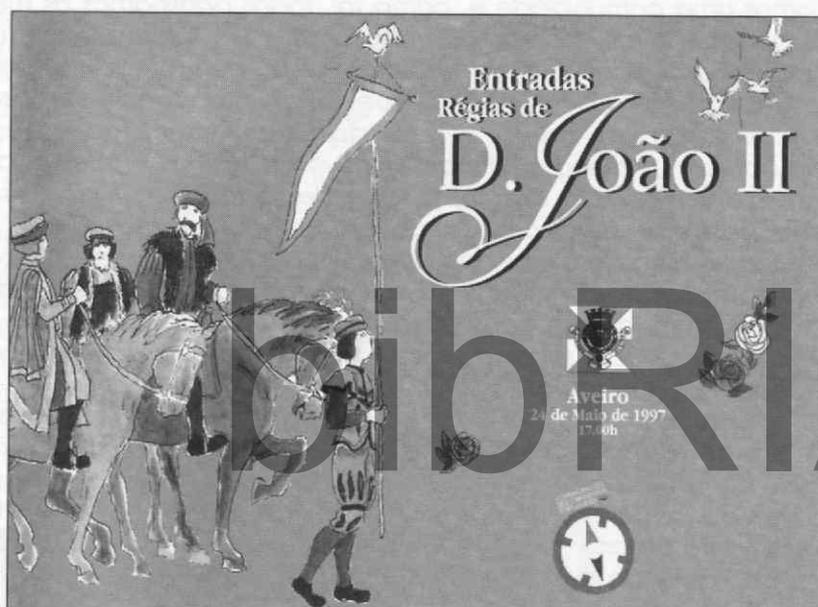
*A cerimónia, que hoje aqui teve lugar, traduz exactamente este sentimento de reflectirmos sobre aquilo que somos e o que gostaríamos de ser. O reconhecimento prestado às pessoas e empresas, que hoje aqui foram destacadas, é, certamente, fruto de uma reflexão em que se procuraram aqueles que podem ser considerados o nosso padrão de vida. Neste momento, são as nossas referências e bem merecem ser felicitados por esse facto. Será bom que consciencializemos bem a atitude assumida e que não nos esqueçamos de lhes seguir o exemplo.*

*Parabéns aos homenageados. Que o seu exemplo nos ajude a construir uma sociedade melhor.*

## ENTRADAS RÉGIAS DE D. JOÃO II

Apesar da chuva persistente, com trovoada à mistura, que marcou a tarde do dia 24 de Maio de 1997 - último dia das Festas do Município muitos milhares de pessoas acorreram a Aveiro para assistirem à recomposição das entradas ou visitas que el-rei D. João II realizou à então vila, onde se encontrava sua irmã, a Princesa D. Joana.

A organização, que obedeceu às descrições dos cronistas, foi da iniciativa da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses e teve o apoio da Câmara Municipal, o patrocínio de várias empresas e a participação da Guarda Nacional Republicana, da Marinha Portuguesa, do Ginásio Clube Português, de diversas escolas e associações culturais e folclóricas. Assim se pôde montar um sumptuoso espectáculo de rua, que fez recordar e viver um acontecimento quatrocentista, em que entraram mais de quinhentos figurantes, precedidos por um corpo de militares, ricamente vestidos, tocando tambores e trombetas, a anunciar a chegada de tão ilustre personagem.



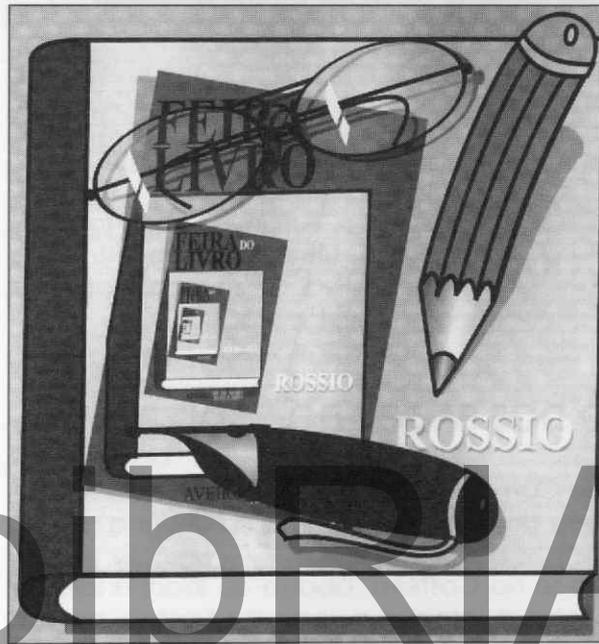
Os espectadores, com o desfilar do cortejo em toda a sua grandeza, puderam observar os trajes exóticos na sua diferença e riqueza, os malabaristas de circo, os fidalgos e as damas da Casa Real, os clérigos, os doutores e os escribas, os cavalos convenientemente ajaezados, os mastros, as bandeiras e as grinaldas nos locais do percurso, as ruas atapetadas de verdura, a queima das plantas odoríficas, a largada de pombas, o repicar festivo dos sinos das igrejas e dos Paços do Concelho; com o povo de agora estavam também membros da plebe de então, alegres e divertidos.

O desfile régio, seguindo por artérias de cariz mais antigo, parou em três locais: - no primeiro, na Rua de Sá, o rei foi saudado, lendo-se palavras do cronista Garcia de Resende, a que se seguiram vivas e números de dança; no segundo, no Largo de Maia Magalhães, recordou-se o casamento do Infante D. Afonso, filho de el-rei, com D. Isabel de Castela; e no último, na Praça de Melo Freitas, o rei recebeu as honras das elites aveirenses, tendo-lhe sido entregues as chaves da vila, como prova de fidelidade, respeito e admiração, na presença dos elementos do clero, dos donatários, dos membros das corporações locais e dos vários vereadores. Por fim, D. João II, a cavalo e sob o pálido, "entrou" na vila de Aveiro, ao som dos estrondos da artilharia, misturados com os acordes musicais.

Esta evocação do passado histórico foi concebida por António Camões Gouveia, com coordenação de Cristina Paiva e João Loy, encenação deste mesmo artista e coreografia de José Luís Paiva.

## FEIRA DO LIVRO

De 29 de Maio a 10 de Junho de 1997, esteve aberta ao público a Feira do Livro, no Rossio, com vinte e dois "stands" em que estiveram presentes setenta e cinco editoras, três livrarias e duas distribuidoras. Durante o certame, procedeu-se ao lançamento de dois livros de escritores aveirenses: - "Aveiro na História", de Mons. João Gaspar (29 de Maio) e "Cagaréus e Ceboleiros", de João Sarabando (10 de Junho).



Entretanto, no dia 7 de Junho, realizou-se um encontro de autores regionais, em que alguns destes escritores usaram da palavra, testemunhando as suas experiências e as suas dificuldades. Os textos que proferiram encontram-se neste número do *Boletim Municipal*, que lhes é dedicado.

A Feira do Livro, organizada por iniciativa da Câmara Municipal, contou com um bem diversificado programa de animação, que teve por finalidade atrair visitantes e compradores. O Grupo VivArte encarregou-se de

sessões de malabarismos e estátuas humanas; o Coro Gregoriano de Lisboa e Luís António Madureira comemoraram o terceiro centenário do Padre António Vieira; a Tuna de Santa Joana responsabilizou-se por um serão; alguns grupos folclóricos actuaram na tarde do dia 1 de Junho; o Grupo de Teatro Efémoro, a actriz Zezé Polessa e a ACAD realizaram outros espectáculos; o Projecto de Dança de Aveiro, a CERCIÁV e a Banda Amizade proporcionaram momentos de dança e de música; o Cine-Clube de Aveiro promoveu um colóquio, que teve como orador o maestro José Duarte; o responsável pelo Projecto da Rede de Bibliotecas Escolares do Ministério da Cultura encarregou-se de um outro colóquio, destinado sobretudo a professores. Ainda é de referir que, no átrio da Biblioteca Municipal, esteve patente uma exposição fotográfica dos festejos em honra de S. Gonçalinho, da autoria de Jorge S. Pandeirada.

## SEMANA AVEIRO JOVEM

Por iniciativa do Pelouro da Juventude da Câmara Municipal, realizou-se a "Semana Aveiro Jovem", que se desenrolou de 7 a 15 de Junho.

Regista-se o acontecimento pelo multifacetado programa, com os mais diversificados números, que interessaram os jovens. Anotam-se apenas alguns títulos, por onde se pode concluir que todas as horas em todos os dias foram completamente ocupados com actividades: -

Desporto, campeonato de futebol inter-associações culturais, estágio internacional de aikido, "Curso de Formação Inicial de Juizes de Ginástica



Ritmica", "O Jovem e Ria", concursos, exposição "Art&nvenção", folclore, intercâmbio juvenil, passagem de modelos, filme "Mamma Roma", fotografia, aeróbica, tiro com arco e besta, festival de música moderna, espécies cinérgicas ao vivo, dança moderna e clássica.

## 200 ANOS DO EDIFÍCIO DOS PAÇOS DO CONCELHO

Na frontaria do edifício da Câmara Municipal de Aveiro, encontra-se gravada a data de 1797; trata-se do ano que certamente designa a data média da sua construção.

O anterior edifício situava-se na Costeira, abaixo do local onde, no início do século XVII, se ergueram a igreja e a sede da Santa Casa da Misericórdia e junto à porta da Ribeira. Uma vez elevada a vila de Aveiro à qualificação de cidade, por mercê régia de 1759, os responsáveis do Concelho pensaram decididamente em dotar o Município com uma nova casa, que condissesse com a categoria da urbe; iria albergar, como era então costume, não apenas os serviços respectivos da autarquia, mas também as repartições judiciais, incluindo a cadeia.

A mencionada efeméride não passou em vão. Os actuais responsáveis autárquicos deliberaram promover um concerto sinfónico que, celebrando a data centenária, também comemorou, mais uma vez, os vinte anos do poder local. O concerto realizou-se na Praça da República, tendo como fundo a fachada do edifício, e nele colaboraram a Orquestra de Câmara de Aveiro, com oitenta músicos, o Coro de Santa Joana, o Coral Vera-Cruz, o Coro Universitário de Aveiro e a Academia de Bailado Clássico de Aveiro, sob a direcção musical do maestro António Duarte Neves.

Do respectivo programa constou o seguinte: - Assim falava Zarathrusta (Richard Strauss); Abertura de Leonor III (Beethoven); Melodias célebres de autores aveirenses (Nóbrega e Sousa, Alexandre Rodrigues, João Lé e Vasco Rocha, com selecção e arranjo de Duarte Neves); Final do II Acto da ópera "Aida" (Verdi); e Abertura "1812" (Tchaikvsky). O concerto terminou com "bombardas" e repiques de sinos, incluídos na referida Abertura.

O Parque de Feiras e Exposições de Aveiro foi palco do VI Salão Automóvel que, por iniciativa da Câmara Municipal, se realizou de 14 a 22 de Junho de 1997. Estiveram presentes catorze expositores no pavilhão octogonal, oito no pavilhão rectangular, um no pavilhão verde e seis na área livre.

Mais uma vez, esta mostra pretendeu divulgar o que de mais actual há para oferecer, referente ao sector. A evolução permanente não pára, numa constante concorrência, não faltando a criatividade e o empenho, em qualquer das marcas e modelos; por isso mesmo, ano a ano, o Salão é sempre aliciante.

Os milhares de visitantes, se outro interesse não tiveram, ao menos ficaram a par do que melhor se fabrica num ramo tão diversificado.

**AVEIRO**  
14 A 22 DE JUNHO



**SALÃO 97**  
**AUTOMÓVEL**

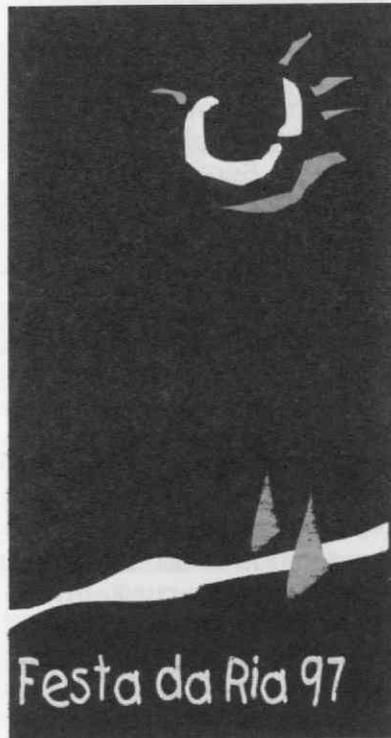
# biblioteca

## FESTA DA RIA

Com uma organização da responsabilidade das Câmaras Municipais de Aveiro, Estarreja, Ilhavo, Murtoza, Ovar e Vagos e com o patrocínio da Região de Turismo da Rota da Luz, deu-se cumprimento aos diversos números do programa da Festa da Ria, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro. Em todos aqueles concelhos ribeirnhos houve manifestações culturais, recreativas, folclóricas, etnográficas e religiosas.

Merece uma alusão especial a regata dos moliceiros, desde a Torreira até Aveiro, na tarde de 19 de Julho, em que participaram vinte e três barcos. Evidenciou-se, mais uma vez, a arte, a perícia e o conhecimento, na condução de tais embarcações, verdadeiros "ex-libris" da nossa ria. Um dos momentos mais belos verificou-se quando os moliceiros passaram ao largo de São Jacinto.

A vitória da regata coube ao Lameirense (20 000\$00), uma embarcação inaugurada há umas semanas; seguiram-se na premiação António Joaquim Pereira dos Santos Garrete (10 000\$00), Fernando Dias da Silva Tavares (5 000\$00), Arnaldo Belo (4 500\$00) e António Manuel Cime de Almeida (4 500\$00).



No dia seguinte, realizou-se o concurso dos painéis dos barcos moliceiros. O Júri, após cuidadoso exame, deliberou atribuir os seguintes prémios: - 1º, Lameirense (35 000\$00); 2º, Manuel Vieira (32 500\$00); 3º António Manuel Cirne de Almeida (30 000\$00); 4º - Arnaldo Belo (27 500\$00); 5º - Manuel Vieira (25 000\$00). Foram ainda concedidos prémios de presença e de pinturas novas, no valor unitário de 45 000\$00.

## ENCONTRO COM MÚSICAS

Realizou-se em Aveiro, de 1 a 12 de Julho, o III Encontro com Músicas, da iniciativa do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal e com a colaboração do Instituto Português de Administração e Marketing, apresentando-se como um dos mais ecléticos festivais de música do nosso País; no dizer dos directores artísticos, Fernando Valente e António Ferro, "este festival continua a ser inédito em Portugal, pela diversidade de géneros musicais concentrados num mesmo local e no espaço de uma semana".

De facto, o seu programa, com "música para todos os ouvidos", apareceu com um pouco de muita coisa: - 4 de Julho, no pavilhão rectangular do Parque das Feiras e Exposições: Pedro



Abrunhosa, com Mário Barreiros, Diana Bastos, Eduardo Santos, Edgar Caramelo, Claus Nymark, Cláudio Souto, João André e Alexandre Frazão; - 5 de Julho, no canal central da ria de Aveiro: Serenata de Coimbra, por Joaquim D'Azurvéem; - 9 de Julho, no Centro Cultural e de Congressos: Sonoridades, por José Espanha, Fernando Nascimento, Paulo Pinto, António Ferro e Francisco Cardoso; Rão Kyao, com Renato Júnior, Filú, Quim M'Jojo e Bondó; - 10 de Julho, no Centro Cultural e de Congressos: Salzburg Chamber, com Henk Van Twillert, Sonja Van Beek, Laverd Skou Larsen, Anna Zimmerebner, Johannes Erkes, Datlef Mielke e Dominic Seldis; - 11 de Julho, no Rossio: Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana, sendo maestro o Cap. Jacinto Coito Abrantes Montezo; - 12 de Julho, no Rossio: Just Soul Orquestra, com Faria, Diana Bastos, Isabel Ventura, Rui Teixeira, Reis Lima, David, Fernando Nascimento, Jorge Filipe, Ricardo Rodrigues, Luís Filipe e Luís David.

## AGROVOUGA

Neste ano de 1997, a Agrovouga - Feira Nacional do Bovino Leiteiro e Feira Agrícola e Industrial da Região do Vouga - efectuou-se de 12 a 20 de Julho, ocupando todo o recinto do Parque Municipal de Feiras e Exposições. Cada um dos dias foi especialmente dedicado a um tema: floricultura (13), gado bovino marinhão (14), lacticínios (15), qualidade (16), expositor e ao criador (17), máquina (18), vaca leiteira (19) e cavalo (20).

No decorrer do certame, além de provas de queijos e vinhos, de



mostras gastronómicas e de convívios, houve vários colóquios, tanto sobre a PAC (Política Agrícola Comum), na União Europeia, como sobre o sector leiteiro e outros assuntos de interesse. Realizaram-se também diversos concursos e festivais: - XVIII Concurso Nacional do Queijo Flamengo, tanto de formato bola como de formato barra; III Concurso Nacional da Raça Marinhoa, dividido em sete secções; LIV Concurso de Bovinos da Raça Arouquesa, dividido em quatro classes; LIV Concurso Regional da Raça Holstein Frísia; XVIII Concurso Nacional da Raça Holstein Frísia; VI Concurso Nacional de Arelagens; III Festival Hípico de Aveiro; Concurso Nacional de Equinos; Concurso de Saltos Nacional; Concurso de Apresentação do Cavalo de Sela; Concurso Completo de Equitação;

Xaranga a cavalo da Guarda Nacional Republicana; e Concurso de Ane Floral, nas modalidades de tema obrigatório e de tema livre.

Foi assim que, pela vigésima segunda vez, se deram a conhecer as diversas facetas da actividade agro-pecuária, não só regional como também nacional. No pavilhão octogonal estiveram trinta e oito expositores; no rectangular, trinta e nove; e, na área livre, vinte e dois, além de quinze "stands" de comes e bebes e dezoito barraquinhas.

# biblioteca

## PORTUGAL NA ABERTURA DO MUNDO

O Centro Cultural e de Congressos recebeu, no dia 8 de Agosto de 1997, a exposição temática denominada "Portugal na Abertura do Mundo", a cargo da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, a qual ficou patente até 19 de Outubro.

A mostra assentou em quatro grandes temas:

- *A Idade dos Mundos Fechados.* Nesta parte, teve-se um panorama das diferentes civilizações nos finais do século XIV; ao mesmo tempo, apontou-se a situação de Portugal num lugar de encontro entre a Europa e a Africa, e entre cristãos, judeus e mouros.

- *O Sentido dos Descobrimientos Portugueses.* A epopeia portuguesa surgiu como um fenómeno de expansão planetária dos europeus nos séculos XV e XVI, em que Portugal, alcançando um papel vanguardista e fundamental, estabeleceu contactos nas terras africanas, asiáticas e americanas.

- *A Cultura dos Descobrimientos Portugueses.* Viu-se também que Portugal se manifestou como mensageiro da nossa civilização, da nossa cultura e da religião cristã e se tornou um singular intercomunicador da Europa com outros povos.

- *O Encontro dos Mundos.* Finalmente, a mostra desejou corroborar a afirmação da decisiva abertura mútua dos diversos mundos, em que Portugal exerceu extraordinária acção, nos capítulos da circulação de pessoas, do comércio de coisas materiais, da expansão espiritual e dos conhecimentos sobre a natureza e sobre o homem.

Em 1997 realizou-se a décima oitava edição da Feira de Artesanato da Região de Aveiro - FARAV - que simultaneamente foi a décima Mostra Nacional e Internacional de Artesanato; ocupando o Parque de Feiras e Exposições, teve início no dia 9 de Agosto para terminar no dia 17 seguinte. A organização pertenceu à Câmara Municipal de Aveiro, que contou com o apoio do Instituto do Emprego e Formação Profissional, da Região de Turismo da Rota da Luz e da Cooperativa de Artesãos da Região de Aveiro "A Barrica".



Registaram-se os seguintes números de estatística: - *Inscrições aceites: 168; Artesãos a trabalhar ao vivo: 82; Artesãos nacionais: 94; Artesãos do Concelho de Aveiro: 32; Câmaras Municipais: 19* (Albergaria-a-Velha, Alcobaça, Arouca, Aveiro, Cascais, Castelo de Paiva, Estarreja, Ílhavo, Maia, Murtosa, Oliveira de Azeméis, Oliveira do Bairro, Ovar, São João da Madeira, Sever do Vouga, Tondela, Vagos, Vale de Cambra e Valongo); *Juntas de Freguesia: 2* (Glória e Nariz); *Associações de Artesanato: 5* (Associação Cultural de Aradas, Associação Cultural de Artistas de Esgueira, Associação de Artesãos do Mogadouro, Associação para a Defesa do Artesanato e Património de Vila do Conde e Cooperativa de Artesãos da Região de Aveiro "A Barrica"); *Representações Oficiais: 8* (Amigos da Misericórdia de

Aveiro, Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental, Centro de Acção Social do Concelho de Ílhavo, Centro de Formação Profissional de Artesanato - Zona Industrial da Pedrulha, Ensino Recorrente e Educação Extra-Escolar, Estabelecimento Prisional Regional de Aveiro, Instituto do Emprego e Formação Profissional, Núcleo de Artes Plásticas da Associação Académica da Universidade de Aveiro); *Representações Estrangeiras: 19* (Bolívia, Brasil, China, Costa Rica, Egipto, El Salvador, Equador, Espanha, Guatemala, Hong-Kong, Índia, Marrocos, Paquistão, Paraguai, Perú, Ruanda, Rússia, Senegal e Tailândia); *Regiões de Turismo: 1* (Rota da Luz); *Concurso "A Melhor Peça de Artesanato": 44.*

Paralelamente, integrada nesta mostra de artesanato, decorreu a Feira de Gastronomia, em que foram servidos almoços e jantares por diversos restaurantes, segundo a cozinha típica da região aveirense; na mesma ocasião, a Rota da Luz publicou um livro de receitas, profusamente ilustrado em edição de luxo, que foi apresentado no dia 9.

No programa de animação, intervieram: - Grupo "La Machine", Orquestra Ligeira de Castelo de Paiva, Grupo de Cantares de Albergaria, Grupo de Música Popular Portuguesa "Pint' o Bago", Grupo de Cantares do Silveiro, Grupo "Nem Ata Nem Desata" e Ílhavo.

O Júri do concurso "A Melhor Peça de Artesanato", depois de apreciar os trabalhos que se candidataram, deliberou premiar os seguintes:

- *Metais: - 1º prémio: "Brasão", de Horácio Marques Bento; Menção honrosa: "Barco sul antigo", de José Alberto Sousa.*

- *Pintura de painéis cerâmicos*: - Menções honrosas: Trabalhos de Rui Manuel Marques Campos e Marcos Rui Oliveira Muge.

- *Artesanato tradicional em madeira*: - 1º prémio: "Fragata do Tejo", de João Agostinho da Silva; Menções Honrosas: "Mercantel", de Manuel Martins Rufo, e "Cristo", de Joaquim Pereira dos Santos.

- *Cerâmica*: - 1º prémio: "Passeio de domingo, séc. XIX", de Joaquim José Lopes Saraiva. - *Artesanato criativo*: 1º prémio: "Prato tigela decorativa", de Nuno Miguel Neto.

## JARDIM IMAGINÁRIO

No dia 25 de Outubro, na margem da ribeira de Vilar e à ilharga do bairro da Forca-Vouga, procedeu-se à inauguração do chamado "Jardim Imaginário", onde se implantaram as esculturas do I Simpósio do Barro Vermelho.

Este Simpósio resultou de uma acção concertada entre a Câmara Municipal de Aveiro e a Associação da Indústria de Cerâmica da Região de Aveiro (CIBAVE). Com este evento, procurou-se sensibilizar a comunidade, sobretudo os jovens, para as potencialidades de um material comum, qual é o barro vermelho.

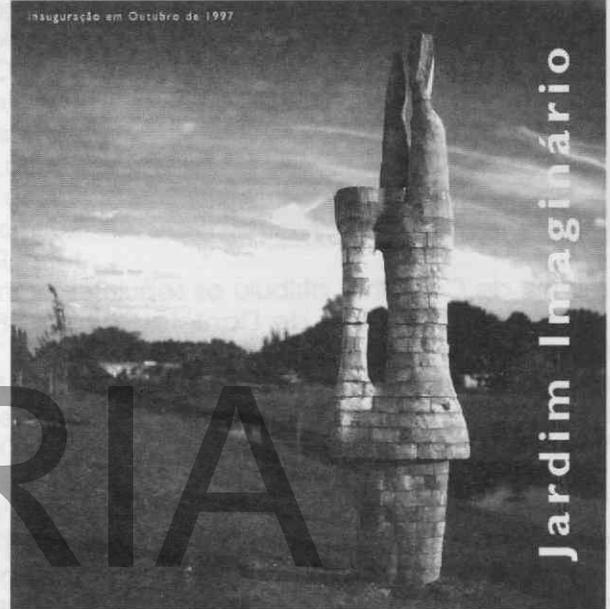
Contudo, pretendeu-se mesmo lembrar que o grupo dos novos escultores e modeladores, que deixaram as suas peças no referido local, está na linha tradicional de Aveiro;

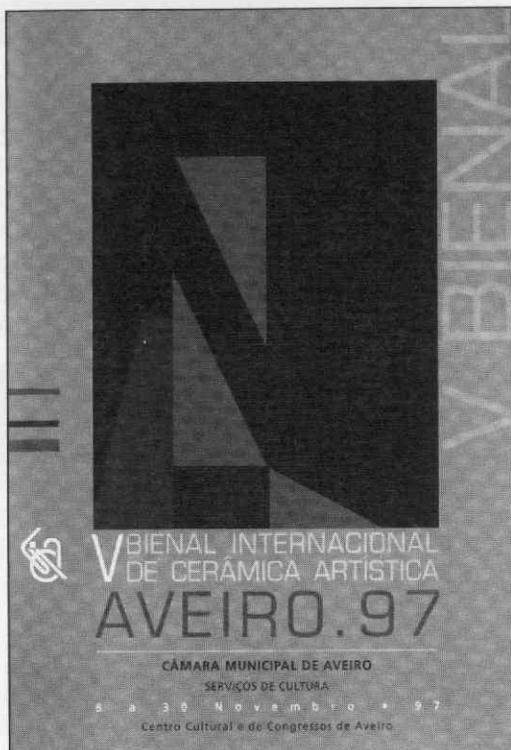
efectivamente, em séculos passados, aqui existiu o bairro dos Oleiros com a sua própria organização, viveram artesãos que nos deixaram trabalhos de grande categoria artística, sobretudo de feição religiosa, de uso doméstico e de pendor decorativo, e surgiram numerosas fábricas cerâmicas, algumas delas levando o nome de Aveiro para além das fronteiras nacionais.

As peças, cozidas na "Cerâmica de Vagos, Lda.", têm a assinatura dos artistas Rui Matos, Susana Piteira, Zé Maria Luís Cruz e Volker Schnüttgen.

## V BIENAL INTERNACIONAL DE CERÂMICA ARTÍSTICA

De 8 a 30 de Novembro de 1997, teve lugar, no Centro Cultural e de Congressos, a V Bienal Internacional de Cerâmica Artística - Aveiro/97. Sendo da iniciativa da Câmara Municipal de Aveiro, contou com os patrocínios e os apoios do FEDER, da Região de Turismo da Rota da Luz, do Instituto de Emprego e Formação Profissional, da Caixa Geral de Depósitos, de Braga Alves - Despachantes Oficiais, Lda., do Hotel Imperial, da Sociedade Portuguesa de Seguros, S.A., da Faculdade de Belas Artes do Porto, da Faculdade de Belas Artes de Lisboa, da Sociedade Nacional de Belas Artes, da Escola Superior Artística do Porto e da Royal School of Languages.





Contando com o convidado - Yves Malfliet, da Bélgica - que apresentou três "Cápsulas Mundiais", participaram 43 artistas, com 64 peças, após a selecção criteriosamente efectuada pelo respectivo Júri, entre as 154 inscrições correspondentes a um total de 328 peças. Os mencionados artistas eram oriundos dos seguintes países: - Argentina (2), Áustria (2), Bélgica (2), Bulgária (1), Espanha (2), Holanda (1), Inglaterra (1), Irlanda (1), Jugoslávia (5), México (1), Portugal (18), Roménia (4), Taiwan (2) e Ucrânia (1).

O Júri de Selecção e Premiação, constituído pela professora ceramista D. Cecília de Sousa, pelo Eng. Alberto Faria Frasco, pelo ceramista Ferreira da Silva, pelo pintor ceramista Mestre Júlio Resende e pelo escultor

Zulmiro de Carvalho, atribuiu os seguintes prémios e menções honrosas: - *Prémios*: 1º: "Trinity", de Daniela Chirciu - Fainis (Roménia); 2º: "The Mountain", de Ihor Kovalovych (Ucrania); 3º: "Lonesome Horse" e "Flyng Horse", de Elke (Austria); *Menções honrosas*: "Nascidas da Terra", de Ilda Duarte Bragança (Portugal); "Cactus", de Teresa (Espanha); "After the Wind" e "Rolling Through the Time", de Tijana Dujovic-Liscevic (Jugoslávia); "Colunas de Mensagens Criptográficas", de José Monteiro (Portugal); "Pote", "Jarrão" e "Anfora", de Manoquinto (Portugal); e "Tree" e "Alfar", de Simona Tanasescu (Roménia).

O certame foi visitado por mais de cinco mil pessoas, entre as quais se contaram muitos jovens estudantes, e constituiu uma manifestação cultural que ultrapassou, como os anteriores, as fronteiras de Portugal e da própria Europa.

## "AVEIRO, MEMÓRIA E PATRIMÓNIO - QUE FUTURO?"

Durante o dia 19 de Dezembro, decorreu, no auditório da Biblioteca Municipal de Aveiro, um seminário em que foram versados e reflectidos alguns assuntos, todos subordinados ao tema em epígrafe. Perante um público interessado, vários oradores orientaram a multifacetada reflexão, não apenas expondo com clareza os seus pontos de vista mas também respondendo pontualmente aos pedidos de esclarecimento que lhes foram feitos.

Após a palavra de abertura dos trabalhos, de que se responsabilizou a vereadora do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal, seguiram-se as sessões com as diversas intervenções:

- Dr. Manuel Barreira - *As Muralhas da Vila de Aveiro*;
- Dr. Messias Trindade - *História das Populações e História Local*;
- Dr. Pedro Silva - *A Cidade e a Memória - os signos, as subtilzas, os olhares e o céu*;
- Dr. Amaro Neves - *Defesa do Património Aveirense*;

- Mons. João Gaspar - *Um passeio pela História e pela Arte em Aveiro;*

- Dra. Maria Isabel Pereira (Directora do Museu Nacional de Aveiro) - *Museu de Aveiro - Memória e Património;*

- Dra. Inês Amorim (Docente na F.L.U.P.) - *Aveiro - Território e Poder; Uma difícil construção - Ontem (séc. XVIII e Amanhã);*

- Dr. Manuel Rodrigues - *Sociedade, Economia e Empresa.*

Assim se tomou mais consciência dos valores do património aveirense, que se pretende salvaguardar porque, como alguém disse, todo o património histórico se deve considerar condicionado por uma hipoteca social em favor da comunidade; destruí-lo ou mutilá-lo seria um crime contra a história e contra a cultura.



# biblioteca

## PELA VILA DE CACIA



O Grupo Folclórico da Casa do Povo de Cacia tomou a iniciativa de organizar o XVIII Festival Nacional de Folclore de Cacia; para isso, contou com o patrocínio e o apoio da Câmara Municipal de Aveiro, do Governo Civil do Distrito, do Inatel, da Rota da Luz, da Junta de Freguesia e de casas comerciais.

O evento realizou-se na tarde do dia 1 de Junho de 1997 e nele se integraram os seguintes agrupamentos, além do organizador: - Rancho Folclórico da Correlhã (Ponte de Lima), Grupo Regional de Moreira da Maia, Grupo Folclórico da Região de Ovar, Rancho Folclórico e Etnográfico da Pampilhosa, Rancho Folclórico de Torres Novas e Rancho Folclórico da Conceição de Tavira.

Constava do programa um desfile que, pelas condições chuvosas do tempo, não se pôde efectuar. O espectáculo decorreu no salão da Junta de Freguesia e foi aberto pela Fanfarra de São Jacinto.

## POR REQUEIXO



### I - Museu de Sant'Ana

Desde o dia 28 de Setembro de 1997 que é uma realidade consoladora o Museu de Sant'Ana, em Requeixo, por cuja instalação se interessaram a Câmara Municipal de Aveiro, a Junta de Freguesia local e ainda

o Grupo Cultural e Etnográfico de Requeixo.

Todavía, não se podem esquecer a especial colaboração e o decidido empenho do Comissário Atanásio dos Reis que, em protocolo com a Autarquia, logo disponibilizou o seu imóvel, que se considera como um valioso testemunho do nosso património de cariz rural. Com este gesto, assim se deu expressão à vontade das gentes da região, abrindo-se as portas de um museu em que a identidade cultural se reflecte, divulga e valoriza, no seio da própria comunidade.

Do programa da inauguração constou, entre outras alíneas, a actuação do Grupo Cultural de Teatro da Taipa, do Grupo Folclórico do Carregal e do Grupo Cultural e Recreativo da Taipa; além disso, procedeu-se ao lançamento do catálogo das colecções permanentes do mencionado núcleo museológico de Sant'Ana.

## **II - Homenagem ao Eng. Manuel Pontes**

Vencidas algumas dificuldades, surgidas ao longo das fases preparatórias, Requeixo prestou significativa homenagem ao Eng. Manuel Simões Pontes, a título póstumo, tendo contado com o eficaz apoio da Autarquia Municipal.

O programa contemplou a celebração litúrgica de oração, com coro, na igreja matriz, a romagem à campa no cemitério local, o descerramento do busto no largo fronteiro ao Centro Social e breves alocações alusivas ao homenageado.

O Eng. Manuel Pontes distinguiu-se pela devoção que dedicava ao cooperativismo no mundo rural; por ele se bateu intemerata e corajosamente, de muitos e variados modos, nunca descansando, com o fim de ver progredir a agricultura e todos aqueles que, com dignidade, a ela diariamente e sem descanso se entregam. Foi um homem simples que servia sem se servir, porque o seu bem-estar era o bem-estar dos outros; por isso, nada temia, nem as incompreensões malsãs nem as críticas destrutivas. Há muito que a freguesia de Requeixo aspirava por concretizar esta justa homenagem.

BIOTRIA

1998

## CALENDÁRIO DE FEIRAS

### **IX SALÃO DE ANTIGUIDADES**

Lions Santa Joana

26 de Fevereiro a 1 de Março

### **FEIRA DE MARÇO**

25 de Março a 25 de Abril

### **FEIRA DO LIVRO (Rossio)**

Maio/Junho

### **FEIRA DO AUTOMÓVEL USADO**

13 a 21 de Junho

### **AGROVOUGA**

Feira Nacional do Bovino Leiteiro  
Feira Agrícola e Industrial

11 a 19 de Julho

### **FARAV**

XIX Feira de Artesanato da Região de Aveiro  
XI Mostra Nacional e Internacional de Artesanato

8 a 16 de Agosto

### **3ª FEIRA DA GASTRONOMIA**

8 a 16 de Agosto

### **DECORCASA**

Salão Internacional de Decoração,  
Mobiliário e Iluminação

23 de Outubro a 1 de Novembro

### **FEIRA DAS VELHARIAS**

Janeiro 25; Fevereiro 22; Maio 24; Junho 28; Julho 26; Agosto 23; Setembro 27;  
Outubro 25; Novembro 22; Dezembro 27

### **FEIRA DOS 28**

Janeiro 28; Fevereiro 28; Maio 28; Junho 28; Julho 28; Agosto 28; Setembro 14/28;  
Outubro 28; Novembro 14/28; Dezembro 14/28